

Itália

OU

“DIGA COMO SE ESTIVESSE COMENDO.”

OU

TRINTA E SEIS HISTÓRIAS SOBRE A BUSCA DO PRAZER

Tu queria que Giovanni me beijasse. Ah, mas são tantos os motivos que fariam disso uma péssima idéia... Para começar, Giovanni é dez anos mais novo do que eu, e – como a maior parte dos rapazes italianos de vinte e poucos anos – ainda mora com a mãe. Só esses dois fatos já fazem dele um parceiro romântico improvável para mim, já que sou uma americana de trinta e poucos anos que trabalha, acaba de passar por um casamento falido e por um divórcio arrasador e interminável, imediatamente seguido por um caso de amor apaixonado que terminou com uma dolorosa ruptura. Todas essas perdas, uma atrás da outra, deixaram em mim uma sensação de tristeza e fragilidade, e a impressão de ter mais ou menos 7 mil anos de idade. Por uma simples questão de princípios, eu não imporia essa minha pessoa desanimada, derrotada e velha ao adorável, inocente Giovanni. Sem falar que eu finalmente havia chegado à idade em que uma mulher começa a questionar se a maneira mais sensata de superar a perda de um lindo rapaz de olhos castanhos é mesmo levar outro para sua cama imediatamente. É por isso que já faz muitos meses que estou sozinha. É por isso, na verdade, que decidi passar este ano inteiro sozinha.

Diante do que o observador mais arguto poderá perguntar: “Então por que você veio para a *Itália*?”

E tudo que posso responder – sobretudo quando olho para o belo Giovanni do outro lado da mesa – é: “Boa pergunta.”

Giovanni é meu parceiro de intercâmbio de línguas. Isto pode parecer uma insinuação, mas infelizmente não é. Tudo o que realmente significa é que nós nos encontramos algumas noites por semana aqui em Roma para praticar o idioma um do outro. Primeiro conversamos em italiano, e ele é paciente comigo; em seguida, conversamos em in-

glês, e eu sou paciente com ele. Descobri Giovanni algumas semanas depois de ter chegado a Roma, graças ao grande cybercafé da Piazza Barbarini, do outro lado da rua, em frente àquele chafariz com a escultura de um homem com rabo de peixe soprando sua concha. Ele (Giovanni, não o homem com rabo de peixe) fixara um anúncio no quadro de avisos explicando que um italiano nativo estava procurando alguém que falasse inglês para treinar conversação nas duas línguas. Logo ao lado do seu anúncio havia outro com o mesmo pedido, absolutamente idêntico em cada palavra, e até na fonte usada. A única diferença era a informação para contato. Um dos anúncios trazia o endereço eletrônico de um tal Giovanni; o outro tinha o nome de um tal Dario. Mas até o número do telefone residencial era o mesmo.

Usando meus aguçados poderes de intuição, mandei um *e-mail* para os dois homens ao mesmo tempo, perguntando, em italiano: “Será que vocês são irmãos?”

Foi Giovanni quem respondeu com este texto muito *provocativo*: “Melhor ainda. Gêmeos!”

Sim – muito melhor. Gêmeos idênticos de 25 anos, altos, morenos e lindos, conforme vim a descobrir, com aqueles gigantescos olhos castanhos de pupilas líquidas que os italianos têm e que simplesmente me tiram o chão. Depois de conhecer os rapazes pessoalmente, comecei a me perguntar se por acaso eu deveria ajustar um pouquinho minha regra quanto a permanecer solteira durante este ano. Por exemplo, talvez eu pudesse permanecer totalmente solteira *exceto* pelo fato de ter dois lindos irmãos italianos de 25 anos como amantes. Isso me lembrava um pouco um amigo meu que é vegetariano, mas come bacon, e no entanto... Eu já estava escrevendo a minha carta para o fórum de alguma revista masculina:

Em meio à penumbra bruxuleante iluminada pelas velas do café romano, era impossível dizer de quem eram as mãos que acariciavam...

Mas não.

Não, não, não.

Interrompi a fantasia no meio. Aquele não era o momento para eu arrumar uma história de amor e (conseqüência óbvia e inevitável) com-

plicar ainda mais minha já tão enrolada vida. Aquele era o momento para eu procurar o tipo de cura e paz que só podem vir da solidão.

De todo modo, àquela altura, em meados de novembro, o tímido e estudioso Giovanni e eu já havíamos nos tornado grandes amigos. Quanto a Dario – o mais extrovertido e festeiro dos dois irmãos –, eu o apresentei à minha encantadora amiguinha sueca, Sofie, e o modo como eles têm compartilhado as *suas* noites em Roma é outro tipo completamente diferente de intercâmbio. Mas Giovanni e eu só fazemos conversar. Bom, comer e conversar. Já faz várias agradáveis semanas que temos comido e conversado, dividindo pizzas e gentis correções gramaticais, e a noite de hoje não foi nenhuma exceção. Uma noite maravilhosa regada a novos idiomas e *mozzarella* fresca.

Agora é meia-noite e o tempo está enevoado, e Giovanni me acompanha até meu apartamento por aquelas ruelas de Roma que serpenteiam de forma natural em volta dos antigos prédios como pequenos riachos coleando ao redor das sombras formadas pelos densos bosques de ciprestes. Agora estamos diante da minha porta. Estamos de frente um para o outro. Ele me dá um abraço caloroso. A coisa já evoluiu; durante as primeiras semanas, ele só fazia apertar minha mão. Acho que, se eu ficasse na Itália por mais três anos, poderia até ser que ele tomasse coragem para me beijar. Por outro lado, ele poderia simplesmente me beijar agora mesmo, esta noite, aqui mesmo junto à minha porta... ainda há uma chance... quero dizer, nossos corpos estão colados sob o luar... e é claro que isso seria um erro *terrível*... mas mesmo assim o fato de ele poder realmente fazer isso agora é uma possibilidade tão maravilhosa... ele poder simplesmente se curvar... e... e...

Que nada.

Ele solta o abraço.

– Boa-noite, cara Liz – diz ele.

– *Buona notte, caro mio* – respondo.

Subo as escadas até meu apartamento no quarto andar, sozinha. Entro no meu pequenino quitinete, sozinha. Fecho a porta atrás de mim. Mais uma noite solitária em Roma. Mais uma longa noite de so-

no pela frente, sem ninguém nem nada na minha cama a não ser uma pilha de guias de conversação e dicionários de italiano.

Estou sozinha, inteiramente sozinha, completamente sozinha.

Ao absorver essa realidade, largo minha bolsa, caio de joelhos e encosto a testa no chão. Ali, ofereço ao universo uma fervorosa oração de agradecimento.

Primeiro, em inglês.

Em seguida, em italiano.

E então – só para ter certeza – em sânscrito.

2

Tuma vez que já estou ali ajoelhada no chão em posição de súplica, deixem-me manter essa posição enquanto viajo no tempo até três anos atrás, até o instante em que toda esta história começou – um instante que também me encontrou nessa mesma exata posição: de joelhos, no chão, rezando.

No entanto, tudo o mais em relação à cena de três anos atrás era diferente. Daquela vez eu não estava em Roma, mas sim no banheiro do andar de cima da grande casa no subúrbio de Nova York que eu acabara de comprar com meu marido. Eram mais ou menos três horas da manhã de um novembro gelado. Meu marido dormia na nossa cama. Eu estava escondida no banheiro pelo que deveria ser a 47ª noite consecutiva, e – como em todas aquelas outras noites – estava soluçando. Soluçando com tanta força, na verdade, que uma grande poça de lágrimas e muco se espalhava à minha frente sobre os ladrilhos do banheiro, um verdadeiro lago formado por toda minha vergonha, medo, confusão e dor.

Eu não quero mais estar casada.

Eu estava tentando tanto não saber isso, mas a verdade continuava a insistir.

Eu não quero mais estar casada. Não quero morar nesta casa grande. Não quero ter um filho.

Mas todos esperavam que eu quisesse ter um filho. Eu estava com 31 anos. Meu marido e eu – estávamos juntos havia oito anos, sendo seis casados – havíamos construído nossa vida inteira com base na expectativa comum de que, uma vez superada a avançada marca dos 30 anos, eu iria querer sossegar e ter filhos. Ambos esperávamos que, a essa altura, eu já tivesse me cansado de viajar e fosse ficar feliz em morar em uma casa grande e barulhenta, cheia de crianças e de colchas feitas a mão, com um jardim nos fundos e um reconfortante ensopado borbulhando em cima do fogão. (O fato de esse ser um retrato bastante fiel da minha mãe é um indicador rápido de como antigamente era difícil para mim perceber a diferença entre eu mesma e a poderosa mulher que havia me criado.) Mas eu não queria nenhuma dessas coisas – e estava arrasada por estar me dando conta disso. Pelo contrário: meus 20 anos haviam chegado ao fim, aquele prazo final dos 30 havia se abatido sobre mim como uma sentença de morte, e eu descobri que não queria engravidar. Continuava esperando querer ter um filho, mas isso não acontecia. E eu conheço a sensação de querer alguma coisa, podem acreditar. Sei muito bem o que é desejo. Mas esse desejo não existia. Além do mais, eu não conseguia parar de pensar no que minha irmã tinha me dito certo dia, enquanto amamentava seu primogênito: “Ter um filho é como fazer uma tatuagem na cara. Você precisa realmente ter certeza de que é isso que você quer antes de se comprometer.”

Mas como eu poderia voltar atrás agora? Tudo estava no lugar certo. Supostamente, aquele deveria ser o ano. Na verdade, já vínhamos tentando engravidar havia alguns meses. Mas nada tinha acontecido (exceto pelo fato de – em um arremedo quase sarcástico de uma gravidez – eu estar tendo enjôos matinais psicossomáticos e vomitando meu café-da-manhã todos os dias, aflita). E todo mês, quando eu ficava menstruada, via-me sussurrando furtivamente no banheiro: *Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada por me dar mais um mês de vida.*

Eu vinha tentando me convencer de que isso era normal. Todas as mulheres devem se sentir assim quando estão tentando engravidar, concluí. (“Ambivalente” foi a palavra que usei, evitando a descrição muito mais exata: “inteiramente dominada pelo pânico”.) Vinha ten-

tando me convencer de que os meus sentimentos eram comuns, apesar de todas as provas em contrário – como a conhecida com quem eu havia esbarrado na semana anterior, que acabara de descobrir que estava grávida do primeiro filho depois de gastar dois anos e rios de dinheiro em tratamentos de fertilidade. Ela estava em êxtase. Sempre desejara ser mãe, disse-me. Admitiu que vinha comprando roupinhas de bebê secretamente havia anos, e escondendo-as debaixo da cama, onde seu marido não as encontraria. Vi a alegria em seu rosto e a reconheci. Era uma alegria idêntica à que meu próprio rosto havia irradiado na primavera anterior, no dia em que descobri que a revista para a qual eu trabalhava iria me mandar para a Nova Zelândia para escrever um artigo sobre a busca por uma lula gigante. E pensei: “Até o dia em que eu conseguir sentir o mesmo êxtase em relação a ter um filho que senti em relação a ir para a Nova Zelândia atrás de uma lula gigante, não posso ter um filho.”

Eu não quero mais estar casada.

Durante o dia, eu recusava essa idéia, mas à noite ela me consumia. Que catástrofe. Como eu podia ser uma imbecil criminoso a ponto de ir tão fundo em um casamento para no final me separar? Havíamos acabado de comprar aquela casa, um ano antes. Eu não tinha desejado aquela bela casa? Não tinha adorado aquela casa? Então, por que agora passava as noites assombrando seus corredores, uivando como Medéia? Eu não sentia orgulho de tudo o que havíamos acumulado – a elegante casa em Hudson Valley, o apartamento em Manhattan, as oito linhas telefônicas, os amigos, os piqueniques e as festas, os finais de semana percorrendo as gôndolas da hiperloja em forma de caixote preferida, comprando ainda mais aparelhos a crédito? Eu havia participado ativamente de cada instante da criação daquela vida – então, por que sentia que nada daquilo combinava comigo? Por que me sentia tão soterrada pelo dever, cansada de ser o arrimo do casal, a dona de casa, a coordenadora de eventos sociais, a que levava o cachorro para passear, a esposa e a futura mãe, e – em alguns poucos instantes roubados – a escritora...?

Eu não quero mais estar casada.

Meu marido dormia no quarto ao lado, na nossa cama. Eu o amava e não conseguia suportá-lo, em igual medida. Não podia acordá-lo para fazê-lo compartilhar o meu desespero – de que adiantaria? Já fazia meses que ele me via desmoronar, acompanhando meu comportamento de louca (ambos concordávamos com essa definição), e eu só o exauria. Ambos sabíamos que havia *alguma coisa errada comigo*, e ele estava perdendo a paciência com isso. Brigávamos e chorávamos muito, e estávamos cansados daquele jeito que só um casal cujo casamento está acabando pode ficar. Nossos olhos pareciam olhos de refugiados.

Os muitos motivos pelos quais eu não queria mais estar casada com aquele homem são pessoais demais e tristes demais para serem compartilhados aqui. Muitos deles tinham a ver com coisas minhas, mas uma boa parte dos nossos problemas tinha a ver também com as questões dele. Isso é natural; afinal de contas, há sempre duas pessoas em um casamento – dois votos, duas opiniões, dois conjuntos conflitantes de decisões, desejos e limitações. Mas não considero adequado discutir as questões dele no meu livro. Tampouco pediria a alguém para acreditar que sou capaz de relatar uma versão imparcial da nossa história, portanto, a crônica do fim do nosso casamento não será contada aqui. Também não discutirei aqui todos os motivos pelos quais eu *ainda* queria ficar casada com ele, nem todas as suas características maravilhosas, nem os motivos que me fizeram amá-lo e me casar com ele, nem os motivos pelos quais eu era incapaz de imaginar a vida sem ele. Não vou abrir nenhuma dessas gavetas. Basta dizer que, naquela noite, ele ainda era, em igual medida, meu farol e minha ave de mau agouro. A única coisa mais inconcebível do que ir embora era ficar; a única coisa mais impossível do que ficar era ir embora. Eu não queria destruir nada nem ninguém. Só queria sair de fininho pela porta dos fundos, sem causar alvoroço nem conseqüências, e depois só parar de correr quando chegasse à Groenlândia.

Sei que essa parte da minha história não é uma parte feliz. Mas eu a estou compartilhando aqui porque alguma coisa estava prestes a acontecer naquele chão de banheiro que iria mudar para sempre o curso da minha vida – quase como um daqueles superacontecimentos as-

tronômicos malucos, quando um planeta gira no espaço sideral sem nenhum motivo, e seu núcleo incandescente se modifica, reposicionando seus pólos e alterando radicalmente seu formato, de tal modo que a massa inteira do planeta se torna subitamente oblonga em vez de esférica. Alguma coisa assim.

O que aconteceu foi que comecei a rezar.

Rezar, sabem – tipo para *Deus*.

3

Aquilo foi uma estréia para mim. E, como esta é a primeira vez em que menciono no meu livro essa palavra tão carregada de sentido – DEUS –, e já que essa é uma palavra que vai aparecer muitas outras vezes nestas páginas, parece justo que eu faça uma pequena pausa aqui, só para que as pessoas possam decidir de uma vez o quão ofendidas precisam ficar.

Deixando para mais tarde a polêmica sobre se Deus de fato existe (não – tenho uma idéia melhor: vamos esquecer essa polêmica de uma vez por todas), deixem-me explicar primeiro por que uso a palavra Deus, quando poderia muito bem usar as palavras *Jeová, Alá, Shiva, Brahma, Vishnu* ou *Zeus*. Ou então, eu poderia chamar Deus de “Aquilo”, que é como fazem as antigas escrituras em sânscrito, e que considero traduzir bastante bem a entidade onipresente e inominável que algumas vezes já vivenciei. Mas esse “Aquilo” me parece impessoal – uma coisa, não um ser –, e eu própria não consigo rezar para um Aquilo. Preciso de um nome de verdade, para sentir totalmente que existe alguém presente. Pelo mesmo motivo, quando rezo, não ofereço minhas preces ao Universo, ao Grande Vazio, à Força, ao Ser Supremo, ao Inteiro, ao Criador, à Luz, ao Poder Maior, nem mesmo à mais poética das manifestações do nome de Deus, tirada, acho eu, dos evangelhos gnósticos: “A Sombra da Virada”.

Não tenho nada contra nenhum desses termos. Sinto que são todos equivalentes, porque são todos descrições igualmente adequadas e ina-

dequadas do indescritível. Mas todos nós precisamos de um nome funcional para essa indescritibilidade, e “Deus” é o nome que me soa mais caloroso, então é ele que uso. Eu deveria confessar também que geralmente me refiro a Deus como “Ele”, o que não me incomoda porque, a meu ver, trata-se somente de um pronome pessoal que facilita as coisas, não de uma descrição anatômica precisa ou de um motivo para revolução. É claro que não me importo que as pessoas chamem Deus de “Ela”, e entendo o impulso que as leva a fazer isso. Repito – para mim, ambos são termos equivalentes, igualmente adequados e inadequados. Embora eu ache que escrever qualquer um dos dois pronomes em letra maiúscula seja um toque a mais, uma pequena gentileza na presença do divino.

Culturalmente, embora não teologicamente, sou cristã. Nasci protestante, branca e anglo-saxã. E, embora eu de fato ame aquele incrível professor da paz chamado Jesus, e embora me reserve o direito de me perguntar em determinadas situações difíceis o que de fato Ele faria, não consigo engolir aquela única regra fixa da cristandade que insiste que Jesus é o *único* caminho para Deus. Estritamente falando, então, não posso me considerar cristã. A maioria dos cristãos que conheço aceita meus sentimentos em relação a isso com benevolência e tolerância. Mas, bom, a maioria dos cristãos que *eu* conheço não fala de forma muito estrita. Para quem fala (e pensa) de forma estrita, tudo que posso fazer aqui é dizer que sinto muito por quaisquer sentimentos feridos, e em seguida pedir licença para não tocar mais no assunto.

Tradicionalmente, sempre me senti tocada pelos místicos transcendentais de todas as religiões. Sempre reagi com admirada animação a qualquer um que já tenha dito que Deus não mora em uma escritura dogmática, nem em um trono distante no céu, mas que ele está muito perto de nós – muito mais perto do que podemos imaginar, respirando através dos nossos próprios corações. Reajo com gratidão a quem quer que tenha viajado ao centro desse coração e depois tenha voltado ao mundo com um relato, para nós que ficamos, de que Deus é *uma experiência de amor supremo*. Em toda tradição religiosa sobre a Terra, sempre houve santos místicos e transcendentais que relataram exata-

mente essa experiência. Infelizmente, muitos deles acabaram presos e mortos. Mesmo assim, eu os tenho em muita alta consideração.

No final das contas, o que hoje penso em relação a Deus é simples. É assim: tive uma cadela maravilhosa. Ela havia sido abandonada. Era uma cruz de cerca de dez raças diferentes, mas parecia ter herdado as melhores características de todas elas. Ela era marrom. Quando as pessoas me perguntavam “De que raça é a sua cadela?”, eu sempre dava a mesma resposta: “Ela é marrom.” Da mesma forma, quando me fazem a pergunta “Em que tipo de Deus você acredita?”, minha resposta é fácil: “Acredito em um Deus grandioso.”

4

E claro que tive tempo de sobra para formular minhas opiniões sobre divindade desde aquela noite no chão do banheiro, quando falei diretamente com Deus pela primeira vez. Mas, no meio daquela crise negra de novembro, eu não estava interessada em formular opiniões sobre teologia. Estava interessada apenas em salvar minha vida. Eu finalmente percebera que parecia ter atingido um estado de impotência e desespero que ameaçava minha vida, e ocorreu-me que, às vezes, pessoas nesse estado recorrem à ajuda de Deus. Acho que eu tinha lido isso em um livro em algum lugar.

O que eu disse a Deus em meio a meus soluços arquejantes foi alguma coisa assim: “Oi, Deus. Tudo bem? Eu sou a Liz. Muito prazer.”

É isso mesmo – eu estava falando com o criador do universo como se houvéssemos acabado de ser apresentados em um coquetel. Mas nós trabalhamos com aquilo que conhecemos nesta vida, e essas são as palavras que sempre uso no início de um relacionamento. Na verdade, era tudo que eu podia fazer para não dizer: “Sempre admirei muito o seu trabalho...”

“Desculpe incomodar o senhor tão tarde assim”, continuei. “Mas é que eu estou com um problema sério. E desculpe por nunca ter falado com o senhor assim diretamente, mas espero de verdade sempre ter ex-

pressado minha enorme gratidão por todas as bênçãos que o senhor me deu na minha vida.”

Esse pensamento me fez soluçar com mais força ainda. Deus esperou eu me acalmar. Eu me recompus o suficiente para continuar: “Não sou nenhuma especialista em oração, como o senhor sabe. Mas será que o senhor poderia por favor me ajudar? Estou precisando desesperadamente de ajuda. Não sei o que fazer. Preciso de uma resposta. Por favor, me diga o que fazer. Por favor, me diga o que fazer. Por favor, me diga o que fazer...”

Assim, a prece se reduziu a essa simples súplica – *Por favor, me diga o que fazer* – inúmeras vezes. Não sei quantas vezes implorei. Só sei que implorei como alguém tentando salvar a própria vida. E eu não parava de chorar.

Até que – muito de repente – aquilo parou.

Muito de repente, percebi que não estava mais chorando. Na verdade, havia parado de chorar bem no meio de um soluço. Minha tristeza havia sido inteiramente aspirada para fora de mim. Ergui a testa do chão e me sentei, surpresa, perguntando-me se veria algum Ser Grandioso que havia levado embora o meu choro. Mas não havia ninguém ali. Eu estava sozinha. Mas também não estava de fato sozinha. Eu estava cercada por algo que só posso descrever como um pequeno bolsão de silêncio – um silêncio tão raro que eu não queria soltar a respiração, com medo de assustá-lo. Era um silêncio totalmente imóvel. Não sei quando eu havia sentido tamanha imobilidade antes.

Então escutei uma voz. Por favor, não se assustem – não era uma voz hollywoodiana saída do Antigo Testamento, como a de Charlton Heston, tampouco uma voz que me dizia para construir um campo de beisebol no quintal de casa. Era apenas a minha própria voz, falando de dentro de mim. Mas aquela era a minha voz de um jeito que eu nunca a tinha escutado antes. Aquela era a minha voz, mas perfeitamente sensata, calma e compassiva. Era a minha voz como soaria se eu só houvesse experimentado na vida amor e certeza. Como posso descrever o calor da afeição daquela voz ao me dar a resposta que selaria para sempre a minha fé no divino?

A voz disse: *Volte para a cama, Liz.*

Soltei a respiração.

Imediatamente, ficou muito claro que essa era a única coisa a ser feita. Eu não teria aceitado nenhuma outra resposta. Não teria confiado em uma voz grave e ribombante que houvesse dito: *Você Precisa se Separar do Seu Marido!* ou *Você Não Deve se Divorciar do Seu Marido!* Porque isso não é a verdadeira sabedoria. A verdadeira sabedoria fornece a única resposta possível para determinado instante e, naquela noite, voltar para a cama era a única resposta possível. *Volte para a cama*, disse aquela voz interior onisciente, porque você não precisa saber a resposta final neste instante, às três horas da manhã de uma quinta-feira de novembro. *Volte para a cama*, porque eu amo você. *Volte para a cama*, porque a única coisa que você precisa fazer por enquanto é descansar um pouco e cuidar bem de si mesma até saber a resposta. *Volte para a cama* para que, quando a tempestade chegar, você esteja forte o suficiente para lidar com ela. E a tempestade vai chegar, meu bem. Em breve. Mas não esta noite. Portanto:

Volte para a cama, Liz.

De certa forma, esse pequeno episódio tinha todas as características de uma típica experiência cristã de conversão – a noite escura da alma, o pedido de ajuda, a voz que responde, a sensação de transformação. Mas eu não diria que isso foi uma conversão religiosa para mim, não uma *conversão* tradicional, como nascer de novo ou ser salva. Em vez disso, eu chamaria o que aconteceu naquela noite de início de uma *conversa* religiosa. As primeiras palavras de um diálogo aberto e exploratório que, no final das contas, me levaria de fato até bem perto de Deus.

5

Se eu de alguma forma pudesse saber que – como disse Lily Tomlin certa vez – as coisas iriam piorar muito antes de piorarem, não tenho certeza de como teria dormido naquela noite. Mas, depois de sete meses muito difíceis, deixei o meu marido. Quando

finalmente tomei essa decisão, pensei que o pior houvesse passado. Isso só mostra como eu sabia pouca coisa sobre divórcio.

Certa vez, a revista *The New Yorker* publicou uma tira. Duas mulheres estão conversando e uma delas diz para a outra: “Se você quiser mesmo conhecer alguém, precisa se divorciar dessa pessoa.” Minha experiência, é claro, era o oposto. Eu diria que, se você quiser mesmo DEIXAR de conhecer alguém, precisa se divorciar dessa pessoa. Porque foi isso que aconteceu entre mim e meu marido. Acho que nós dois ficamos chocados com a velocidade com a qual deixamos de ser as duas pessoas que melhor se conheciam no mundo para nos transformarmos na dupla de desconhecidos que menos se entendia que já existiu. No fundo dessa estranheza havia o fato desolador de ambos estarmos fazendo algo que a outra pessoa jamais teria considerado possível; ele jamais sonhou que eu de fato o deixaria, e eu nunca, nem em meus devaneios mais loucos, pensei que ele tornaria a minha saída tão difícil.

Quando deixei meu marido, eu acreditava sinceramente que poderíamos resolver nossos assuntos práticos em poucas horas com uma calculadora, algum bom senso e um pouco de boa vontade em relação à pessoa que um dia havíamos amado. Minha sugestão inicial foi vendermos a casa e dividirmos todos os bens pela metade; nunca me ocorreu que pudéssemos fazer qualquer outra coisa. Ele não achou justa essa sugestão. Então eu subi minha oferta, chegando até a sugerir um tipo diferente de divisão meio a meio: que tal ele ficar com todos os bens e eu com a culpa? Mas nem mesmo essa oferta tornou possível um acordo. Então eu não soube como agir. Como negociar depois que já se ofereceu tudo? Eu não podia fazer nada, a não ser esperar a contraproposta dele. Minha culpa por tê-lo deixado me impedia de pensar que eu tinha o direito de ficar com sequer um centavo do dinheiro que havia ganho ao longo da última década. Além disso, minha recém-descoberta espiritualidade tornava essencial para mim que nós não brigássemos. Então essa era a minha posição – eu não me defenderia dele, nem brigaria com ele. Durante um tempo interminável, contrariando os conselhos de todas as pessoas que gostavam de mim, relutei até mesmo em consultar um advogado, porque considerava até isso um ato de guerra.

Eu queria ser totalmente Gandhi naquela situação. Eu queria ser totalmente Nelson Mandela naquela situação. Na época, porém, não reparei que tanto Gandhi quanto Mandela eram *advogados*.

Meses passaram. Minha vida era um limbo, e eu esperava para ser libertada, esperava para ver quais seriam os termos do acordo. Estávamos vivendo separados (ele havia se mudado para nosso apartamento de Manhattan), mas nada estava resolvido. Contas se acumulavam, carreiras empacavam, a casa caía aos pedaços e os silêncios do meu ex-marido só eram quebrados por suas comunicações ocasionais para me lembrar como eu era uma pessoa ruim.

E, além disso, David apareceu.

Todas as complicações e os traumas daqueles horríveis anos de divórcio foram multiplicados pelo drama de David – o cara por quem me apaixonei enquanto estava terminando meu casamento. Eu disse que “me apaixonei” por David? O que quero dizer, na verdade, é que saí do meu casamento e mergulhei nos braços de David da mesma forma que um artista de circo de desenho animado mergulha de uma plataforma altíssima dentro de um pequeno copo d’água, desaparecendo por completo. Eu me agarrei a David para fugir do meu casamento como se ele fosse o último helicóptero saindo de Saigon. Depositei nele toda minha esperança de salvação e de felicidade. E, sim, eu o amei. Mas, se eu conseguisse pensar em uma palavra mais forte do que “desesperadamente” para descrever o modo como amei David, usaria essa palavra aqui, e um amor desesperado é sempre o tipo mais difícil de amor.

Fui morar com David imediatamente depois de deixar meu marido. Ele era – é – um cara lindo. Nova-iorquino da gema, ator e escritor, com aqueles olhos castanhos de pupilas líquidas que os italianos têm e que sempre me tiram o chão (eu já disse isso?). Descolado, independente, vegetariano, desbocado, espiritualizado, sedutor. Um poeta-iogue rebelde. O mais novo e irresistível craque do time. Maior do que a vida. Maior do que tudo que há de maior. Ou pelo menos era assim para mim. Na primeira vez em que Susan, minha melhor amiga, me ouviu falar dele, bastou uma olhada no forte rubor em meu rosto para ela me dizer: “Ai, meu Deus, *baby*, como você está ferrada.”

David e eu nos conhecemos porque ele estava atuando em uma peça baseada em contos meus. Ele fazia um personagem que eu havia inventado, o que é de certa forma revelador. No amor desesperado é sempre assim, não é? No amor desesperado, nós sempre inventamos os personagens dos nossos parceiros, exigindo que eles sejam o que precisamos que sejam, e depois ficando arrasados quando eles se recusam a desempenhar o papel que nós mesmos criamos.

Mas, ah, como nós nos divertimos durante aqueles primeiros meses, quando ele ainda era o meu herói romântico e eu ainda era o seu sonho tornado realidade. Eram uma excitação e uma compatibilidade que eu jamais havia imaginado. Inventamos nossa própria linguagem. Passávamos dias fora da cidade e outros viajando de carro. Ele escalava até o topo das coisas, nadava até o fundo de outras coisas, planejava viagens pelo mundo que faríamos juntos. Nós nos divertíamos mais na fila do departamento de trânsito do que a maioria dos casais em sua lua-de-mel. Demos o mesmo apelido um ao outro, para que não houvesse separação entre nós. Traçávamos objetivos juntos, fazíamos juramentos e promessas juntos e jantávamos juntos. Ele lia livros para mim, e *ele lavava a minha roupa*. (Na primeira vez em que isso aconteceu, liguei para Susan para relatar a maravilha, abismada como se houvesse acabado de ver um camelo usando um orelhão. Eu disse: “Um homem acabou de lavar a *minha* roupa! E lavou as peças delicadas na mão!” E ela repetiu: “Ai, meu Deus, *baby*, como você está ferrada.”)

O primeiro verão de Liz e David parecia a montagem romântica de todos os filmes românticos aos quais você já assistiu, até a cena em que os dois brincam na espuma do mar e correm de mãos dadas pelas campinas douradas no pôr do sol. Na época, eu ainda estava pensando que o divórcio de fato poderia acontecer de forma tranqüila, embora estivesse dando a meu marido uma folga desse assunto durante o verão, para nós dois podermos esfriar a cabeça. De toda forma, era muito fácil não pensar em toda aquela perda no meio de tanta felicidade. Então aquele verão (também conhecido como “a tréguia”) terminou.

No dia 9 de setembro de 2001, encontrei meu marido frente a frente pela primeira vez, sem perceber que todos os nossos futuros en-

contros precisariam de advogados entre nós para servir de mediadores. Jantamos em um restaurante. Tentei falar sobre a nossa separação, mas tudo que fizemos foi brigar. Ele me disse que eu era uma mentirosa e uma traidora, e que ele me odiava e nunca mais falaria comigo. Duas manhãs mais tarde, acordei de uma noite de sono agitada e descobri que aviões seqüestrados estavam sendo arremessados contra os dois prédios mais altos da minha cidade, enquanto tudo de invencível que um dia se mantivera em pé ia-se tornando uma avalanche fumegante de ruínas. Liguei para o meu marido, para ter certeza de que ele estava bem, e choramos juntos com aquela tragédia, mas não fui encontrá-lo. Durante aquela semana, quando todo mundo em Nova York deixou a animosidade de lado em deferência à tragédia maior que estava acontecendo, mesmo assim não voltei para meu marido. Foi desse modo que ambos soubemos que havia terminado mesmo.

Não é exagero dizer que não dormi mais durante os quatro meses seguintes.

Pensava que já houvesse me despedaçado antes mas, naquele momento (em harmonia com o aparente colapso do mundo inteiro), minha vida realmente virou um caos. Hoje me envergonho de pensar no que impus a David durante aqueles meses em que moramos juntos, logo depois do 11 de setembro e da minha separação. Imaginem sua surpresa ao descobrir que a mulher mais feliz, mais confiante que ele já conhecera na verdade era – quando você ficava sozinho com ela – um poço sem fundo e enlameado de tristeza. Mais uma vez, eu não conseguia parar de chorar. Foi então que ele começou a recuar, e foi então que eu vi o outro lado do meu apaixonado herói romântico – o David solitário como um naufrago, frio e que precisava de mais espaço para viver do que um rebanho de bisões norte-americanos.

O súbito recuo emocional de David provavelmente teria sido uma catástrofe para mim até mesmo nas melhores circunstâncias, já que sou uma das formas de vida mais afetuosas do planeta (algo como uma cruz de *golden retriever* com molusco), mas aquelas eram as piores circunstâncias possíveis para mim. Eu estava insegura e dependente, e precisava de mais cuidados do que trigêmeos prematuros. Seu afastamento só fez

me tornar mais carente, e minha carência só fez acelerar seu afastamento, até que, em pouco tempo, ele recuava debaixo de uma chuva de gritos chorosos meus: “Aonde você *vai?* O que *aconteceu* com a gente?”

(Dica de relacionamento: Os homens ADORAM isso.)

O fato é que eu havia me viciado em David (para me defender, posso dizer que ele havia possibilitado isso, já que era uma espécie de homem *fatal*) e, agora que sua atenção estava desaparecendo, sofria as conseqüências facilmente previsíveis. O vício é a marca de toda história de amor baseada na obsessão. Tudo começa quando o objeto de sua adoração lhe dá uma dose generosa, alucinante de algo que você nunca ousou admitir que queria – um explosivo coquetel emocional, talvez, feito de amor estrondoso e louca excitação. Logo você começa a precisar dessa atenção intensa com a obsessão faminta de qualquer viciado. Quando a droga é retirada, você imediatamente adocece, louco e em crise de abstinência (sem falar no ressentimento para com o traficante que incentivou você a adquirir seu vício, mas que agora se recusa a descolar o bagulho bom – apesar de você *saber* que ele tem algum escondido em algum lugar, caramba, porque *ele antes lhe dava de graça*). O estágio seguinte é você esquelética e tremendo em um canto, sabendo apenas que venderia sua alma ou roubaria seus vizinhos só para ter *aquela coisa* mais uma vez que fosse. Enquanto isso, o objeto da sua adoração agora sente repulsa por você. Ele olha para você como se você fosse alguém que ele nunca viu antes, muito menos alguém que um dia amou com grande paixão. A ironia é que você não pode culpá-lo. Quero dizer, olhe bem para você. Você está um caco, irreconhecível até mesmo aos seus próprios olhos.

Então é isso. Você agora chegou ao ponto final da obsessão amorosa – a completa e implacável desvalorização de si mesma.

O fato de eu ser capaz de escrever calmamente sobre isso hoje é uma grande prova dos poderes de cura do tempo, porque não encarei os fatos muito bem quando estavam acontecendo. Perder David logo depois do fracasso do meu casamento, e logo depois dos ataques terroristas à minha cidade, e bem no meio da pior fase do divórcio (experiência de vida que meu amigo Brian comparou a “ter um acidente de

carro gravíssimo todo santo dia durante mais ou menos dois anos”), bom, era simplesmente coisa demais.

David e eu continuávamos a ter nossos momentos de diversão e compatibilidade durante o dia mas, à noite, na cama dele, eu me tornava a única sobrevivente de um ocaso nuclear enquanto ele se afastava de mim *a olhos vistos*, mais e mais a cada dia, como se eu tivesse uma doença contagiosa. Passei a ter medo da noite como se ela fosse a masmorra de um carrasco. Eu ficava ali deitada ao lado do corpo adormecido de David, lindo e inacessível, e entrava em uma espiral de pânico feita de solidão e idéias suicidas meticulosamente detalhadas. Todas as partes do meu corpo doíam. Eu tinha a sensação de ser uma espécie de máquina primitiva impulsionada à mola e submetida a uma tensão muito maior do que havia sido construída para suportar, prestes a estourar, pondo em grande risco qualquer um que estivesse por perto. Imaginava as partes do meu corpo saindo voando do meu tórax para escapar do núcleo vulcânico de infelicidade em que eu havia me transformado. Na maioria das manhãs, David acordava e me encontrava mergulhada em um sono agitado, deitada no chão ao lado da cama, enrolada em uma pilha de toalhas de banho, como um cachorro.

“O que foi desta vez?”, perguntava ele – mais um homem completamente exaurido por mim.

Acho que perdi algo como 15 quilos durante essa fase.

6

Ah, mas nem *tudo* foi ruim durante esses anos... Já que Deus nunca fecha uma porta na sua cara sem abrir uma janela (ou qualquer que seja o velho ditado), algumas coisas maravilhosas aconteceram comigo à sombra de toda aquela tristeza. Para começar, finalmente comecei a aprender italiano. Em segundo lugar, encontrei uma Guru indiana. Por fim, fui convidada por um velho xamã a ir morar com ele na Indonésia.

Vou explicar tudo na ordem.

Para começar, as coisas começaram a melhorar um pouco quando saí do apartamento de David, no início de 2002, e encontrei um apartamento só para mim pela primeira vez na vida. Aquilo era um luxo, já que eu ainda estava pagando por aquele casarão no subúrbio onde ninguém mais morava e que meu marido me proibia de vender, e ainda estava tentando honrar todas as minhas contas de advogados e terapeutas... mas ter um quarto-e-sala só meu era vital para a minha sobrevivência. Eu via o apartamento quase como um sanatório, uma clínica de repouso para a recuperação de mim mesma. Pinte as paredes com as cores mais quentes que consegui encontrar, e comprava flores para mim mesma toda semana, como se estivesse me visitando no hospital. Minha irmã me deu uma bolsa de água quente como presente pela casa nova (para eu não precisar ficar totalmente sozinha em uma cama fria), e eu dormia todas as noites com aquele objeto aninhado junto a meu coração, como alguém tratando uma lesão esportiva.

David e eu tínhamos terminado de vez. Ou talvez não tivéssemos. É difícil lembrar agora quantas vezes terminamos e tornamos a reatar durante aqueles meses. Mas surgiu um padrão: eu me separava de David, recuperava minha força e minha confiança, e então (atraído, como sempre, por minha força e confiança) sua paixão por mim renascia. Com respeito, sobriedade e inteligência, nós discutíamos uma “nova tentativa”, sempre com algum novo e saudável plano para minimizar nossas aparentes incompatibilidades. Estávamos muito comprometidos em resolver aquela história. Por que como era possível duas pessoas que se amavam tanto *não* terminarem felizes para sempre? Aquilo *tinha* de dar certo. Não tinha? Novamente juntos, e com as esperanças renovadas, compartilhávamos alguns dias de uma felicidade delirante. Algumas vezes, até semanas. Mas, depois de algum tempo, David tornava a se afastar de mim, e eu me agarrava a ele (ou eu me agarrava a ele e ele se afastava de mim – nunca conseguíamos entender como o processo começava), e acabava mais uma vez destruída. E ele acabava indo embora.

David era ao mesmo tempo meu ímã e minha criptonita.

Porém, durante aqueles períodos em que estávamos *mesmo* separados, por mais difícil que fosse, eu estava treinando viver sozinha. E essa experiência estava provocando o início de uma mudança interna. Eu começava a sentir que – embora minha vida ainda parecesse um acidente com vários veículos em alguma estrada movimentada durante um feriado nacional – estava prestes a me tornar uma pessoa capaz de administrar a si mesma. Quando não estava com vontade de me matar por causa do meu divórcio, nem com vontade de me matar por causa do meu drama com David, eu de fato estava quase encantada com todos os compartimentos de tempo e espaço que iam surgindo nos meus dias, durante os quais eu podia fazer a mim mesma uma pergunta nova e radical: “O que *você* quer fazer, Liz?”

Durante a maior parte do tempo (como ainda estava muito abalada por ter largado meu casamento), eu sequer ousava fazer essa pergunta a mim mesma, mas apenas festejava internamente o fato de ela existir. Quando finalmente comecei a responder, eu o fiz com cautela. Só me permitia expressar desejos pequenos e hesitantes. Tais como:

Quero ir a uma aula de ioga.

Quero ir embora desta festa, voltar para casa e ler um romance.

Quero comprar um estojo novo para mim.

E então vinha sempre aquela mesma resposta estranha, sempre a mesma:

Quero aprender a falar italiano.

Havia anos que eu tinha vontade de falar italiano – língua que considerava mais linda do que um buquê de rosas –, mas nunca consegui encontrar uma justificativa prática para estudar. Por que não simplesmente melhorar o francês ou o russo que eu já havia estudado anos antes? Ou por que não aprender espanhol, para poder me comunicar melhor com milhões de meus co-cidadãos americanos? O que eu iria fazer com *italiano*? Eu não me *mudaria* para lá. Seria mais prático aprender a tocar acordeão.

Mas por que tudo sempre tem de ter uma aplicação prática? Eu passara tantos anos sendo um soldadinho bem-comportado – trabalhando, produzindo, sem nunca perder um prazo, zelando por pessoas que-

ridas, pelas minhas gengivas e por meu nome na praça, votando etc. Será que esta nossa vida tem de ser apenas dever? Naquele período sombrio de perda, será que eu precisava de outra justificativa para aprender italiano além do fato de que essa era a única coisa em que eu conseguia pensar que poderia me proporcionar algum prazer naquele momento? E estudar um idioma, afinal de contas, não era um objetivo assim tão disparatado. Não era como se eu estivesse dizendo, aos 32 anos de idade: “Quero ser a primeira bailarina do New York City Ballet.” Estudar um idioma é algo que você de fato *pode* fazer. Assim, matriculei-me em um daqueles cursos de extensão (mais conhecidos como Aulas Noturnas para Senhoras Divorciadas). Meus amigos acharam isso hilário. Meu amigo Nick perguntou: “Por que você está estudando italiano? Para tipo, caso a Itália um dia volte a invadir a Etiópia, e dessa vez consiga, poder se gabar de dominar uma língua falada em dois países?”

Mas eu estava adorando. Cada palavra era para mim o canto de um pardal, um passe de mágica, uma trufa. Depois da aula, eu voltava para casa pisando nas poças de chuva, enchia a banheira de água quente e ficava ali deitada no meio da espuma, lendo o dicionário de italiano para mim mesma, sem pensar nas pressões do meu divórcio nem na minha decepção amorosa. As palavras me faziam rir de alegria. Comecei a me referir ao meu celular como *il mio telefonino* (“meu telefonezinho”). Virei uma daquelas pessoas chatas que sempre dizem *Ciao!* Só que eu era ainda mais chata, porque sempre explicava de onde vem a palavra *ciao*. (Se estiverem interessados, é uma abreviação de uma expressão usada pelos venezianos medievais como cumprimento informal: *Sono il suo schiavo!*, ou seja: “Eu sou o seu escravo.”) O simples fato de pronunciar essas palavras fazia eu me sentir sexy e feliz. A advogada que estava cuidando do meu divórcio me disse para eu não me preocupar contando que tinha uma cliente (de origem coreana) que, depois de um divórcio péssimo, havia mudado seu nome oficialmente para alguma coisa italiana, só para se sentir sexy e feliz novamente.

Talvez, no final das contas, eu fosse *mesmo* me mudar para a Itália...

7

Outra coisa importante que estava acontecendo durante aquela época era a aventura recém-descoberta da disciplina espiritual. Auxiliada e incentivada, é claro, pela entrada na minha vida de uma Guru indiana de carne e osso – por quem sempre serei grata a David. Eu havia sido apresentada à minha Guru na primeira noite em que fora ao apartamento de David. Praticamente me apaixonei por eles dois ao mesmo tempo. Entrei no apartamento de David e vi, em cima da penteadeira, uma foto de uma mulher indiana de uma beleza radiante, e perguntei:

– Quem é essa?

– Essa é a minha mentora espiritual – respondeu ele.

Meu coração quase parou, depois deu uma pirueta e caiu de cara no chão. Em seguida meu coração se levantou, limpou as roupas, respirou fundo e anunciou: “Eu quero uma mentora espiritual.” Eu literalmente quero dizer que foi o meu *coração* quem disse isso, falando pela minha boca. Senti uma estranha divisão de mim mesma, e minha mente saiu do meu corpo por um instante, virou-se de frente para o meu coração, atônita, e perguntou silenciosamente: “*Quer MESMO?*”

“*Quero*”, respondeu meu coração. “*Quero sim.*”

Então minha mente perguntou a meu coração, com uma pontinha de sarcasmo: “*Desde QUANDO?*”

Mas eu já sabia a resposta: desde aquela noite no chão do banheiro.

Meu Deus, como eu queria uma mentora espiritual. Comecei imediatamente a construir uma fantasia de como seria ter alguém assim. Imaginei que aquela indiana de beleza radiante iria ao meu apartamento algumas noites por semana, e que ficaríamos sentadas tomando chá e conversando sobre divindade, e ela me daria livros para ler e me explicaria o significado das estranhas sensações que eu tinha durante a meditação...

Toda essa fantasia foi rapidamente destruída quando David me revelou a importância internacional daquela mulher, falando-me de suas dezenas de milhares de discípulos – muitos dos quais nunca a encon-

traram pessoalmente. No entanto, disse ele, ali mesmo em Nova York os devotos da Guru se reuniam todas as terças-feiras à noite, para meditar e entoar cânticos.

– Se a idéia de estar em uma sala com várias centenas de pessoas entoando o nome de Deus em sânscrito não assustar você – disse David –, pode vir quando quiser.

Na noite da terça-feira seguinte fui com ele. Longe de ficar assustada com aquelas pessoas de aparência comum cantando para Deus, senti minha alma se elevar, diáfana, sustentada pelo cântico. Voltei a pé para casa naquela noite, sentindo que o ar podia passar através de mim, como se eu fosse um pano limpo flutuando em um varal, como se a própria Nova York houvesse se transformado em uma cidade feita de papel de arroz – e eu era leve o suficiente para correr por todos os seus telhados. Comecei a ir aos cânticos todas as terças-feiras. Depois comecei a meditar todas as manhãs com o antigo mantra em sânscrito que a Guru dá a todos os seus discípulos (o suntuoso *Om Namah Shivaya*, que significa “Eu honro a divindade que reside em mim”). Em seguida, ouvi a Guru falar ao vivo pela primeira vez, e suas palavras fizeram meu corpo todo se arrepiar, até a pele do meu rosto. Quando fiquei sabendo que ela administrava um *ashram* na Índia, tive certeza de que deveria ir para lá assim que pudesse.

8

No meio-tempo, porém, eu precisava fazer uma viagem à Indonésia.

Isso aconteceu, mais uma vez, por causa de um trabalho para uma revista. Bem quando eu estava me sentindo especialmente deprimida comigo mesma por estar sem dinheiro, sozinha e presa no Campo de Concentração dos Divorciados, a editora de uma revista feminina perguntou se poderia me pagar uma viagem a Bali para escrever uma matéria sobre pessoas que saem de férias para fazer ioga. Por minha vez, fiz a ela uma série de perguntas, a maioria na linha de

Macaco gosta de banana? e Será que o céu é azul? Quando cheguei a Bali (que, para ser sucinta, é um lugar muito agradável), o instrutor que administrava o retiro de ioga nos perguntou: “Enquanto vocês estão aqui, alguém gostaria de ir visitar um xamã balinês de nona geração?” (outra pergunta óbvia demais para sequer ser respondida); então, certa noite, fomos todos até a casa dele.

O xamã, como pudemos ver, era um velhote baixinho, de olhos alegres, pele morena avermelhada e uma boca quase sem dentes, cuja semelhança, em todos os aspectos, com o Yoda de *Guerra nas Estrelas* era impressionante. Seu nome era Ketut Liyer. Ele falava um inglês irregular e muito engraçado, mas havia um tradutor disponível para quando ele empacasse em alguma palavra.

Nosso instrutor de ioga nos dissera antes de irmos que cada um poderia levar uma pergunta ou um problema para o xamã, e ele tentaria nos ajudar com nossas dificuldades. Eu vinha pensando há dias no que perguntar a ele. Minhas primeiras idéias eram horríveis. *O senhor pode fazer o meu marido me dar o divórcio? O senhor pode fazer o David tornar a sentir tesão por mim?* Esses pensamentos me faziam sentir vergonha de mim mesma, e com razão: quem viaja até o outro lado do mundo para encontrar um velho xamã da Indonésia só para lhe pedir para resolver uns *problemas de homem?*

Então, quando o velhote me perguntou pessoalmente o que eu queria de verdade, encontrei outras palavras, mais verdadeiras.

– Eu quero ter uma experiência duradoura de Deus. Algumas vezes eu sinto que entendo a divindade de Deus, mas depois deixo de entender porque me distraio com meus desejos e medos mesquinhos. Quero estar com Deus o tempo todo. Mas não quero ser nenhuma monja, nem abrir mão por completo dos prazeres mundanos. Acho que o que eu quero é aprender a viver neste mundo e desfrutar seus prazeres, mas também me dedicar a Deus.

Ketut disse que podia responder à minha pergunta com uma imagem. Mostrou-me um esboço que havia desenhado certa vez durante a meditação. Era uma figura humana andrógina, de pé, com as mãos unidas em prece. Mas essa figura tinha quatro pernas e não tinha cabeça.

Onde deveria estar a cabeça, havia apenas um tufo selvagem de samambaias e flores. Em cima do coração estava desenhado um pequeno rosto sorridente.

– Para encontrar o equilíbrio que você busca – disse Ketut por intermédio do tradutor –, é nisso que você tem de se transformar. Precisa manter os pés plantados com tanta firmeza na terra que é como se tivesse quatro pernas, em vez de duas. Assim, você consegue permanecer no mundo. Mas você tem de parar de ver o mundo através da sua cabeça. Em vez disso, precisa olhar pelo coração. Assim você vai conhecer Deus.

Então ele me perguntou se podia ler a minha mão. Eu lhe estendi a esquerda, e ele então me decifrou como se eu fosse um quebra-cabeça de apenas três peças.

– Você é uma viajante do mundo – começou ele.

Considerarei isso um pouco óbvio, talvez, já que eu estava na Indonésia, mas não falei nada...

– Você tem mais sorte do que qualquer pessoa que eu já conheci. Vai viver muito tempo, ter muitos amigos, muitas experiências. Vai ver o mundo inteiro. Só tem um problema na sua vida. Você se preocupa demais. Sempre fica emotiva demais, nervosa demais. Se eu jurar que você nunca vai ter nenhum motivo na vida para se preocupar, você vai acreditar em mim?

Nervosa, aquiesci, sem acreditar nele.

– No trabalho, você faz alguma coisa criativa, talvez seja artista, e recebe um bom dinheiro por isso. Sempre vai receber um bom dinheiro por essa coisa que você faz. Você é generosa com dinheiro, talvez generosa demais. Isso também é um problema. Você vai perder todo o seu dinheiro uma vez na vida. Acho que talvez isso aconteça em breve.

– Acho que talvez isso aconteça entre seis e dez meses – falei, pensando no meu divórcio.

Ketut aquiesceu como quem diz, *É, parece ser mais ou menos isso.*

– Mas não se preocupe – disse ele. – Depois de perder todo o seu dinheiro, você vai recuperar tudo de novo. Logo vai ficar tudo bem. Você vai ter dois casamentos na sua vida. Um curto, outro longo. E vai ter dois filhos...

Esperei ele dizer “um curto, outro longo”, mas de repente ele se calou, franzindo o cenho, enquanto olhava para minha palma. Então disse:

– Estranho... – o que é algo que você nunca quer ouvir nem de quem está lendo sua mão, nem do seu dentista. Pediu-me para me posicionar bem debaixo da lâmpada no teto, para ele poder ver melhor.

– Eu me enganei – anunciou ele. – Você só vai ter um filho. Mais tarde, uma menina. Talvez. Se você decidir... mas tem mais alguma coisa. – Ele franziu o cenho e em seguida ergueu o rosto, subitamente tomado pela certeza: – Algum dia, em breve, você vai voltar aqui para Bali. Precisa voltar. Vai ficar aqui em Bali durante três, talvez quatro meses. Vai ser minha amiga. Talvez fique morando aqui com a minha família. Eu posso praticar o meu inglês com você. Nunca tive ninguém para praticar meu inglês comigo. Acho que você é boa com as palavras. Acho que esse trabalho criativo que você faz tem a ver com palavras, não tem?

– Tem! – falei. – Eu sou escritora. Sou escritora de livros!

– Você é uma escritora de livros de Nova York – disse ele meneando a cabeça, concordando. – Então você vai voltar aqui para Bali e me ensinar inglês. E eu vou ensinar a você tudo que eu sei.

Ele então se levantou e esfregou as mãos, como quem diz: *Então está combinado.*

– Se o senhor estiver falando sério, eu também estou – falei.

Ele me olhou com um sorriso de sua boca sem dentes e disse:

– A gente se vê.

9

Quando um xamã balinês de nona geração lhe diz que o seu destino é se mudar para Bali e morar com ele durante quatro meses, sou o tipo de pessoa que acha que você deve se esforçar ao máximo para fazer isso. E foi assim, finalmente, que toda esta minha idéia sobre este ano de viagens começou a tomar corpo. Eu simplesmente tinha de voltar à Indonésia de algum jeito, dessa vez por minha

conta. Isso era óbvio. Mas não conseguia imaginar como fazer isso, considerando minha vida caótica e bagunçada. (Eu não apenas ainda tinha um divórcio caro a resolver, e problemas com David, mas ainda tinha um emprego em uma revista que me impedia de passar três ou quatro meses onde quer que fosse.) Mas eu *precisava* voltar para lá. Não precisava? Ele não havia *previsto* isso? O problema era que eu também queria ir à Índia para visitar o *ashram* da minha Guru, e ir à Índia também é uma empreitada cara e demorada. Para tornar as coisas ainda mais confusas, também estava louca de vontade de ir à Itália, para poder praticar meu italiano no contexto certo, mas também porque a idéia de passar algum tempo morando em uma cultura onde o prazer e a beleza são reverenciados me atraía.

Todos esses desejos pareciam conflitantes entre si. Sobretudo o conflito Itália/Índia. O que era mais importante? A parte de mim que queria comer vitela em Veneza? Ou a parte de mim que queria acordar bem antes de o dia raiar na austeridade de um *ashram* para iniciar um longo dia de meditação e prece? O grande poeta e filósofo sufista Rumi certa vez aconselhara seus discípulos a escrever as três coisas que mais queriam na vida. Se qualquer item dessa lista estivesse em conflito com outro, avisava Rumi, o autor estava fadado à infelicidade. Melhor viver uma vida com um único foco, ensinou ele. Mas e quanto às vantagens de se viver em harmonia entre extremos? E se, de alguma forma, você pudesse criar uma vida abrangente o bastante para sincronizar opostos aparentemente incongruentes em uma visão de mundo que não excluísse nada? A minha verdade era exatamente a que eu havia revelado ao xamã de Bali – eu queria vivenciar *as duas coisas*. Queria os prazeres do mundo e queria a transcendência divina – as glórias duais da vida humana. Eu queria aquilo que os gregos chamavam de *kalos kai agathos*, o perfeito equilíbrio do bom e do belo. Vinha sentindo falta das duas coisas durante aqueles últimos anos difíceis, porque tanto o prazer quanto a devoção precisam de um ambiente sem estresse para florescer, e eu estava vivendo em um imenso compactador de lixo de ansiedade sem fim. Quanto à maneira de equilibrar a ânsia de prazer com o desejo de devoção... bom, com certeza haveria uma maneira de aprender

a fazer isso. E bastou-me uma curta estada em Bali para me sugerir que talvez eu pudesse aprender isso com os balineses. Talvez até com o próprio xamã.

Quatro pés no chão, uma cabeça cheia de folhagem, olhar para o mundo através do coração...

Então parei de tentar escolher – Itália? Índia? Ou Indonésia? –, e acabei admitindo que queria viajar para os três lugares. Quatro meses em cada lugar. Um ano ao todo. É claro que isso era um sonho um pouco mais ambicioso do que “Quero comprar um estojo novo para mim”. Mas era o que eu queria. E eu sabia que queria escrever sobre isso. Não era nem que eu quisesse explorar em detalhes os países em si; isso já havia sido feito. O que eu queria era explorar em detalhes um aspecto de mim mesma em relação ao contexto de cada país, em um lugar que tradicionalmente fazia muito bem aquela coisa específica. Eu queria explorar a arte do prazer na Itália, a arte da devoção na Índia e, na Indonésia, a arte de equilibrar as duas coisas. Foi somente mais tarde, depois de admitir esse sonho, que percebi a feliz coincidência de que todos esses países começam com a letra *I*, que significa “eu” em inglês. Isso me pareceu um sinal bastante auspicioso para uma viagem de autodescoberta.

Agora, imaginem por favor todas as oportunidades de escárnio que essa idéia criou para meus amigos engraçadinhos. Ah, eu queria visitar os três Is? Então por que não passar o ano no Irã, na Costa do Marfim (*Ivory Coast*, em inglês) e na Islândia? Ou, melhor ainda – por que não fazer uma peregrinação ao grande triunvirato suburbano formado pela cidade de Islip, pela auto-estrada I-95 e pela loja de móveis Ikea? Minha amiga Susan sugeriu que talvez eu devesse fundar uma organização sem fins lucrativos chamada “Divorciadas sem Fronteiras”. Mas toda essa gozação não adiantou nada, porque o *I*, ou seja, “eu”, ainda não estava livre para ir aonde quer que fosse. Muito tempo depois de eu ter abandonado meu casamento, o divórcio ainda estava longe de sair. Começara a ter de pressionar meu marido por intermédio dos advogados, fazendo coisas horríveis saídas dos meus piores pesadelos sobre divórcio, como enviar documentos por oficiais de justiça e assinar acusa-

ções jurídicas formais (exigidas pela lei do estado de Nova York) pela suposta crueldade mental dele – documentos esses que não deixavam espaço para dúvidas, nenhuma brechinha para dizer ao juiz: “Ei, olha só, esse foi um relacionamento muito complicado, e eu também cometi erros terríveis, e sinto muitíssimo por isso, mas tudo que eu quero é que me deixem sair.”

(Faço uma pausa aqui para oferecer uma prece a meu gentil leitor: que você nunca, jamais precise se divorciar em Nova York.)

A primavera de 2003 levou as coisas ao ápice. Um ano e meio depois de eu ter saído de casa, meu marido estava finalmente disposto a discutir os termos de um acordo. Sim, ele queria dinheiro, a casa e o contrato de aluguel do apartamento de Manhattan em seu nome – tudo que eu vinha oferecendo desde o início. Mas também estava pedindo coisas em que eu jamais havia pensado (uma porcentagem dos *royalties* dos livros que eu havia escrito durante o casamento, uma parte dos possíveis direitos cinematográficos do meu trabalho, uma participação nas minhas contas de previdência privada etc.) e, nessa hora, precisei finalmente manifestar meu desacordo. Seguiram-se meses de negociações entre nossos advogados, uma espécie de meio-termo começou lentamente a tomar forma, e parecia que meu marido poderia de fato aceitar um acordo modificado. Isso iria me custar uma fortuna, mas uma briga judicial seria infinitamente mais cara e demorada, sem falar nos danos psicológicos. Se ele assinasse o acordo, tudo que eu precisaria fazer seria pagar e ir embora. O que, naquele momento, estava bom para mim. Com nosso relacionamento agora completamente arruinado, e até mesmo a civilidade destruída entre nós, tudo que eu queria àquela altura era sair porta afora.

A questão era – será que ele iria assinar? Mais semanas passaram, enquanto ele contestava outros detalhes. Se ele não concordasse com o acordo, teríamos de ir à justiça. Um processo quase certamente significaria que todo mísero centavo seria perdido em honorários de advogados. Pior de tudo, um processo significaria mais um ano – pelo menos – de toda aquela confusão. Assim, qualquer que fosse a decisão do meu marido (e ele *ainda* era meu marido, no final das contas), ela iria

determinar ainda mais um ano da minha vida. Será que eu estaria viajando sozinha pela Itália, pela Índia e pela Indonésia? Ou estaria prestando depoimento em algum lugar do subsolo de um tribunal durante uma audiência?

Eu ligava para minha advogada 14 vezes por dia – *alguma notícia?* –, e todos os dias ela me garantia que estava fazendo o melhor que podia, e que ligaria imediatamente se o acordo fosse assinado. O nervosismo que senti durante essa época foi um misto de um adolescente esperando ser chamado à sala do coordenador da escola e de um paciente aguardando o resultado de uma biópsia. Eu adoraria relatar que permaneci calma e zen, mas não foi isso que aconteceu. Em várias noites, tomada por ondas de raiva, espanquei meu sofá com um taco de *softball*. Durante a maior parte do tempo, eu me sentia apenas dolorosamente deprimida.

Enquanto isso, David e eu havíamos terminado de novo. Dessa vez, parecia que era para valer. Ou talvez não – não conseguíamos largar o osso definitivamente. Muitas vezes, eu ainda era tomada por um desejo de sacrificar tudo pelo amor dele. Em outras, o que eu sentia era o instinto contrário – de colocar tantos continentes e oceanos quanto possível entre mim e aquele cara, na esperança de encontrar paz e felicidade.

Eu agora tinha rugas no rosto, vincos permanentes e fundos entre as sobrancelhas, de tanto chorar e me preocupar.

E, no meio disso *tudo*, um livro que eu havia escrito alguns anos antes estava sendo publicado em edição de bolso, e eu precisava fazer uma pequena turnê de promoção. Levei minha amiga Iva comigo para me fazer companhia. Iva tinha a mesma idade que eu, mas havia sido criada em Beirute, no Líbano. O que significa que, enquanto eu praticava esportes e fazia testes para musicais em uma escola de ensino fundamental de Connecticut, ela se encolhia em um abrigo antiaéreo cinco noites por semana, tentando não morrer. Não tenho certeza de como essa exposição precoce à violência criou alguém que hoje é tão estável, mas Iva é uma das almas mais calmas que conheço. Além do mais, ela tem o que chamo de “Batfone para o Universo”, algum tipo de canal com o divino exclusivamente seu, aberto 24 horas por dia.

Então estávamos atravessando o Kansas de carro, e eu estava em meu estado habitual de angústia e suores frios em relação ao acordo do divórcio – *será que ele vai assinar, será que ele não vai assinar?* –, e disse a Iva:

– Acho que não consigo agüentar mais um ano de processo. Eu agora queria uma intervenção divina. Queria poder escrever um *abaixo-assinado* para Deus pedindo para isto terminar.

– Então por que não escreve?

Expliquei para Iva minhas opiniões pessoais sobre a prece. Ou seja, que não me sinto à vontade pedindo coisas específicas para Deus, porque isso me parece uma certa fraqueza de fé. Não gosto de pedir: “Será que o senhor poderia mudar isto ou aquilo na minha vida que está difícil para mim?” Porque – quem sabe? – Deus pode querer que eu enfrente esse desafio específico por algum motivo. Em vez disso, sinto-me mais confortável rezando para ter coragem para enfrentar tudo que acontecer na minha vida com equanimidade, seja o que for.

Iva escutou com educação e, em seguida, perguntou:

– Onde você arrumou essa idéia idiota?

– Como assim?

– Onde arrumou a idéia de que não pode fazer um pedido ao universo com uma prece? Você faz *parte* do universo, Liz. Você é um pedaço dele, e tem todo o direito de participar das ações do universo, e de deixar claros os seus sentimentos. Então, diga a sua opinião. Defenda o seu ponto de vista. Acredite em mim: no mínimo, isso vai ser levado em consideração.

– É mesmo? – Tudo isso era novidade para mim.

– É! Escute, se você *fosse* escrever um abaixo-assinado para Deus neste instante, o que diria?

Pensei um pouco, em seguida saquei um caderninho e escrevi o seguinte:

Querido Deus.

Por favor intervenha e ajude a terminar este divórcio. Meu marido e eu não conseguimos manter nosso casamento, e agora não estamos conseguindo nos divorciar. Esse processo venenoso está nos causando sofrimento e a todos aqueles que gostam de nós.

Eu sei que o senhor está ocupado com guerras e tragédias, e com conflitos muito maiores do que a disputa infundável de um casal disfuncional. Mas acho que a saúde do planeta é afetada pela saúde de cada indivíduo que vive nele. Enquanto duas almas quaisquer estiverem envolvidas em algum conflito, o mundo inteiro será contaminado por isso. Da mesma forma, se duas almas quaisquer puderem ser libertadas da discórdia, isso irá aumentar a saúde generalizada do mundo inteiro, do mesmo modo que algumas células saudáveis em um corpo podem aumentar a saúde generalizada desse corpo.

Meu mais humilde pedido, portanto, é que o senhor nos ajude a terminar este conflito, de modo que mais duas pessoas possam ter a oportunidade de se tornarem livres e saudáveis, e para que haja um pouquinho menos de animosidade e de amargura em um mundo já tão prejudicado pelo sofrimento.

Agradeço-lhe por sua gentil atenção.

Respeitosamente,

Elizabeth M. Gilbert

Li o texto para Iva, e ela aquiesceu, aprovando.

– Eu assinaria esse abaixo-assinado – disse ela.

Entreguei-lhe o abaixo-assinado junto com uma caneta, mas ela estava ocupada dirigindo, então falou:

– Não, vamos fingir que eu *já* assinei. Assinei no meu coração.

– Obrigada, Iva. Seu apoio é muito importante.

– Mas quem mais iria assinar? – perguntou ela.

– Minha família. Minha mãe e meu pai. Minha irmã.

– Tudo bem – disse ela. – Eles *acabaram* de assinar. Pode considerar seus nomes escritos. Pude até sentir quando eles assinaram. Eles agora estão na lista. Então... quem mais assinaria? Comece a citar nomes.

Então comecei a citar os nomes de todas as pessoas que pensei que assinariam aquele abaixo-assinado. Citei todos os meus amigos mais chegados, depois alguns parentes e algumas pessoas com quem eu trabalhava. Depois de cada nome, Iva dizia com segurança: “Tá bom. Ele acabou de assinar”, ou “Ela acabou de assinar”. Algumas vezes, ela su-

geria seus próprios signatários, como: “Meus pais acabaram de assinar. Eles criaram os filhos durante uma guerra. Detestam conflitos inúteis. Ficariam felizes em ver seu divórcio terminar.”

Fechei os olhos e esperei que outros nomes me ocorressem.

– Acho que Bill e Hillary Clinton acabaram de assinar – falei.

– Não duvido – disse ela. – Escute, Liz... *qualquer um* pode assinar esse abaixo-assinado. Você entende isso? Chame todo mundo, vivo ou morto, e comece a juntar assinaturas.

– São Francisco de Assis acabou de assinar!

– É *claro* que sim! – Iva bateu com a mão no volante, decidida.

Agora eu estava embalada:

– Abraham Lincoln acabou de assinar! E Gandhi, e Mandela, e todos os defensores da paz. Eleanor Roosevelt, Madre Teresa, Bono, Jimmy Carter, Mohamed Ali, Jackie Robinson e o Dalai Lama... e a minha avó que morreu em 1984, e a minha avó que ainda está viva... e o meu professor de italiano, e a minha terapeuta, e a minha agente... e Martin Luther King Jr. e Katharine Hepburn... e Martin Scorsese (o que não seria necessariamente de se esperar, mas mesmo assim é gentil da parte dele)... e a minha Guru, é claro... e Joanne Woodward, e Joana d’Arc, e a sra. Carpenter, minha professora da terceira série, e Jim Henson...

Os nomes iam jorrando da minha boca. Não pararam de jorrar durante quase uma hora, enquanto íamos atravessando o Kansas, e meu abaixo-assinado da paz começou a acumular páginas e mais páginas de signatários. Iva continuava a confirmar – *pronto, ele assinou, pronto, ela assinou* – e eu comecei a ter uma poderosa sensação de estar protegida, cercada pela boa vontade coletiva de tantas almas importantes.

O ritmo da lista finalmente diminuiu, e minha ansiedade diminuiu com ele. Eu estava com sono. Iva disse:

– Tire um cochilo. Eu dirijo.

Fechei os olhos. Um último nome surgiu.

– Michael J. Fox acabou de assinar – murmurei e, em seguida, adormeci. Não sei quanto tempo passei dormindo, talvez tenham sido só dez minutos, mas foi um sono profundo. Quando acordei, Iva ainda

estava dirigindo. Ela cantarolava uma musiquinha para si mesma. Dei um bocejo.

Meu celular tocou.

Olhei para aquele *telefonino* maluco vibrando de excitação no cinzeiro do carro alugado. Sentia-me desorientada, meio chapada com o cochilo, e subitamente incapaz de me lembrar de como funciona um telefone.

– Vamos – disse Iva, já sabendo. – Atenda esse troço.

Peguei o celular, sussurrei um “Alô”.

– Ótimas notícias! – anunciou minha advogada da longínqua Nova York. – Ele acabou de assinar!

10

Algumas semanas mais tarde, estava morando na Itália. Pedi demissão do meu emprego, paguei o acordo do meu divórcio e os honorários dos advogados, abri mão da minha casa, abri mão do meu apartamento, guardei todos os pertences que me restavam na casa da minha irmã e arrumei duas malas. Meu ano de viagem havia começado. E eu de fato *posso* fazer isso devido a um milagre pessoal atordoante: minha editora comprou, adiantado, o livro que vou escrever sobre as minhas viagens. Em outras palavras, tudo acabou acontecendo exatamente como o xamã indonésio havia previsto. Eu perderia todo o meu dinheiro, e ele seria imediatamente repostado – ou pelo menos o suficiente para me comprar um ano de vida.

Então agora sou moradora de Roma. O apartamento que encontrei é um pequeno quitinete em um prédio tombado, localizado a poucos estreitos quarteirões da escada da Piazza d’Espagna, abrigado sob as graciosas sombras do elegante Parque Borghese, na rua logo acima da Piazza del Popolo, onde os antigos romanos costumavam correr de rua para rua. É claro que esse bairro não tem a extensa grandiosidade do meu antigo bairro nova-iorquino, que dava para a entrada do Lincoln Tunnel, mas mesmo assim...

Vai servir.

11

A primeira refeição que fiz em Roma não foi nada demais. Foi só uma massa caseira (*spaghetti carbonara*) com uma porção de espinafre refogado com alho. (O grande poeta romântico Shelley escreveu certa vez uma carta horrorizada para um amigo na Inglaterra sobre a culinária italiana: “Moças de boa família chegam a comer – você nunca vai adivinhar o quê – ALHO!”) Também comi uma alcachofra, só para provar; os romanos têm muito orgulho de suas alcachofras. Depois houve um outro acompanhamento surpresa trazido pela garçonete, de graça – uma porção de flores de abobrinha fritas com um pedaço de queijo cremoso no centro (preparadas com tanta delicadeza que as flores provavelmente nem perceberam que não estavam mais no pé). Depois do espaguete, provei a vitela. Ah, e também bebi uma garrafa do vinho tinto da casa, sozinha. E comi um pouco de pão morno, com azeite e sal. De sobremesa, *tiramisù*.

Caminhando de volta para casa depois da refeição, por volta das 11 da noite, pude ouvir barulhos vindos de um dos prédios na minha rua, algo que parecia uma convenção de crianças de 7 anos – talvez uma festinha de aniversário? Risos, gritos e crianças correndo. Subi as escadas até meu apartamento, deitei-me na minha cama nova e apaguei a luz. Esperei para ver quando ia começar a chorar ou a me preocupar, já que era isso o que geralmente acontecia comigo quando as luzes estavam apagadas, mas na verdade eu estava me sentindo bem. Eu estava bem. Sentia os primeiros sintomas do contentamento.

Meu corpo cansado perguntou à minha mente cansada: “Era só disso que você precisava, então?”

Não houve resposta. Eu já estava profundamente adormecida.

12

Em todas as grandes cidades do mundo ocidental, algumas coisas são sempre iguais. Os mesmos africanos estão sempre vendendo

cópias das mesmas bolsas e óculos escuros de marca, e os mesmos músicos guatemaltecos estão sempre tocando a mesma música em suas flautas de bambu. Mas algumas coisas só existem em Roma. Como o vendedor de sanduíches que me chama com tanta desenvoltura de “linda” toda vez que nos falamos. *Quer este panino grelhado ou frio, bella?* Ou os casais que se abraçam e se beijam por toda parte, como se houvesse algum concurso disso, enroscando-se uns nos outros em bancos de praça, acariciando os cabelos e partes íntimas uns dos outros, encostando-se e remexendo-se sem cessar...

E há também os chafarizes. Plínio, o Velho, escreveu certa vez: “Caso alguém um dia reflita sobre a abundância do fornecimento público de água em Roma para banhos, cisternas, calhas, casas, jardins, *villas*; e caso leve em conta a distância que ela precisa percorrer, os arcos que precisa atravessar, as montanhas que precisa perfurar, os vales que precisa transpor – irá reconhecer que nunca houve nada de mais maravilhoso em todo o mundo.”

Alguns séculos depois, eu já tinha alguns candidatos ao posto de meu chafariz romano predileto. Um deles fica na Villa Borghese. No centro desse chafariz há uma alegre família de bronze. Papai é um fauno, e mamãe, uma mulher normal. Eles têm um bebezinho que gosta de comer uvas. Mamãe e papai estão em uma pose estranha – frente a frente, segurando os pulsos um do outro, ambos inclinados para trás. É difícil dizer se estão puxando um ao outro porque estão brigando ou se estão se sacudindo alegremente, mas há muita energia na cena. Seja como for, a criança está encarapitada em cima de seus pulsos, bem no meio deles, sem se deixar afetar por sua alegria ou por sua disputa, mordiscando seu cacho de uvas. Seus pequeninos cascos fendidos balançam abaixo dele, enquanto ele come. (Ele puxou ao pai.)

É o início de setembro de 2003. O tempo está quente e preguiçoso. A essa altura, meu quarto dia em Roma, minha sombra ainda não recaiu sobre a entrada de nenhuma igreja ou museu, e tampouco abri um guia. Mas tenho caminhado sem parar e a esmo, e de fato acabei encontrando o lugarzinho que um motorista de ônibus simpático informou vender O Melhor *Gelato* de Roma. O lugar se chama “Il Gelato

di San Crispino”. Não tenho certeza, mas acho que se pode traduzir isso como “o sorvete do santo crespo”. Provei uma mistura dos sabores mel e avelã. Voltei mais tarde naquele mesmo dia para provar o de *grapefruit* e o de melão. Então, logo depois do jantar naquela mesma noite, percorri todo o caminho até lá mais uma vez, só para provar um copinho do sorvete de canela com gengibre.

Venho tentando ler um artigo de jornal inteiro por dia, por mais que demore. Consulto aproximadamente uma palavra a cada três no meu dicionário. A notícia de hoje era fascinante. É difícil imaginar uma manchete mais dramática do que: “*Obesità! I Bambini Italiani Sono i Più Grassi d’Europa!*” Meu Deus! Obesidade! Acho que o artigo está dizendo que os bebês italianos são os mais gordos da Europa! Depois de ler mais, fico sabendo que os bebês italianos são consideravelmente mais gordos do que os bebês alemães, e muito consideravelmente mais gordos do que os bebês franceses. (Felizmente, não havia referência a qual seria sua comparação com os bebês americanos.) As crianças italianas mais velhas também estão perigosamente obesas nos dias de hoje, diz o artigo. (A indústria da massa se defendeu.) As alarmantes estatísticas sobre a gordura das crianças italianas foram reveladas ontem por – essa parte nem é preciso traduzir – “*una task force internazionale*”. Levei quase uma hora para decifrar o artigo inteiro. Durante todo o tempo, eu estava comendo uma pizza e escutando uma das crianças italianas tocar acordeão do outro lado da rua. O menino não me pareceu muito gordo, mas pode ter sido porque ele era cigano. Não tenho certeza se não entendi direito a última linha do artigo, mas parecia que o governo estava dizendo que a única forma de lidar com a crise de obesidade na Itália era instaurar um imposto para quem estivesse acima do peso...? Será que isso era verdade? Depois de eu passar alguns meses comendo deste jeito, será que vão me prender?

Também é importante ler o jornal todos os dias para ver como anda o papa. Aqui, em Roma, a saúde do papa é registrada todos os dias no jornal, do mesmo jeito que a meteorologia ou a programação de TV. Hoje o papa está cansado. Ontem o papa estava menos cansado do que hoje. Amanhã, esperamos que o papa não esteja tão cansado quanto estava hoje.

Isto aqui é um tipo de paraíso do idioma para mim. Para alguém que sempre quis falar italiano, o que poderia ser melhor do que Roma? É como se alguém tivesse inventado uma cidade só para se adequar às minhas especificações, onde todo mundo (até as crianças, até os motoristas de táxi, até os atores dos comerciais!) fala esta língua mágica. Enquanto eu estiver aqui, eles vão até imprimir os jornais em italiano; eles não se importam! Eles aqui têm livrarias que *só vendem livros escritos em italiano!* Descobri uma livraria dessas ontem de manhã e tive a sensação de estar entrando em um palácio encantado. Tudo era em italiano – até as histórias do dr. Seuss. Passei pela loja, tocando todos os livros, esperando que alguém que me visse pensasse que eu era uma italiana. Ah, como eu queria que o italiano se revelasse para mim! Essa sensação me lembrava quando eu tinha 4 anos de idade e ainda não sabia ler, mas estava morrendo de vontade de aprender. Lembro-me de ficar sentada na sala de espera do consultório de um médico com minha mãe, segurando uma revista de prendas domésticas na frente do rosto, virando as páginas devagar, encarando o texto, e esperando que os adultos da sala de espera pensassem que eu estava lendo de verdade. Desde essa época eu não me sentia tão carente de compreensão. Encontrei alguns livros de poetas americanos nessa livraria, com a versão original em inglês impressa em uma página e a tradução italiana na outra. Comprei um volume de Robert Lowell e outro de Louise Glück.

Existem aulas de conversação espontâneas por toda parte. Hoje eu estava sentada em um banco de parque quando uma senhora muito baixinha vestida de preto chegou perto, sentou-se ao meu lado e começou a me dar um sermão sobre alguma coisa. Sacudi a cabeça, muda e sem entender. Pedi desculpas, dizendo em um italiano muito educado:

– Desculpe, mas eu não falo italiano –, e ela fez uma cara de quem poderia me bater com uma colher de pau, se tivesse uma ali. Insistiu:

– Você está entendendo!

(O interessante é que ela estava certa. *Essa frase eu entendi.*) Então quis saber de onde eu era. Eu lhe disse que era de Nova York, e perguntei de onde ela era. Dã – ela era de Roma. Ao ouvir isso, bati palmas como um bebê. *Ah, Roma! Linda Roma! Eu amo Roma! Bonita Roma!*

Ela ficou ouvindo minhas exclamações primitivas com ceticismo. Então foi direto ao assunto e me perguntou se eu era casada. Eu lhe disse que era divorciada. Aquela era a primeira vez que eu dizia aquilo a alguém, e ali estava eu, dizendo em italiano. É claro que ela perguntou:

– *Perché?* – Bom... “Por que” é uma pergunta difícil de responder em qualquer idioma. Gaguejei, e finalmente consegui dizer:

– *L’abbiamo rotto* (Nós terminamos).

Ela aquiesceu, levantou-se, subiu a rua até seu ponto de ônibus, subiu no ônibus e sequer se virou para olhar para mim novamente. Será que estava com raiva de mim? Estranhamente, fiquei esperando por ela naquele banco de parque durante vinte minutos, pensando, de forma irracional, que ela poderia voltar e continuar nossa conversa, mas ela nunca voltou. Seu nome era Celeste, pronunciado com um *tch* duro, como em *cello*.

Mais tarde, naquele mesmo dia, encontrei uma biblioteca. Ah, como eu adoro uma biblioteca. Já que estamos em Roma, essa biblioteca é um lindo prédio antigo, e no interior há um jardim que você nunca teria adivinhado que existia, se houvesse apenas olhado o lugar da rua. O jardim é um quadrado perfeito, salpicado de pés de laranjeira, e com um chafariz no centro. Pude ver imediatamente que aquele chafariz seria um competidor para o posto de meu preferido em Roma, embora ele fosse diferente de todos os que eu já havia visto. Para começar, não era esculpido em mármore imperial. Aquele era um chafariz pequeno, verde, musguento, orgânico. Parecia um tufo de samambaias desgredado e úmido. (Na verdade, era exatamente igual à abundante folhagem que crescia da cabeça da figura em postura de prece que o velho xamã indonésio havia desenhado para mim.) A água jorrava do centro desse arbusto verdejante e, em seguida, respingava sobre as folhas, fazendo subir pelo jardim inteiro um som lindo e melodioso.

Encontrei um banco debaixo de uma laranjeira e abri um dos livros de poesia que havia comprado na véspera. Louise Glück. Li o primeiro poema em italiano, depois em inglês, e me detive na seguinte estrofe:

Dal centro della mia vita venne una grande fontana.

“Do centro da minha vida veio um grande chafariz...”

Larguei o livro no meu colo, trêmula de alívio.

13

Verdade seja dita, não sou a melhor viajante do mundo. Sei disso porque já viajei muito, e conheci pessoas que são ótimas viajantes. Verdadeiros talentos naturais. Conheci viajantes que são tão fisicamente resistentes que seriam capazes de beber a água de uma sarjeta de Calcutá em uma caixa de sapatos e não passar mal. Pessoas que absorvem novos idiomas, enquanto o restante de nós só consegue absorver doenças infecciosas. Pessoas que sabem como acalmar um guarda de fronteira ameaçador ou seduzir um burocrata pouco cooperativo na seção de vistos. Pessoas que têm a altura e a compleição certas para parecerem mais ou menos normais em qualquer lugar que estejam – na Turquia, poderiam muito bem ser turcas, no México são subitamente mexicanas, na Espanha poderiam ser confundidas com bascos e na África do Norte algumas vezes podem passar por árabes...

Não tenho essas qualidades. Em primeiro lugar, não passo despercebida. Alta, loura e com a pele cor-de-rosa, sou tão camaleoa quanto um flamingo. Onde quer que eu vá, à exceção de Dusseldorf, eu me destaco de forma gritante. Quando fui à China, as mulheres costumavam se aproximar de mim na rua e me apontar para seus filhos como se eu fosse algum animal que houvesse fugido do zoológico. E seus filhos – que nunca haviam visto nada parecido com essa pessoa de rosto rosado e cabelos amarelos que mais parece um fantasma – muitas vezes abriam o berreiro ao me ver. Realmente detestei isso na China.

Tenho pouco talento (ou melhor, tenho preguiça) para pesquisar um lugar antes de viajar, e minha tendência é simplesmente aparecer e ver o que acontece. Quando você viaja assim, o que tipicamente “acontece” é que você acaba passando um tempão parado no meio da estação de trem sem saber o que fazer, ou gastando dinheiro demais em hotéis por estar desinformado. Meu precário senso de orientação e geografia significa que explorei seis continentes na vida tendo apenas a mais vaga das idéias de onde estava naquele momento. Além da minha bússola inter-

na avariada, também não tenho grandes reservas de sangue-frio, o que pode ser um problema em viagem. Nunca aprendi a dar ao meu rosto aquela expressão de invisibilidade competente tão útil quando se viaja por lugares perigosos e desconhecidos. Vocês sabem – aquela expressão de alguém que está totalmente relaxado, inteiramente no controle da situação, que faz você parecer estar em casa em qualquer lugar, em todos os lugares, até mesmo no meio de uma rebelião em Jacarta. Ah, não. Quando não sei o que estou fazendo, tenho cara de quem não sabe o que está fazendo. Quando estou animada ou nervosa, tenho cara de animada ou nervosa. E quando estou perdida, o que é freqüente, tenho cara de perdida. Meu rosto é um transmissor transparente de cada pensamento meu. Como David disse certa vez: “O seu rosto é o oposto do rosto de quem joga pôquer. Parece o rosto de quem joga... minigolfe.”

E, ah, que tormentos as viagens já inflingiram a meu sistema digestivo! Não quero mesmo ficar colocando minhocas na sua cabeça (com o perdão da expressão), mas acho que basta dizer que já vivenciei todas as mais dramáticas emergências digestivas. No Líbano, certa noite passei tão mal que só podia pensar que, de alguma forma, havia contraído uma versão do Oriente Médio do vírus Ebola. Na Hungria, padeci de um mal intestinal inteiramente diferente, que mudou para sempre a minha relação com a expressão “bloco socialista”. Mas também tenho outras fraquezas físicas. Dei um jeito nas costas no primeiro dia de viagem pela África, fui o único membro do meu grupo a sair das florestas da Venezuela com picadas de aranha infeccionadas, e pergunto a vocês – por favor! – quem é que consegue uma queimadura de sol em *Estocolmo*?

Mesmo assim, apesar de tudo isso, viajar é a verdadeira grande paixão da minha vida. Sempre senti, desde que tinha 16 anos e fui à Rússia pela primeira vez com o dinheiro que juntei cuidando de crianças, que viajar compensa qualquer custo ou sacrifício. Sou leal e constante em meu amor pelas viagens, de um modo como nem sempre fui leal e constante em relação às minhas outras paixões. Tenho pelas viagens o mesmo sentimento que uma feliz nova mãe tem por seu recém-nascido barulhento, irrequieto e cheio de cólicas – simplesmente *não ligo* para o que elas me fazem suportar. Porque eu as adoro. Porque

elas são minhas. Porque são exatamente a minha cara. Elas podem golpear em cima de mim se quiserem – eu simplesmente não ligo.

Mas enfim, para um flamingo, não sou assim tão impotente. Tenho meu próprio conjunto de técnicas de sobrevivência. Sou paciente. Sei fazer uma mala levinha. Não tenho medo de comer nada. Mas meu maior talento em relação às viagens é que consigo fazer amizade com *qualquer pessoa*. Consigo fazer amizade com os mortos. Certa vez, fiquei amiga de um criminoso de guerra na Sérvia, e ele me convidou para passar as férias com sua família nas montanhas. Não que eu tenha orgulho de ter assassinos em massa sérvios na lista das minhas pessoas mais queridas (precisei ficar amiga dele por causa de um trabalho, e também para que ele não me desse um soco), mas só estou dizendo que posso fazer isso. Se não tiver mais ninguém com quem conversar, eu provavelmente poderia ficar amiga de um fradinho de rua. É por isso que não tenho medo de viajar para os lugares mais distantes do mundo, não se lá houver seres humanos que eu possa encontrar. Antes de eu viajar para a Itália, as pessoas me perguntavam: “Você tem amigos em Roma?”, e eu simplesmente fazia que não com a cabeça, pensando comigo mesma: *Mas vou ter*.

Na maior parte das vezes, você conhece seus amigos de viagem por acidente, como quando alguém se senta ao seu lado em um trem, ou em um restaurante, ou na cela de alguma delegacia. Mas esses são encontros aleatórios, e você nunca deve confiar apenas no acaso. Para uma abordagem mais sistemática, ainda existe o maravilhoso antigo sistema da “carta de apresentação” (hoje mais provavelmente um e-mail) apresentando você formalmente ao amigo de um amigo. Essa é uma ótima forma de conhecer pessoas, se você tiver cara-de-pau suficiente para dar o primeiro telefonema e se convidar para jantar. Assim, antes de viajar para a Itália, perguntei a todo mundo que eu conhecia nos Estados Unidos se *eles* tinham algum amigo em Roma, e fico feliz em informar que embarquei no avião com uma lista respeitável de contatos italianos.

Entre todos os indicados à minha Lista de Novos Amigos Italianos em Potencial, estou mais curiosa para conhecer um cara chamado... preparem-se... Luca Spaghetti. Luca Spaghetti é muito amigo do meu

grande amigo Patrick McDevitt, que conheço desde a faculdade. E esse é o nome de verdade dele, juro por Deus, não estou inventando. É incrível demais. Quero dizer – pensem um pouco. Imaginem o que é passar a vida inteira com um nome como *Patrick McDevitt*?

De qualquer forma, estou planejando entrar em contato com Luca Spaghetti o mais rápido possível.

14

Mas primeiro preciso resolver a questão da escola. Minhas aulas começam hoje na Academia de Estudos de Idiomas Leonardo da Vinci, onde estudarei italiano cinco dias por semana, quatro horas por dia. Estou superanimada com essas aulas. Adoro ser *estudiante*. Escolhi minhas roupas todas na noite passada, do mesmo jeito que fiz na véspera do meu primeiro dia de aula no C.A., com meus sapatos de verniz e minha lancheira nova. Espero que a professora goste de mim.

No primeiro dia na Leonardo da Vinci, todos temos de fazer um teste de nivelamento para sermos colocados na turma certa segundo nossos conhecimentos de italiano. Quando fiquei sabendo disso, imediatamente comecei a esperar que não me colocassem em uma turma de Nível Um, porque isso seria humilhante, uma vez que eu já tinha feito um semestre inteiro de aulas de italiano na minha Escola Noturna para Senhoras Divorciadas em Nova York, e uma vez que havia passado o verão memorizando fichas, e uma vez que estava em Roma já fazia uma semana, treinando o idioma em primeira mão, tendo chegado até a conversar com vovozinhas sobre divórcio. O problema é que não sei quantos níveis esta escola tem mas, assim que escutei a palavra nível, resolvi que precisava entrar no Nível Dois – *pelo menos*.

Então hoje está chovendo a cântaros, e chego cedo à escola (como sempre cheguei – *CDF!*) e faço o teste. Que teste mais difícil! Não consigo fazer nem um décimo. Sei tanto italiano, conheço *dúzias* de palavras em italiano, mas eles não me perguntam nada do que eu sei.

Depois vem uma prova oral, que é ainda pior. Um professor de italiano bem magrinho chega para me entrevistar, falando rápido demais, na minha opinião, e eu deveria estar fazendo uma prova bem melhor, mas estou nervosa e erro coisas que já sei (por exemplo: por que falei *Vado a scuola* em vez de *Sono andata a scuola?* Isso eu sei!).

No final das contas, fica tudo bem. O professor de italiano magrinho olha minha prova e escolhe a minha turma:

Nível DOIS!

As aulas começam à tarde. Então saio para almoçar (endívias na brasa), depois volto saltitando para a escola e passo com ar de superioridade pelos alunos do Nível Um (que devem ser *molto stupido* mesmo) e entro na minha primeira aula. Com meus colegas. Só que rapidamente fica óbvio que aqueles não são meus colegas, e que não tenho nada que estar ali, porque o Nível Dois é, na verdade, *molto* difícil. Tenho a sensação de estar conseguindo não me afogar, mas é por pouco. A cada respiração, engulo mais água. O professor, um cara magrinho (por que os professores aqui são tão magrinhos? Não confio em italianos magros), avança depressa demais, pulando capítulos inteiros do livro, dizendo: “Isto vocês já sabem, isto aqui também...”, e mantendo um diálogo rapidíssimo com meus colegas aparentemente fluentes. Meu estômago se contrai de terror, e fico tentando respirar e rezando para ele não me chamar. Assim que chega a hora do intervalo, saio correndo da sala com as pernas bambas e disparo até a sala da administração, quase chorando, onde pergunto em um inglês muito claro se eles poderiam, por favor, me passar para uma turma de Nível Um. Coisa que eles fazem. E agora estou aqui.

Este professor é gordinho e fala devagar. Bem melhor.

15

O interessante em relação à minha aula de italiano é que ninguém na verdade precisa estar aqui. Somos 12 pessoas estudando juntas, de todas as idades, de todos os cantos do mun-

do, e todos vieram para Roma pelo mesmo motivo – aprender italiano só porque estão com vontade. Nenhum de nós é capaz de citar uma única razão prática para estar aqui. O chefe de ninguém disse: “É fundamental você aprender italiano para podermos fazer nossos negócios internacionais.” Todo mundo, até mesmo o sério engenheiro alemão, compartilha o que eu pensava ser o meu motivo particular: todos nós queremos falar italiano porque adoramos a sensação que o idioma nos dá. Uma russa de expressão triste nos diz que está fazendo aulas de italiano porque “eu acho que mereço alguma coisa bonita”. O engenheiro alemão diz: “Eu quero italiano porque adoro a *dolce vita*” – a vida bela. (Só que, com seu sotaque alemão duro, acaba parecendo que ele está dizendo que adora a “*deustsche vita*” – a vida alemã –, coisa que tenho certeza de que ele já teve bastante).

Como descobrirei ao longo dos próximos meses, na verdade há alguns bons motivos para o italiano ser a língua mais bela e sedutora do mundo, e para eu não ser a única pessoa que pensa assim. Para entender o porquê, você primeiro precisa entender que a Europa era uma confusão de inúmeros dialetos derivados do latim que aos poucos, ao longo dos séculos, se transformaram em alguns idiomas distintos – francês, português, espanhol, italiano. O que aconteceu na França, em Portugal e na Espanha foi uma evolução orgânica: o dialeto da cidade mais proeminente se tornou, aos poucos, a língua oficial da região toda. Portanto, o que hoje chamamos de francês é na verdade uma versão do parisiense medieval. O português é na verdade o lisboeta. O espanhol é essencialmente o madrilenho. Essas são vitórias capitalistas; a cidade mais forte acabou determinando o idioma do país inteiro.

Na Itália foi diferente. Uma diferença importante foi que, durante muito tempo, a Itália sequer foi um país. Ela só se unificou bem tarde (1861) e, até então, era uma península de cidades-Estado em guerra entre si, dominadas por orgulhosos príncipes locais ou por outras potências europeias. Partes da Itália pertenciam à França, partes à Espanha, partes à Igreja, e partes a quem quer que conseguisse conquistar a fortaleza ou o palácio local. O povo italiano se mostrava alternativamente humilhado e conformado com toda essa dominação. A

maioria não gostava muito de ser colonizada por seus co-cidadãos europeus, mas sempre havia aquele bando apático que dizia: “*Franza o Spagna, purchè se magna*”, que, em dialeto, significa: “França ou Espanha, contanto que eu possa comer.”

Toda essa divisão interna significa que a Itália nunca se unificou adequadamente, e o mesmo aconteceu com a língua italiana. Assim, não é de espantar que, durante séculos, os italianos tenham escrito e falado dialetos locais incompreensíveis para quem é de outra região. Um cientista florentino mal conseguia se comunicar com um poeta siciliano ou com um comerciante veneziano (exceto em latim, que não chegava a ser considerada a língua nacional). No século XVI, alguns intelectuais italianos se juntaram e decidiram que isso era um absurdo. A península italiana precisava de um idioma *italiano*, pelo menos na forma escrita, que fosse comum a todos. Então esse grupo de intelectuais fez uma coisa inédita na história da Europa; escolheu a dedo o mais bonito dos dialetos locais e o batizou de *italiano*.

Para encontrar o mais bonito dos dialetos já falados na Itália, eles precisaram recuar duzentos anos, até a Florença do século XIV. O que esse grupo decidiu que a partir dali seria considerada a língua italiana correta foi a linguagem pessoal do grande poeta florentino Dante Alighieri. Ao publicar sua *Divina Comédia*, em 1321, descrevendo em detalhes uma jornada visionária pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, Dante havia chocado o mundo letrado ao não escrever em latim. Considerava o latim um idioma corrupto, elitista, e achava que o seu uso na prosa respeitável havia “prostituído a literatura”, transformando a narrativa universal em algo que só podia ser comprado com dinheiro, por meio dos privilégios de uma educação aristocrática. Em vez disso, Dante foi buscar nas ruas o verdadeiro idioma florentino falado pelos moradores da cidade (o que incluía ilustres contemporâneos seus, como Boccaccio e Petrarca), e usou esse idioma para contar sua história.

Ele escreveu sua obra-prima no que chamava de *dolce stil nuovo*, o “doce estilo novo” do vernáculo, e moldou esse vernáculo ao mesmo tempo que escrevia, atribuindo-lhe uma personalidade de uma forma tão pessoal quanto Shakespeare um dia faria com o inglês elizabetano.

O fato de um grupo de intelectuais nacionalistas se reunir muito mais tarde e decidir que o italiano de Dante seria, a partir dali, a língua oficial da Itália seria mais ou menos como se um grupo de acadêmicos de Oxford houvesse se reunido um dia no século XIX e decidido que – daquele ponto em diante – todo mundo na Inglaterra iria falar o puro idioma de Shakespeare. E a manobra realmente *funcionou*.

O italiano que falamos hoje, portanto, não é o romano ou o veneziano (embora essas cidades fossem poderosas do ponto de vista militar e comercial), e sequer é inteiramente florentino. O idioma é fundamentalmente *dantesco*. Nenhum outro idioma europeu tem uma linha-gem tão artística. E, talvez, nenhum outro idioma jamais tenha sido tão perfeitamente ordenado para expressar os sentimentos humanos quanto esse italiano florentino do século XIV, embelezado por um dos maiores poetas da civilização ocidental. Dante escreveu sua *Divina Comédia* em *terza rima*, terça rima, uma cadeia de versos em que cada rima se repete três vezes a cada cinco linhas, o que dá a esse belo vernáculo florentino o que os estudiosos chamam de “ritmo em cascata” – ritmo esse que sobrevive até hoje no falar cadenciado e poético dos taxistas, açougueiros e funcionários públicos italianos. A última linha da *Divina Comédia*, em que Dante se depara com a visão de Deus em pessoa, é um sentimento que ainda pode ser facilmente compreendido por qualquer um que conheça o chamado italiano moderno. Dante escreve que Deus não é apenas uma imagem ofuscante de luz gloriosa, mas que Ele é, acima de tudo, *l'amor che move il sole e l'altre stelle...*

“O amor que move o sol e as outras estrelas.”

Então não é mesmo de se espantar que eu quisesse tão desesperadamente aprender esse idioma.

16

Depois de cerca de dez dias na Itália, a Depressão e a Solidão acabam me encontrando. Estou passeando pela Villa Borghese certa tarde, depois de um agradável dia de aula, e o sol está

se pondo em tons de dourado acima da Basílica de São Pedro. Sinto-me contente neste cenário romântico, mesmo estando completamente sozinha, enquanto todas as outras pessoas no parque estão acariciando um amante ou brincando com uma criança risonha. Mas quando paro e me apóio em uma balaustrada para admirar o pôr-do-sol, acabo pensando um pouco demais, e meus pensamentos se tornam sombrios, e é então que as duas me encontram.

Aproximam-se de mim, silenciosas e ameaçadoras como detetives particulares, e me cercam – a Depressão pela esquerda, a Solidão pela direita. Sequer precisam me mostrar seus distintivos. Eu as conheço muito bem. Há anos que temos brincado de gato e rato. Embora eu reconheça que estou surpresa por encontrá-las neste elegante jardim italiano ao entardecer. Elas não combinam com este lugar.

Pergunto a elas:

“Como vocês me encontraram aqui? Quem disse a vocês que eu tinha vindo para Roma?”

A Depressão, sempre bancando a esperta, diz:

“Como assim, você não está feliz em nos ver?”

“Vá embora”, digo a ela.

A Solidão, a mais sensível das duas, diz:

“Desculpe, mas eu talvez precise seguir a senhora durante toda a sua viagem. É a minha missão.”

“Eu preferiria que você não fizesse isso”, digo-lhe, e ela dá de ombros, quase pedindo desculpas, mas se aproximando ainda mais.

Então elas me revistam. Esvaziam meus bolsos de qualquer alegria que eu estivesse carregando aqui. A Depressão chega a confiscar minha identidade; mas ela sempre faz isso. Então a Solidão começa a me interrogar, coisa que detesto, porque sempre dura horas. Ela é educada, mas implacável, e sempre acaba me encurralando. Pergunta se eu acho que tenho algum motivo para estar feliz. Pergunta por que estou sozinha esta noite, outra vez. Pergunta (embora já tenhamos passado por esse mesmo interrogatório vezes sem conta) por que não consigo manter um relacionamento, por que arruinei meu casamento, por que estraguei tudo com David, por que estraguei tudo com todos os homens

com quem já estive. Pergunta-me onde eu estava na noite em que completei 30 anos, e por que as coisas azedaram tanto desde então. Pergunta por que não consigo me recuperar, e por que não estou nos Estados Unidos, morando em uma bela casa e criando belos filhos, como qualquer mulher respeitável da minha idade deveria fazer. Pergunta por que, exatamente, eu acho que mereço umas férias em Roma, quando transformei minha vida em tamanho caos. Pergunta por que acho que fugir para a Itália como uma estudante universitária vai me fazer feliz. Pergunta onde acho que vou estar quando ficar velha, se continuar vivendo assim.

Volto a pé para casa, esperando conseguir me livrar delas, mas elas continuam a me seguir, essas duas capangas. A Depressão me segura firme pelo ombro e a Solidão me bombardeia com seu interrogatório. Sequer tenho forças para jantar; não quero que elas fiquem me espionando. Também não quero que subam as escadas até o meu apartamento, mas conheço a Depressão, e sei que ela carrega um cassetete, então não há como impedi-la de entrar, se ela decidir que quer fazer isso.

“Não é justo vocês virem aqui”, digo à Depressão. “Já paguei vocês. Já cumpri a minha pena lá em Nova York.”

Mas ela simplesmente me dá aquele sorriso sombrio, acomoda-se em minha cadeira preferida e acende um charuto, enchendo o aposento com sua fumaça desagradável. A Solidão olha aquela cena e dá um suspiro, em seguida deita-se na minha cama e se cobre com as cobertas, inteiramente vestida, de sapato e tudo. Estou sentindo que vai me obrigar a dormir com ela de novo esta noite.

17

Eu havia parado de tomar meu remédio poucos dias antes. Parecia-me simplesmente uma *loucura* tomar antidepressivos na Itália. Como é que eu poderia ficar deprimida aqui?

Nunca quis tomar remédios, para começo de conversa. Passara muito tempo lutando para não tomá-los, sobretudo devido a uma longa

lista de objeções pessoais (por exemplo: os americanos tomam remédios demais; ainda não sabemos que efeito esse negócio tem no cérebro a longo prazo; é um crime o fato de até as crianças americanas tomarem antidepressivos nos dias de hoje; estamos tratando os sintomas, não as causas, de uma emergência nacional na área da saúde mental...). Mesmo assim, durante os últimos anos da minha vida, não havia dúvida de que eu estava enfrentando graves problemas, e de que esses problemas não estavam indo embora depressa. Conforme meu casamento se desintegrava e meu drama com David se desenvolvia, eu passara a apresentar todos os sintomas de uma depressão grave – perda de sono, apetite e desejo sexual, crises de choro incontrolláveis, dores crônicas nas costas e no estômago, introspecção e desespero, dificuldade para me concentrar no trabalho, incapacidade até mesmo para me importar com o fato de os republicanos terem acabado de roubar uma eleição presidencial... a lista era infindável.

Quando se está perdido nessa selva, algumas vezes é preciso algum tempo para você se dar conta de que *está* perdido. Durante muito tempo, você pode se convencer de que só se afastou alguns metros do caminho, de que a qualquer momento irá conseguir voltar para a trilha marcada. Então a noite cai, e torna a cair, e você continua sem a menor idéia de onde está, e é hora de reconhecer que se afastou tanto do caminho que sequer sabe mais em que direção o sol nasce.

Encarei minha depressão como se fosse o maior desafio da minha vida, e é claro que era mesmo. Passei a estudar minha própria experiência depressiva, tentando desvendar suas causas. O que estava na raiz de todo aquele desespero? Seria psicológico? (Culpa de mamãe e papai?) Seria apenas temporário, um “período difícil” da minha vida? (Quando o divórcio terminar, será que a depressão vai terminar também?) Seria genético? (A Melancolia, chamada de muitos nomes, aflige minha família há gerações, junto com seu triste noivo, o Alcoolismo.) Seria cultural? (Será que isso é apenas a ressaca de uma americana pós-feminista que trabalha tentando encontrar o equilíbrio em um mundo urbano cada vez mais estressante e alienante?) Seria astrológico? (Será que estou tão triste porque sou uma canceriana sensível cujas principais características são

todas regidas pelo instável Gêmeos?) Seria artístico? (As pessoas criativas não sofrem sempre de depressão por serem ultra-sensíveis e *especiais*?) Seria evolucionário? (Será que carrego comigo o pânico residual que vem de milênios de tentativas da minha espécie de sobreviver em um mundo brutal?) Seria cármico? (Será que esses espasmos de tristeza são apenas as conseqüências de um mau comportamento em vidas passadas, os últimos obstáculos antes da libertação?) Seria hormonal? Nutricional? Filosófico? Sazonal? Ambiental? Será que eu estava experimentando uma ânsia universal por Deus? Será que estava com um desequilíbrio químico? Ou será que eu simplesmente precisava transar?

Que quantidade incrível de fatores constitui um único ser humano! Em quantas camadas nós funcionamos, e que quantidade de influências recebemos de nossas mentes, corpos, histórias, famílias, cidades, almas e almoços! Passei a ter a sensação de que minha depressão se devia provavelmente a uma combinação instável de todos esses fatores, e provavelmente também incluía algumas coisas que eu não saberia nem identificar nem explicar. Então, passei a lutar em todas as frentes. Comprei todos aqueles livros de auto-ajuda com títulos ridículos (sempre tomando o cuidado de embrulhar o livro na última edição de alguma revista masculina, para que desconhecidos não soubessem o que eu estava de fato lendo). Comecei buscando ajuda especializada com uma terapeuta cuja gentileza estava à altura de sua competência profissional. Rezei como uma freira noviça. Parei de comer carne (pelo menos por algum tempo) depois que alguém me disse que eu estava “comendo o medo do animal na hora de sua morte”. Algum massagista esotérico meio doidão me disse que eu deveria usar calcinhas cor de laranja para reequilibrar meus chacras sexuais, e, putz – eu realmente fiz isso. Bebi quantidades suficientes daquele maldito chá de erva-de-são-jão para alegrar um *gulas* russo inteiro, sem nenhum efeito perceptível. Fiz exercícios. Expus-me ao poder de revigoração da arte e protegi-me cuidadosamente de filmes, livros e canções tristes (se alguém mencionasse as palavras *Leonard* e *Cohen* na mesma frase, eu precisava sair da sala).

Tentei muito lutar contra os soluços constantes. Lembro-me de me perguntar certa noite, enquanto estava encolhida no mesmo canto do

meu velho sofá, novamente aos prantos por causa da mesma repetição de pensamentos tristes: “Será que você consegue mudar *alguma coisa* nesse quadro, Liz?” E tudo que eu conseguia pensar em fazer era me levantar, ainda aos soluços, e tentar me equilibrar em um pé só no meio da minha sala. Só para provar que – embora eu não conseguisse fazer as lágrimas pararem de correr, nem modificar meu desolador diálogo interno – eu ainda não estava inteiramente fora de controle: pelo menos podia chorar histericamente, enquanto me equilibrava em um pé só. Ora, já era um começo.

Eu atravessava a rua para caminhar onde havia sol. Apoiava-me em minha rede pessoal, aproximando-me da minha família e alimentando minhas amizades mais energizantes. E, quando aquelas revistas femininas intrometidas não paravam de me dizer que minha baixa auto-estima não estava ajudando em nada a curar a depressão, fiz um bonito corte de cabelos, comprei alguns produtos caros de maquiagem e um belo vestido. (Quando um amigo elogiou meu novo visual, tudo que consegui dizer, de cara fechada, foi: “Operação Auto-Estima – Porra de Dia Um.”)

A última coisa que tentei, depois de dois anos de luta contra essa tristeza, foi tomar remédios. Se me permitem expor minhas opiniões aqui, acho que isso sempre deve ser a última coisa a se tentar. Para mim, a decisão de tomar o caminho da “Vitamina P” aconteceu depois de uma noite em que eu havia passado horas sentada no chão do meu quarto, tentando muito convencer a mim mesma a não cortar meu próprio braço com uma faca de cozinha. Nessa noite, ganhei a discussão com a faca, mas foi por pouco. Naquela época, andava tendo algumas outras boas idéias – sobre como pular do alto de um prédio ou explodir minha cabeça com um tiro poderia pôr fim ao sofrimento. Mas alguma coisa no fato de passar a noite com uma faca na mão me fez ver a situação com outros olhos.

Na manhã seguinte, liguei para minha amiga Susan bem cedinho e implorei-lhe que me ajudasse. Acho que nenhuma mulher na história da minha família fez isso antes, sentar-se no meio da estrada daquele jeito e dizer, na metade da vida: “Não consigo dar mais nenhum passo

– alguém precisa me ajudar.” Parar de andar não teria adiantado nada para aquelas mulheres. Ninguém as teria ajudado, nem poderia. A única coisa que teria acontecido era que elas e suas famílias teriam passado fome. Eu não conseguia parar de pensar nessas mulheres.

E nunca vou me esquecer da expressão de Susan ao entrar correndo no meu apartamento, cerca de uma hora depois do meu telefonema pedindo socorro, e me ver encolhida no sofá. A imagem da minha dor refletida no visível medo que ela sentiu pela minha vida ainda é para mim uma das lembranças mais assustadoras de todos aqueles anos assustadores. Fiquei encolhida em posição fetal, enquanto Susan dava alguns telefonemas e encontrava um psiquiatra que pudesse me atender naquele mesmo dia para conversar sobre a possibilidade de me receitar antidepressivos. Escutei metade daquele diálogo telefônico de Susan com o médico, e ouvi-a dizer: “Acho que minha amiga vai se machucar seriamente.” Eu também estava com medo.

Quando fui à consulta com o psiquiatra, naquela tarde, ele me perguntou por que eu havia demorado tanto a pedir ajuda – como se eu já não estivesse tentando ajudar a mim mesma havia muito tempo. Eu lhe falei sobre minhas objeções e minhas reservas em relação aos antidepressivos. Pus em cima da mesa dele exemplares dos três livros que eu já havia publicado e disse: “Eu sou escritora. Por favor, não faça nada que vá prejudicar meu cérebro.” Ele disse: “Se você estivesse com uma doença renal, não hesitaria em tomar remédios para curá-la – por que está hesitando neste caso?” Mas isso só mostrava o quanto ele era ignorante em relação à minha família, entendem? Um Gilbert poderia muito bem *não* medicar uma doença renal, já que somos uma família que considera qualquer doença um sinal de fracasso pessoal, ético e moral.

Ele me receitou vários remédios diferentes – Xanax, Zoloft, Wellbutrin, Busperin –, até encontrar a combinação que não me deixasse enjoada nem transformasse minha libido em uma vaga lembrança. Em pouco tempo, menos de uma semana, pude sentir um pouco mais de luz irromper em minha mente. Também finalmente consegui dormir. E esse foi o verdadeiro presente, porque, quando você

não consegue dormir, não consegue sair do buraco – não há nenhuma chance. As pílulas me devolveram essas horas de recuperação noturna, e também impediram minhas mãos de tremer e aliviaram a intensa pressão no meu peito e o botão de emergência apertado dentro do meu coração.

Mesmo assim, nunca me senti muito bem tomando esses remédios, embora eles tenham me ajudado imediatamente. Pouco importava quem me dissesse que esses remédios eram uma boa idéia e que eram perfeitamente seguros; tomá-los nunca deixou de ser um conflito para mim. Os remédios faziam parte da minha ponte para o outro lado, não há dúvida, mas eu queria parar de tomá-los assim que possível. Comecei a tomar a medicação em janeiro de 2003. Em maio, já estava diminuindo significativamente a dosagem. De toda forma, aqueles haviam sido os meses mais difíceis – os últimos meses do divórcio, os últimos turbulentos meses com David. Será que eu teria suportado essa época sem os remédios, se tivesse segurado um pouco mais? Será que teria sobrevivido a mim mesma sozinha? Não sei. É essa a característica da vida humana – não há grupo placebo, não há nenhuma maneira de saber como qualquer um de nós teria se comportado caso qualquer uma das variáveis houvesse mudado.

O que sei é que esses remédios fizeram meu pesar parecer menos catastrófico. Então, sou grata por isso. Mas ainda sou profundamente ambivalente em relação a remédios que alteram o humor. Fico pasma com seu poder, mas preocupada com sua difusão, acho que precisam ser receitados e usados com muito mais moderação nos Estados Unidos, e nunca sem o tratamento paralelo de um aconselhamento psicológico. Medicar o sintoma de qualquer doença sem explorar sua causa inicial é apenas um modo classicamente burro e ocidental de achar que qualquer um poderia melhorar de verdade. Essas pílulas podem ter salvado a minha vida, mas só fizeram isso em conjunção com cerca de outros vinte esforços que eu estava fazendo simultaneamente, durante aquele mesmo período, para resgatar a mim mesma, e espero nunca mais ter de tomar esses remédios. Houve um médico que sugeriu que eu poderia precisar tomar antidepressivos muitas vezes na vida por cau-

sa da minha “tendência à melancolia”. Queira Deus que ele esteja errado. Pretendo fazer tudo que estiver ao meu alcance para provar que ele está errado, ou pelo menos para lutar contra essa tendência melancólica com todas as ferramentas disponíveis. Não sei dizer se isso faz de mim uma cabeça-dura que está prejudicando a si mesma, ou uma cabeça-dura que está preservando a si mesma.

Mas é assim que eu penso.

18

Ou melhor, é aqui que estou. Estou em Roma, e estou em apuros. As capangas Depressão e Solidão tornaram a entrar na minha vida sem pedir licença, e acabei de tomar meu último Wellbutrin três dias atrás. Há mais remédios na minha última gaveta, mas não quero tomá-los. Quero ficar livre deles para sempre. Mas também não quero a Depressão e a Solidão na área, então não sei o que fazer, e estou entrando em uma espiral de pânico, como sempre entro quando não sei o que fazer. Então o que faço esta noite é pegar meu caderninho mais íntimo, que guardo ao lado da cama em caso de emergência. Abro-o. Procuro a primeira página em branco. Escrevo:

“Preciso da sua ajuda.”

Então espero. Depois de um tempinho, surge uma resposta, na minha própria caligrafia:

Estou bem aqui. Como posso ajudar?

E assim recomeça minha conversa mais estranha e mais secreta. Aqui, no mais íntimo dos caderninhos, converso comigo mesma. Converso com aquela mesma voz que conheci naquela noite no meu banheiro, quando rezei a Deus pela primeira vez, aos prantos, pedindo ajuda, e quando alguma coisa (ou alguém) disse: “Volte para a cama, Liz.” Nos anos que se seguiram, descobri essa mesma voz em períodos de angústia, e aprendi que a melhor maneira de encontrá-la é por meio de uma conversa por escrito. Também fiquei surpresa ao descobrir que

quase sempre posso acessar essa voz, por mais negra que esteja a minha angústia. Mesmo durante os piores períodos de sofrimento, essa voz calma, compassiva, afetuosa e infinitamente sábia (que talvez seja eu, ou talvez não seja exatamente eu) está sempre disponível para uma conversa no papel a qualquer hora do dia ou da noite.

Decidi parar de me preocupar se o fato de conversar comigo mesma no papel quer dizer que sou maluca. Talvez a voz que eu esteja chamando seja a voz de Deus, ou talvez seja a minha Guru falando através de mim. Ou talvez seja o anjo que cuida do meu caso, ou talvez seja o meu Eu Superior, ou talvez, na verdade, seja apenas uma criação do meu subconsciente, inventada para me proteger do meu próprio tormento. Madre Teresa chamava essas vozes interiores divinas de “locuções” – palavras sobrenaturais que aparecem na mente de forma espontânea, traduzidas para o nosso próprio idioma, para lhe oferecer consolo celeste. Sei muito bem o que Freud teria dito sobre esse tipo de consolo espiritual, é claro – que é irracional e que “não merece confiança. A experiência nos ensina que o mundo não é um jardim-de-infância”. Concordo – o mundo não é um jardim-de-infância. Mas o próprio fato de o mundo ser tão desafiador é exatamente o *motivo* pelo qual você de vez em quando precisa sair de sua jurisdição para encontrar ajuda, recorrendo a uma autoridade maior em busca de reconforto.

No início da minha experiência espiritual, nem sempre tive essa fé toda na voz interior da sabedoria. Lembro-me de certa vez recorrer a meu caderninho íntimo em uma fúria amargurada de raiva e tristeza, e rabiscar uma mensagem para minha voz interior – para meu reconforto interior divino – que ocupou uma página inteira de letras maiúsculas:

“PORRA, EU NÃO ESTOU ACREDITANDO EM VOCÊ!!!!!!!”

Depois de alguns instantes, ainda ofegante, senti um pontinho de luz claramente se acender dentro de mim. E então me vi escrevendo a seguinte resposta bem-humorada e muito calma:

Então com quem você está falando?

Desde então, nunca mais duvidei de sua existência. Logo, hoje à noite, estendo outra vez a mão para essa voz. É a primeira vez que fa-

ço isso desde que cheguei à Itália. O que escrevo no meu diário esta noite é que estou fraca e com muito medo. Explico que a Depressão e a Solidão apareceram, e que estou com medo de elas nunca mais irem embora. Digo que não quero mais tomar os remédios, mas estou com medo de precisar tomar. Estou com pânico de nunca mais conseguir dar um jeito na minha vida.

Como resposta, de algum lugar de dentro de mim, surge uma presença agora familiar, que me oferece todas as certezas que eu sempre quis que outra pessoa me desse quando eu estava com problemas. O que me vejo escrevendo para mim mesma no papel é o seguinte:

Estou aqui. Eu amo você. Não me importo se você tiver de passar a noite inteira acordada chorando, eu fico com você. Se você precisar dos remédios de novo, não tem problema, tome – eu vou amar você do mesmo jeito, se fizer isso. Se você não precisar dos remédios, vou amar você do mesmo jeito. Não há nada que você possa fazer para perder o meu amor. Vou proteger você até você morrer, e depois da sua morte vou continuar protegendo você. Sou mais forte do que a Depressão e mais corajosa do que a Solidão, e nada nunca vai me desanimar.

Hoje, esse estranho gesto interior de amizade – a mão estendida por mim para mim mesma, quando não há mais ninguém por perto para oferecer consolo – me lembra algo que me aconteceu certa vez em Nova York. Uma tarde, entrei em um prédio comercial às pressas, e corri para o elevador que estava parado. Ao entrar, vi a mim mesma de relance no reflexo de um espelho de segurança. Naquele instante, meu cérebro fez uma coisa esquisita – enviou a seguinte mensagem, que durou uma fração de segundo: “Ei! Você conhece aquela mulher ali! Ela é amiga sua!” E eu, de fato, saí correndo em direção ao meu próprio reflexo com um sorriso no rosto, pronta para cumprimentar aquela moça de cujo nome eu havia me esquecido, mas cujo rosto era tão conhecido. Em uma fração de segundo, é claro, percebi meu erro, e ri, envergonhada por não saber como funciona um espelho, feito um cachorro. Por algum motivo, porém, torno a me lembrar desse incidente nesta

noite, durante minha tristeza romana, e vejo-me escrevendo este reconfortante lembrete no pé da página:

Nunca se esqueça de que, um dia, em um instante de espontaneidade, você reconheceu a si mesma como uma amiga.

Caio no sono segurando o caderninho bem apertado contra o peito, aberto nessa última frase reconfortante. Pela manhã, quando acordo, ainda posso sentir um ranço da fumaça do charuto da Depressão, mas ela própria não está por perto. Em algum momento da noite, levantou-se e foi embora. E sua amiga Solidão também deu o fora.

19

Tem uma coisa estranha, porém. Desde que cheguei a Roma, por algum motivo não consegui fazer ioga. Durante anos, mantive uma prática regular e séria, e cheguei até a trazer meu tapetinho, junto com as minhas melhores intenções. Mas, aqui, simplesmente não consigo. Quero dizer, quando é que vou fazer meus alongamentos de ioga? Antes do meu café-da-manhã italiano reforçado, feito de doces de chocolate e de um duplo *cappuccino*? Ou depois? Durante os meus primeiros dias aqui, eu desenrolava meu tapetinho todas as manhãs, como quem vai praticar, mas descobria que só conseguia olhar para ele e rir. Certa vez, cheguei até a dizer para mim mesma em voz alta, assumindo a *persona* do tapetinho: “Então, senhorita *Penne ai Quattro Formaggi*... vamos ver o que você tem para mostrar hoje.” Desconcertada, guardei o tapetinho de ioga no fundo da mala (e ele, de fato, não tornaria a ser desenrolado até a Índia). Em seguida, saí para dar uma volta e tomei um sorvete de pistache. Coisa que os italianos consideram perfeitamente razoável de se fazer às nove e meia da manhã e, para ser franca, concordo inteiramente com eles.

A cultura romana simplesmente não combina com a cultura do ioga, não até onde posso constatar. Na verdade, decidi que Roma e ioga não têm absolutamente nada em comum. A não ser pelo fato de ambos lembrarem um pouco a palavra *toga*.

20

Eu precisava fazer alguns amigos. Então saí à sua procura, e agora estamos em outubro e tenho uma bela coleção. Já conheço duas Elizabeths em Roma além de mim. Ambas são americanas, ambas são escritoras. A primeira Elizabeth é romancista e a segunda Elizabeth escreve livros de culinária. Com um apartamento em Roma, uma casa na Umbria, um marido italiano e um emprego que exige que ela viaje pela Itália comendo e escrevendo a respeito para a revista *Gourmet*, parece que a segunda Elizabeth deve ter salvo vários órfãos do afogamento durante alguma vida pregressa. Não é de surpreender que ela conheça todos os melhores lugares para se comer em Roma, incluindo uma *gelateria* que serve arroz doce gelado (e, se eles não servem esse tipo de coisa no céu, então não sei mesmo se quero ir para lá). Ela me levou para almoçar no outro dia, e o que comemos incluiu não apenas cordeiro e trufas e um *carpaccio* enrolado em volta de uma musse de avelã, como também uma exótica porçãozinha de *lampascione* em conserva, que – como todo mundo sabe – é o bulbo de uma flor, o jacinto selvagem.

É claro que, a esta altura, também já fiz amizade com Giovanni e Dario, os gêmeos de conto de fadas do meu intercâmbio de línguas. Na minha opinião, a gentileza de Giovanni o torna um tesouro nacional da Itália. Ele ganhou meu carinho para todo o sempre no dia em que nos conhecemos, quando eu estava frustrada com minha incapacidade para encontrar as palavras que queria em italiano, e ele pôs a mão no meu braço e disse:

– Liz, você tem de ser muito gentil com você mesma quando estiver aprendendo alguma coisa nova. – Algumas vezes, sinto que ele é mais velho do que eu, com seu rosto compenetrado, seu diploma de filosofia e suas opiniões políticas sérias. Gosto de tentar fazê-lo rir, mas Giovanni nem sempre entende as minhas piadas. É difícil compreender o humor em um segundo idioma. Sobretudo quando se é um rapaz tão sério quanto Giovanni. Noite dessas, ele me falou:

– Quando você está sendo irônica, sempre fico para trás. Sou mais lento. É como se você fosse o raio e eu fosse o trovão.

E eu pensei: *Isso, amor! E você é o ímã e eu sou o aço! Me leve até o seu couro, tire a minha renda!*

Mas, ainda assim, ele não me beijou.

Não vejo muito o outro gêmeo, Dario, embora ele passe bastante tempo com Sofie. Sofie é minha melhor amiga da aula de italiano, e sem dúvida é alguém com quem você também gostaria de passar o seu tempo, se você fosse Dario. Sofie é sueca e tem pouco menos de 30 anos, e é tão bonita que você poderia colocá-la em um anzol e usá-la como isca para pegar homens de todas as nacionalidades e faixas etárias possíveis. Sofie acabou de tirar uma licença de quatro meses de seu bom emprego em um banco sueco, para horror de sua família e espanto de seus colegas, somente porque queria vir a Roma aprender a falar a linda língua italiana. Todos os dias, depois da aula, Sofie e eu vamos nos sentar à margem do Tibre, para tomar nosso *gelato* e estudar juntas. Nem seria certo chamar isso de “estudo”, essa coisa que fazemos juntas. Está mais para uma admiração compartilhada da língua italiana, quase um ritual de adoração, e não paramos de sugerir uma à outra novas e maravilhosas expressões. Como, por exemplo, acabamos de aprender um dia desses que *un’amica stretta* significa “uma amiga íntima”. Mas o significado literal de *stretta* é justa, como para roupas, como uma saia justa. Então, em italiano, uma amiga íntima é uma amiga que você pode usar bem apertada, colada no corpo, e é isso que minha amiguinha sueca Sofie está se tornando para mim.

No início, eu gostava de pensar que Sofie e eu parecíamos irmãs. Então, no outro dia, estávamos andando de táxi por Roma e o cara que dirigia perguntou se Sofie era minha filha. Gente, vejam bem – a moça tem só uns sete anos a menos do que eu. Entrei em total paranóia, tentando explicar para mim mesma o que ele acabara de dizer. (Por exemplo, pensei, *Talvez esse taxista romano não fale muito bem italiano, e na verdade tenha querido perguntar se a gente era irmã.*) Mas não. Ele disse filha, e quis dizer mesmo filha. Ah, o que posso dizer? Passei por muita coisa durante estes últimos anos. Devo estar com uma aparência

bem sofrida e velha depois desse divórcio. Mas, como diz a velha canção country texana, “*I’ve been screwed and sued and tattooed, and I’m still standin’ here in front of you...*”: já fui enganado, processado e tatuado, e ainda estou aqui em pé na sua frente.

Também fiz amizade com um casal legal, Maria e Giulio, que me foi apresentado por minha amiga Anne – uma pintora americana que morou em Roma alguns anos atrás. Maria é dos Estados Unidos, Giulio é do sul da Itália. Ele é cineasta e ela trabalha para uma organização internacional de políticas agrícolas. Ele não fala muito bem inglês, mas ela fala italiano fluentemente (nada demais, já que também é fluente em francês e chinês). Giulio quer aprender inglês, e perguntei a ele se poderia treinar conversação comigo em mais um intercâmbio de línguas. Caso vocês estejam se perguntando por que ele não poderia simplesmente aprender inglês com sua mulher nascida nos Estados Unidos, é porque eles são casados, e brigam demais sempre que um tenta ensinar alguma coisa ao outro. Assim, Giulio e eu agora nos encontramos para almoçar duas vezes por semana para treinar nosso italiano e nosso inglês; coisa boa de se fazer para duas pessoas sem nenhum histórico de irritar uma à outra.

Giulio e Maria têm um apartamento lindo cuja característica mais impressionante, a meu ver, é a parede que Maria certa vez cobriu com xingamentos irados contra Giulio (rabiscados com marcador preto grosso), porque eles estavam discutindo, e “ele grita mais alto do que eu”, e ela queria que ele a deixasse falar.

Acho Maria incrivelmente sexy, e essa explosão de pichações impetuosas é apenas mais uma mostra disso. O interessante, porém, é que Giulio considera a parede rabiscada um sinal claro da repressão de Maria, porque ela escreveu seus xingamentos a ele em italiano, e o italiano é sua segunda língua, uma língua em que ela precisa pensar por um instante antes de conseguir escolher suas palavras. Ele disse que, se Maria houvesse realmente se permitido ser tomada pela raiva – coisa que ela *nunca* faz, como boa anglo-protestante –, então teria coberto aquela parede toda com sua língua materna, o inglês. Ele diz que todos os americanos são assim: reprimidos. O que os torna perigosos e potencialmente mortais quando perdem as estribeiras de verdade.

– Povo selvagem – pontifica ele.

O que me encanta é que estamos todos tendo essa conversa em volta de um agradável e tranqüilo jantar, olhando para essa mesma parede.

– Mais vinho, amor? – perguntou Maria.

Mas meu mais novo melhor amigo na Itália, é claro, é Luca Spaghetti. Aliás, até na Itália, ter o sobrenome Spaghetti é considerado algo muito engraçado. Sou grata a Luca, porque ele finalmente me permitiu ficar quites com meu amigo Brian, que teve a sorte de, quando criança, ter um vizinho de porta de origem indígena chamado Dennis Ha-Ha, e que portanto sempre pôde se gabar de ter o amigo com o nome mais legal. Finalmente, posso competir.

Luca também fala um inglês perfeito e é bom de garfo (em italiano, *una buona forchetta*), o que faz dele uma companhia estupenda para gente comilona como eu. Ele muitas vezes me telefona no meio do dia para dizer: “Ei, estou aqui pertinho da sua casa... quer me encontrar para tomar um café rápido? Ou para comer uma rabada?” Passamos um tempão nesses restauantezinhos escondidos nas ruelas de Roma. Gostamos dos que têm iluminação com lâmpadas fluorescentes e nenhum letreiro na porta. Toalhas de mesa quadriculadas de vermelho. Licor *limoncello* feito em casa. Vinho tinto feito em casa. Pratos de massa servidos em porções inacreditáveis pelo que Luca chama de “pequenos Júlios Césares” – romanos típicos, orgulhosos e truculentos, com as costas das mãos bem cabeludas e topetes cuidados com amor. Certo dia, eu disse a Luca:

– Me parece que esses caras se consideram em primeiro lugar romanos, em segundo lugar italianos e em terceiro lugar europeus.

Ele me corrigiu:

– Não... Eles são em primeiro lugar romanos, em segundo lugar romanos e em terceiro lugar romanos. E todos eles são imperadores.

Luca é contador. Um contador *italiano*, o que significa que, segundo sua própria definição, ele é “um artista”, porque existem várias centenas de leis tributárias em vigor na Itália, e todas elas se contradizem entre si. Assim, fazer uma declaração de imposto de renda aqui exige uma improvisação digna de um *jazzman*. Acho engraçado que ele seja contador,

porque esse parece um trabalho sisudo demais para um cara tão descontraído. Por outro lado, Luca acha engraçado que exista outro lado de mim – o lado do ioga – que ele nunca viu. Ele não consegue imaginar por que eu iria querer ir para a Índia – e para um *ashram*, ainda por cima! –, quando poderia simplesmente passar o ano inteiro na Itália, lugar que obviamente combina comigo. Sempre que me vê enxugando o molho que sobrou no meu prato com um naco de pão e em seguida lambendo os dedos, ele diz: “O que você vai *comer* quando for para a Índia?” Algumas vezes ele me chama de Gandhi em um tom dos mais irônicos, geralmente quando estou abrindo a segunda garrafa de vinho.

Luca já viajou bastante, embora alegue que nunca poderia viver em nenhum outro lugar que não fosse Roma, perto de sua mãe, já que, afinal de contas, ele é um homem italiano – o que ele pode fazer? Mas não é apenas sua *mamma* que o faz ficar por aqui. Ele tem trinta e poucos anos, e namora a mesma mulher desde a adolescência (a graciosa Giuliana, que Luca descreve carinhosa e adequadamente como *acqua e sapone* – pura como “água e sabão” em sua doce inocência). Todos os seus amigos são os mesmos desde a infância e são todos do mesmo bairro. Todo domingo, eles assistem juntos aos jogos de futebol – no estádio ou em um bar (se os times romanos estiverem jogando fora de casa) –, e em seguida voltam todos separadamente para as casas onde cresceram, para comer as copiosas refeições das tardes de domingo preparadas por suas respectivas mães e avós.

Se eu fosse Luca Spaghetti, também não sairia de Roma.

Mas Luca esteve nos Estados Unidos algumas vezes e gosta do país. Considera Nova York fascinante, mas acha que as pessoas lá trabalham demais, embora reconheça que elas parecem gostar disso. Enquanto os romanos trabalham muito e detestam. Aquilo de que Luca Spaghetti não gosta é a comida americana, que ele diz poder ser descrita em duas palavras: “pizza ruim”.

Eu estava com Luca na primeira vez em que tentei comer os intestinos de um cordeiro recém-nascido. É uma especialidade romana. Do ponto de vista culinário, Roma é uma cidade um tanto brutal, conhecida por seus pratos típicos rústicos, como tripas e língua – todas

as partes do animal que os ricos do norte jogam fora. Meus intestinos de cordeiro estavam razoáveis, contanto que eu não pensasse muito no que eram. Foram servidos em um molho espesso, amanteigado e picante que estava delicioso, mas os intestinos tinham uma consistência... bem... de *intestinos*. Algo parecido com fígado, mas mais esponjoso. Estava indo tudo bem, até eu começar a pensar em como poderia descrever aquele prato, e pensei: *Não parecem intestinos. Na verdade, parecem lombrigas*. Então empurrei o prato para o lado e pedi uma salada.

– Não gostou? – perguntou Luca, que adora esse prato.

– Aposto que o Gandhi nunca comeu intestinos de cordeiro na vida – falei.

– Poderia ter comido.

– Não, Luca, não poderia, não. O Gandhi era vegetariano.

– Mas os vegetarianos *podem* comer isto – insistiu Luca. – Porque isto aqui não é nem carne, Liz. É só merda.

21

Reconheço que, algumas vezes, me pergunto o que estou fazendo aqui.

Embora tenha vindo à Itália para ter uma experiência de prazer, durante minhas primeiras semanas aqui senti um certo pânico em relação a como se faz isso. Para falar francamente, o prazer puro não é o meu paradigma cultural. Venho de uma longa linhagem de pessoas supercumpridoras do seu dever. A família da minha mãe era de imigrantes suecos que, nas fotografias, aparecem com cara de quem, se um dia tivesse visto algo de prazeroso na vida, teria pisado em cima com suas botas de solas de pregos. (Meu tio chama todos eles de “tão sem graça quanto vacas”.) O lado da família do meu pai era de puritanos ingleses, famosos por sua inclinação para a boa vida. Se eu consultar a árvore genealógica do meu pai até o século XVII, sou capaz até de encontrar parentes chamados Diligência e Docilidade.

Meus pais, por sua vez, têm uma pequena fazenda, e minha irmã e eu fomos criadas trabalhando. Aprendemos a ser fortes, responsáveis, as melhores alunas da turma na escola, as babás mais eficientes e organizadas da cidade, o perfeito modelo em miniatura de nossos pais fazendeiro/enfermeira, dois verdadeiros canivetes suíços, nascidas para executar todo tipo de tarefa. Havia muita diversão na minha família, muito riso, mas as paredes eram cobertas por listas de coisas a fazer, e nunca vivi nem presenciei o perfeito ócio nem uma vez em toda a minha vida.

Falando de modo geral, porém, os americanos são dotados de uma incapacidade de relaxar e se deixar levar pelo simples prazer. Nosso país é formado por gente em busca de entretenimento. Os americanos gastam bilhões para se manterem entretidos com todo tipo de coisa, da pornografia aos parques temáticos, passando pela guerra, mas isso não é exatamente sinônimo de uma diversão tranqüila. Os americanos trabalham mais, durante mais horas e em situações mais estressantes do que qualquer outro povo no mundo hoje em dia. No entanto, como bem observou Luca Spaghetti, parecemos gostar disso. Estatísticas alarmantes sustentam essa afirmação, mostrando que muitos americanos se sentem mais felizes e realizados em seus escritórios do que em suas próprias casas. É claro que todos nós inevitavelmente trabalhamos demais, e em seguida ficamos exaustos e precisamos passar o fim de semana inteiro de pijama, comendo cereal direto da caixa e olhando fixamente para a televisão em um estado próximo ao coma (o que é o contrário de trabalhar, sim, mas não é exatamente sinônimo de prazer). Os americanos não sabem muito bem como não fazer *nada*. Essa é a causa daquele grande e triste estereótipo americano – o executivo superestressado que sai de férias, mas não consegue relaxar.

Certo dia, perguntei a Luca Spaghetti se os italianos têm esse mesmo problema quando tiram férias. Ele riu tanto que quase entrou dentro de um chafariz com motocicleta e tudo.

– Ah, não! – disse. – Nós somos os mestres do *bel far niente*.

Essa é uma expressão ótima. *Bel far niente* significa “a beleza de não fazer nada”. Vejam bem – os italianos tradicionalmente sempre foram

bons trabalhadores, especialmente aqueles sofridos trabalhadores conhecidos como *braccianti* (assim chamados porque não tinham outra coisa que não a força bruta de seus braços – *braccie* – para ajudá-los a sobreviver neste mundo). Mas, mesmo com esse histórico de trabalho árduo, o *bel far niente* sempre foi um ideal prezado pelos italianos. A beleza de não fazer nada é o objetivo de todo nosso trabalho, a realização final pela qual se recebe os mais calorosos elogios. Quanto maior a elegância e o deleite com os quais você conseguir não fazer nada, maior a sua conquista na vida. E você nem precisa necessariamente ser rico para conseguir isso. Existe outra expressão italiana maravilhosa: *l'arte d'arrangiarsi* – a arte de produzir algo a partir do nada. A arte de transformar alguns poucos ingredientes simples em um banquete, ou alguns amigos reunidos em uma festa. Qualquer pessoa com talento para felicidade pode fazer isso, não apenas os ricos.

Para mim, porém, um grande obstáculo na minha busca pelo prazer era meu arraigado sentimento de culpa puritana. Será que eu realmente mereço este prazer? Isso também é muito americano – a insegurança quanto a se merecemos nossa felicidade. Nos Estados Unidos, o mundo da publicidade gira completamente em torno da necessidade de convencer o consumidor indeciso de que sim, você *mereceu* mesmo um presente especial. Isto aqui é para você! Você merece um tempo hoje! Porque você merece! Você se esforçou tanto! E o consumidor inseguro pensa: *Isso! Obrigado! Vou mesmo comprar umas latinhas de cerveja, pô! Talvez até uma dúzia de latinhas!* E então vêm os excessos reacionários. Seguidos pelo remorso. Essas campanhas publicitárias provavelmente não teriam o mesmo sucesso na cultura italiana, onde as pessoas já sabem que têm o direito de aproveitar a vida. A resposta italiana para “Você merece um tempo hoje” provavelmente seria: *É, pois é. É por isso que estou planejando fazer uma pausa ao meio-dia para ir até a sua casa comer a sua mulher.*

É provavelmente por isso que, quando eu disse a meus amigos italianos que vim ao seu país para vivenciar quatro meses de puro prazer, eles não demonstraram nenhum espanto com isso. *Complimenti! Vai avanti!* “Parabéns”, disseram eles. “Vá em frente.” “Acabe-se.” “Não se acanhe.”

Ninguém disse nenhuma vez: “Que coisa mais irresponsável” ou “Que luxo mais desmedido”. Porém, embora os italianos tenham me dado total permissão para me divertir, mesmo assim não consigo relaxar. Durante minhas primeiras semanas na Itália, todas as minhas sinapses protestantes zuniam de preocupação, à procura de uma tarefa a cumprir. Eu queria abordar o prazer como se ele fosse um dever de casa, ou um gigantesco projeto para alguma feira de ciências. Refletia sobre questões como: “De que modo o prazer pode ser maximizado com mais eficiência?” Perguntava-me se poderia passar todo meu tempo na Itália na biblioteca, pesquisando a história do prazer. Ou talvez eu devesse entrevistar italianos que já tiveram muito prazer na vida, para lhes perguntar que sensação seu prazer lhes dá, e depois escrever um relatório sobre o assunto. (Com espaçamento duplo e margens de 2,5 centímetros talvez? Para ser entregue na segunda-feira bem cedinho?)

Quando percebi que a única pergunta importante era: “Como é que *eu* defino o prazer?”, e que eu estava de fato em um país onde as pessoas me permitiam explorar essa pergunta livremente, tudo mudou. Tudo se tornou... delicioso. Tudo que eu precisava fazer era me perguntar todos os dias, pela primeira vez na vida: “O que você gostaria de fazer hoje, Liz? O que te daria prazer neste momento?” Sem ter de pensar no que alguém mais iria achar, e sem mais nenhuma obrigação com que me preocupar, essa pergunta finalmente se tornou clara e absolutamente pessoal.

Foi interessante para mim descobrir o que eu não queria fazer na Itália, depois de ter dado a mim mesma a autorização para aproveitar minha experiência ali. Existem tantas manifestações de prazer na Itália, e eu não tinha tempo para prová-las todas. Aqui você precisa, de certa forma, escolher o seu prazer principal, ou então fica soterrado. Já que era assim, não me interessei pela moda, nem pela ópera, nem pelo cinema, nem por carros de luxo, nem por esqui nos Alpes. Sequer tive vontade de ver muita arte. Tenho um pouco de vergonha de confessar isso, mas não visitei um museu sequer durante meus quatro meses na Itália. (Ai, cara... é pior ainda. Preciso confessar que *fui* a um museu: o Museu Nacional da Massa, em Roma.) Descobri que tudo que

eu queria fazer, na verdade, era comer aquela comida maravilhosa e falar o máximo possível daquele italiano maravilhoso. Era isso. Assim sendo, escolhi, na verdade, dois prazeres principais – falar e comer (com ênfase especial no *gelato*).

A quantidade de prazer que derivei desse comer e falar foi incomensurável e ao mesmo tempo tão simples. Certa vez, em meados de outubro, passei algumas horas que poderiam não parecer nada para alguém de fora, mas que ficarão para sempre marcadas como as mais felizes da minha vida. Descobri uma feira perto do meu apartamento, a apenas algumas ruas de distância, na qual, por algum motivo, eu nunca havia reparado antes. Lá, cheguei perto de uma pequena barraca de frutas e legumes onde uma italiana e seu filho estavam vendendo uma seleção de seus produtos – como folhas de espinafre suculentas, de um verde quase tão escuro quanto algas marinhas, tomates tão vermelhos e cor de sangue que pareciam os órgãos internos de uma vaca e uvas cor de champanhe com a pele tão esticada quanto o maiô de uma bailarina.

Escolhi um molho de aspargos finos e brilhantes. Consegui perguntar à mulher, em um italiano sem tropeços, se eu poderia levar apenas metade dos aspargos. Era para uma pessoa só, expliquei – eu não precisava de muito. Ela imediatamente pegou os aspargos das minhas mãos e dividiu-os. Perguntei-lhe se eu poderia encontrar aquela feira todos os dias no mesmo lugar, e ela disse que sim, ela estava ali todos os dias a partir das sete da manhã. Então seu filho, que era uma graça, me deu uma olhada de esguelha e falou:

– Bom, ela *tenta* chegar às sete... – Nós três rimos. Essa conversa inteira aconteceu em italiano, língua na qual, poucos meses antes, eu não conseguia falar sequer uma palavra.

Voltei a pé para o meu apartamento e preparei dois ovos quentes para meu almoço. Descasquei os ovos e arrumei-os em um prato ao lado dos sete talos de aspargos (tão finos e crocantes que nem precisavam ser cozidos). Pus no prato também algumas azeitonas, os quatro pedaços de queijo de cabra que havia comprado na véspera na *formaggeria* mais embaixo na rua e duas fatias de um salmão rosado, gorduroso. Como sobremesa, um lindo pêssego, que a mulher do

mercado havia me dado e que ainda estava morno com o calor do sol de Roma. Durante um tempo muito longo, sequer consegui tocar na comida, porque aquele era um almoço magistral, uma verdadeira expressão da arte de se virar. Por fim, depois de ter absorvido inteiramente a beleza da minha refeição, fui me sentar sob um raio de sol no meu chão de tábuas corridas e comi tudinho, com os dedos, enquanto lia meu artigo de jornal diário em italiano. Todos os meus poros transpiravam felicidade.

Até que – como tantas vezes aconteceu durante esses primeiros meses de viagem, e como sempre acontece quando sinto uma felicidade assim – meu alarme de culpa disparou. Ouvi a voz do meu ex-marido falando com desdém no meu ouvido: *Então foi por isso que você largou tudo? Foi por isso que destruiu toda a sua vida? Por alguns talos de aspargos e um jornal em italiano?*

Respondi a ele, em voz alta:

– Em primeiro lugar – falei –, me desculpe, mas isto aqui não é mais problema seu. E em segundo, para responder à sua pergunta... *foi*.

22

Um assunto óbvio ainda precisa ser abordado em relação a toda essa questão da minha busca pelo prazer na Itália: *e o sexo?*

A resposta simples para essa pergunta é: não quero transar com ninguém enquanto estiver aqui.

A resposta mais completa e mais honesta é: claro que eu às vezes quero desesperadamente transar, mas decidi não praticar esse esporte, pelo menos por algum tempo. Não quero me envolver com ninguém. É claro que sinto falta de ser beijada, porque eu adoro beijar. (Reclamo tanto disso com Sofie que um dia desses ela finalmente disse, irritada: “Pelo amor de Deus, Liz... Se a coisa ficar ruim demais, eu beijo você.”) Mas não vou fazer nada a esse respeito por enquanto. Ultimamente, quando me sinto sozinha, penso: *Então fique sozinha, Liz. Aprenda a*

lidar com a solidão. Aprenda a conhecer a solidão. Acostume-se a ela, pela primeira vez na sua vida. Bem-vinda à experiência humana. Mas nunca mais use o corpo ou as emoções de outra pessoa como um modo de satisfazer seus próprios anseios não-realizados.

Vejo isso mais como uma espécie de apólice de vida emergencial do que qualquer outra coisa. Comecei cedo na vida a correr atrás do prazer sexual e romântico. Mal tive uma adolescência antes de arrumar meu primeiro namorado, e sempre tive um menino ou um homem (ou, algumas vezes, os dois) na minha vida desde os meus 15 anos. Isso agora faz – deixe-me ver – mais ou menos 19 anos. Ou seja, durante quase duas décadas inteiras, estive envolvida em algum tipo de drama com algum tipo de cara. Cada qual se sobrepondo ao seguinte, sem sequer uma semana de intervalo entre os dois. E não posso evitar pensar que isso representou uma espécie de entrave no meu caminho rumo à maturidade.

Além disso, tenho problemas de limites com os homens. Ou talvez não seja justo dizer isso. Para ter problemas com limites, é preciso primeiro *ter* limites, certo? Mas eu sou inteiramente tragada pela pessoa que amo. Sou como uma membrana permeável. Se eu amo você, eu lhe dou tudo que tenho. Dou-lhe o meu tempo, a minha dedicação, a minha bunda, o meu dinheiro, a minha família, o meu cachorro, o dinheiro do meu cachorro, o tempo do meu cachorro – *tudo*. Se eu amo você, carregarei para você toda a sua dor, assumirei por você todas as suas dívidas (em todos os sentidos da palavra), protegerei você da sua própria insegurança, projetarei em você todo tipo de qualidade que você na verdade nunca cultivou em si mesmo e comprarei presentes de Natal para sua família inteira. Eu lhe darei o sol e a chuva e, se não estiverem disponíveis, darei-lhe um vale de sol e um vale de chuva. Darei a você tudo isso e mais, até ficar tão exausta e debilitada que a única maneira que terei de recuperar minha energia será me apaixonar por outra pessoa.

Não é com orgulho que revelo esses fatos sobre mim mesma, mas é assim que sempre foi.

Algum tempo depois de eu ter deixado o meu marido, estava em uma festa, e um cara que eu mal conhecia me disse:

– Sabe, você parece uma pessoa completamente diferente agora que está com esse namorado novo. Você antes se parecia com o seu marido, mas agora se parece com o David. Você até se veste igual a ele e fala igual a ele. Sabe como algumas pessoas se parecem com seus cachorros? Acho que talvez você sempre se pareça com os seus homens.

Querido Deus, eu realmente gostaria de sair desse padrão, de dar a mim mesma um pouco de espaço para descobrir como sou e como falo quando não estou tentando me misturar com outra pessoa. E também, vamos ser honestos – pode ser que o fato de eu deixar a intimidade em paz durante algum tempo seja um generoso serviço prestado à coletividade. Quando olho para o histórico amoroso que deixei para trás, ele não parece tão bom. Foi uma catástrofe depois da outra. Quantos outros tipos diferentes de homem posso continuar tentando amar e continuar fracassando? Pensem nisso assim – se vocês tivessem acidentes de trânsito graves um atrás do outro, eles não acabariam tirando sua carteira de motorista? E você não iria, de certa forma, *querer* que eles fizessem isso?

Existe uma última razão pela qual hesito em me envolver com outra pessoa. O fato é que ainda estou apaixonada por David, e não acho isso justo com o cara seguinte. Sequer sei se David e eu de fato já terminamos. Ainda estávamos nos vendo bastante antes de eu viajar para a Itália, embora fizesse muito tempo que não transávamos. Mas ainda reconhecíamos que ambos tínhamos esperança de talvez, um dia...

Não sei.

O que sei é o seguinte: estou exausta com as conseqüências cumulativas de uma vida de escolhas apressadas e paixões caóticas. Quando viajei para a Itália, meu corpo e meu espírito estavam debilitados. Eu me sentia o solo cansado da roça de algum agricultor, explorado muito além do limite e precisando passar um tempo ocioso. Então foi por isso que parei.

Acreditem, estou consciente da ironia de se ir para a Itália em busca do prazer durante um período de celibato voluntário. Mas acredito realmente que a abstinência seja a coisa certa para mim agora. Tive particularmente certeza disso na noite em que pude ouvir minha vizinha

de cima (uma moça italiana muito bonita, dona de uma coleção incrível de botas de salto alto) na transa mais demorada, mais cheia de gritos, do barulho de corpos se chocando, de rangidos e de acrobacias que eu jamais havia escutado, na companhia do mais recente e sortudo visitante ao seu apartamento. Essa dança durou bem mais de uma hora, com direito a efeitos sonoros descontrolados e gritos guturais. E tudo em que eu conseguia pensar, deitada na minha cama no andar bem abaixo deles, sozinha e cansada, era: *Pelo barulho, isso parece que está dando um trabalho danado.*

É claro que, algumas vezes, realmente sou tomada pelo desejo. A cada dia vejo, em média, cerca de uma dúzia de italianos que eu poderia facilmente imaginar na minha cama. Ou me imaginar na deles. Ou em qualquer outro lugar. Na minha opinião, os romanos são ridiculamente, dolorosamente, estupidamente bonitos. Mais bonitos até do que as romanas, para ser sincera. Os italianos são bonitos da mesma forma que as francesas são bonitas, ou seja, não poupam um só detalhe na busca pela perfeição. Parecem *poodles* de concurso. Algumas vezes, eu os acho tão bonitos que sinto vontade de aplaudir. Para descrever os homens daqui, sou obrigada a recorrer a expressões tiradas de romances baratos, tamanha a sua beleza. Eles são “diabolicamente atraentes”, ou “surpreendentemente musculosos”.

Porém, se me permitem admitir uma coisa não tão lisonjeira a meu respeito, esses romanos da rua não estão prestando muita atenção em mim. Aliás, eles não estão sequer me olhando. No começo, achei isso um pouco alarmante. Eu já estivera na Itália uma vez, aos 19 anos, e uma coisa de que me lembro é de ter sido constantemente importunada pelos homens na rua. E nas pizzarias. E no cinema. E no Vaticano. Era interminável e chatíssimo. Isso costumava ser um verdadeiro problema para quem vinha à Itália, algo quase capaz de estragar seu apetite. Agora, aos 34 anos de idade, eu era aparentemente invisível. É claro que, de vez em quando, um homem me diz de forma simpática: “Está bonita hoje, *signorina*”, mas isso não é muito comum e nunca se torna agressivo. E, embora com certeza seja agradável não ser bolinada por nenhum desconhecido nojento no ônibus, toda mulher tem seu

orgulho feminino, e é legítimo que ela se pergunte: *O que mudou aqui? Será que fui eu? Ou será que foram eles?*

Então saio perguntando, e todo mundo concorda que, sim, houve uma verdadeira mudança na Itália durante os últimos dez a 15 anos. Talvez seja uma vitória do feminismo, ou uma evolução cultural, ou os efeitos modernizadores inevitáveis de o país ter entrado para a Comunidade Européia. Ou talvez seja simplesmente a vergonha que os homens mais jovens sentem da libidinidade de seus pais e avôs. Qualquer que seja o motivo, porém, parece que a Itália decidiu, como sociedade, que esse tipo de comportamento importuno e inconveniente com as mulheres não é mais aceitável. Nem mesmo minha linda jovem amiga Sofie é importunada nas ruas, e essas suecas com cara de moças leiteiras eram as que mais costumavam sofrer com isso.

Conclusão: parece que os italianos ganharam o prêmio de melhor progresso de comportamento.

O que é um alívio, porque, durante algum tempo, pensei que o problema fosse *comigo*. Quero dizer, tive medo de talvez não estar atraindo atenção nenhuma, porque não era mais nenhuma tetéia de 19 anos. Tive medo de que talvez meu amigo Scott estivesse certo no verão passado, quando disse:

– Ah, Liz, não se preocupe... aqueles italianos não vão mais incomodar você. Lá não é como na França, onde eles curtem coroas.

23

Ontem à tarde, fui assistir a um jogo de futebol com Luca Spaghetti e seus amigos. Íamos ver o Lazio jogar. Existem dois times de futebol em Roma – o Lazio e o Roma. A rivalidade entre os times e seus torcedores é enorme, e capaz de dividir famílias e bairros felizes, transformando-os em zonas de guerra civil. É importante escolher cedo na vida se você torce para o Lazio ou para o Roma, porque isso, em grande parte, irá determinar com quem você passa as tardes de domingo pelo resto da vida.

Luca tem um grupo de cerca de dez amigos chegados que se amam todos como irmãos. Só que metade deles torce pelo Lazio e metade pelo Roma. Na verdade, não é culpa deles; eles nasceram em famílias onde a lealdade já estava estabelecida. O avô de Luca (conhecido, espero eu, como Nonno Spaghetti) deu-lhe sua primeira camisa azul celeste do Lazio quando o menino mal sabia andar. Luca, por sua vez, torcerá pelo Lazio até morrer.

– A gente pode mudar de mulher – disse ele. – Pode mudar de emprego, de nacionalidade e até de religião, mas a gente nunca pode mudar de time.

Por sinal, “torcedor” em italiano é *tifoso*. A palavra vem de tifo. Ou seja: alguém tomado por uma febre alta.

Meu primeiro jogo de futebol com Luca Spaghetti foi, para mim, um delicioso banquete da língua italiana. Naquele estádio, aprendi todo tipo de palavras novas e interessantes que não se aprende na escola. Sentado atrás de mim havia um velho que desfiava uma sucessão fenomenal de impropérios, enquanto gritava para os jogadores em campo. Não entendo muito de futebol, mas com certeza não perdi tempo fazendo a Luca perguntas idiotas sobre o que estava acontecendo no jogo. Tudo que eu perguntava era: “Luca, o que o cara atrás de mim acabou de dizer? O que quer dizer *cafone*?” E Luca – sem nunca tirar os olhos do campo – respondia: “Cuzão. Quer dizer cuzão.”

Eu escrevia a palavra. Depois fechava os olhos e ouvia um pouco mais da arenga do velho, que era mais ou menos assim:

Dai, dai, dai, Albertini, dai... va bene, va bene, ragazzo mio, perfetto, bravo, bravo... Dai! Dai! Via! Via! Nella porta! Eccola, eccola, eccola, mio bravo ragazzo, caro mio, eccola, eccola, ecco... AAAHHHHHHHHHHH!!! VAFFANCULO!!! FIGLIO DI MIGNOTTA!! STRONZO! CAFONE! TRADITORE! Madonna... Ah, Dio mio, perché, perché, perché, questo è stupido, è una vergogna, la vergogna... Che casino, che bordello... NON HAI UN CUORE, ALBERTINI! FAI FINTA! Guarda, non è successo niente... Dai, dai, ah... Molto migliore, Albertini, molto migliore, sì sì sì, eccola, bello, bravo, anima mia, ah, ottimo, eccola adesso... nella porta, nella porta, nell... VAFFANCULO!!!!!!!

Que posso tentar traduzir como:

Vamos lá, vamos lá, vamos lá, Albertini, vamos lá... Isso, isso, meu garoto, perfeito, brilhante, brilhante... Vamos lá! Vamos lá! Vamos! Vamos! Para o gol! Pronto, pronto, pronto, meu garoto brilhante, meu querido, pronto, pronto, pron... AHHHH! VÁ SE FODER! SEU FILHO DE UMA PUTA! SEU MERDA! SEU CUZÃO! SEU TRAIADOR!... Minha Nossa Senhora... Ai, meu Deus, por quê, por quê, por quê, que burrice, que vergonha, que vergonha... Que zona... [Nota da autora: Infelizmente, não há como traduzir direito as fabulosas expressões italianas che casino e che bordello, que literalmente significam “que cassino” e “que puteiro”, mas que, no fundo, querem dizer “que puta zona”.]... VOCÊ NÃO TEM CORAÇÃO, ALBERTINI!!!! ESTÁ FINGINDO! Olhe, não aconteceu nada... Vamos lá, vamos lá, aí, isso... Muito melhor, Albertini, muito melhor, isso isso isso, aí, lindo, brilhante, aí, excelente, é isso aí... para o gol, para o gol, para o... VÁÁÁÁ SE FODEEEER!!!

Ah, que momento mais especial e mais sortudo da minha vida estar sentada na frente desse homem. Eu adorava cada palavra que saía de sua boca. Queria recostar a cabeça no seu velho colo e deixá-lo desfiar seus eloqüentes impropérios aos meus ouvidos para sempre. E não era só ele! O estádio inteiro estava repleto de solilóquios assim. E que animação! Sempre que acontecia no campo alguma grave omissão de justiça, o estádio inteiro se punha de pé, com todos os homens acenando, ultrajados e berrando palavões, como se todos os 20 mil presentes houvessem acabado de participar de uma confusão de trânsito. Os jogadores do Lazio não eram menos dramáticos do que seus torcedores, rolando no chão de dor como em uma cena de morte de *Júlio César*, exagerando cada movimento, e em seguida pondo-se de pé dois segundos depois para encabeçar mais um ataque ao gol.

Mas o Lazio acabou perdendo.

Precisando ser consolado depois do jogo, Luca Spaghetti perguntou a seus amigos:

– Vamos sair?

Imaginei que isso significasse: “Vamos sair para um bar?” É o que os torcedores americanos fariam se o seu time houvesse acabado de perder. Iriam a um bar e ficariam completamente embriagados. E não são só os americanos que fariam isso – os ingleses, os australianos, os alemães também... todo mundo, certo? Mas Luca e seus amigos não foram a um bar para afogar as mágoas. Foram a uma padaria. Uma padaria pequenina, discreta, escondida em um subsolo de um bairro romano qualquer. No domingo à noite, o lugar estava lotado. Mas ele sempre fica lotado depois dos jogos. Os torcedores do Lazio sempre param ali antes de voltar do estádio para casa, e passam horas em pé na rua, recostados em suas motos, conversando sobre o jogo, parecendo mais machos do que nunca, e comendo *bombas de creme*.

Eu amo a Itália.

24

Estou aprendendo cerca de vinte novas palavras em italiano por dia. Não paro de estudar, percorrendo minhas fichas enquanto caminho pela cidade, esquivando-me dos pedestres locais. Onde estou arrumando espaço no meu cérebro para guardar essas palavras? Espero que minha mente talvez tenha decidido se livrar de alguns antigos pensamentos negativos e lembranças tristes, e substituí-los por essas esfuziantes palavras novas.

Tenho estudado bastante italiano, mas continuo a esperar que um dia o idioma simplesmente se revele a mim, inteiro, perfeito. Um dia, vou abrir a boca e, em um passe de mágica, falarei fluentemente. Nesse dia, serei uma verdadeira italiana, em vez de uma americana típica que ainda não consegue escutar alguém chamando seu amigo Marco do outro lado da rua sem instintivamente querer gritar de volta: “*Polo!*” Eu gostaria que o italiano simplesmente passasse a morar no meu cérebro, mas essa língua tem muitas armadilhas. Por exemplo, por que as palavras italianas para “árvore” e “hotel” (*albero* e *albergo*) são tão parecidas? Isso me faz, sem querer, dizer sempre às pessoas que fui criada em

“uma plantação de hotéis de Natal”, em vez de usar a descrição mais exata e ligeiramente menos surreal “plantação de árvores de Natal”. E há também as palavras que têm duplo ou até triplo significado. Por exemplo, *tasso*, que pode significar juro, o animal texugo ou a árvore teixo. Dependendo do contexto, suponho. O que mais me perturba é quando me deparo com palavras em italiano que são de fato – detesto dizer isso – feias. Encaro isso quase como uma ofensa pessoal. Desculpe, mas não viajei até a Itália para aprender a pronunciar uma palavra como *schermo* (tela).

Mesmo assim, no geral, vale muito a pena. Giovanni e eu nos divertimos muito ensinando um ao outro expressões em inglês e italiano. Na outra noite, estávamos conversando sobre as expressões que se usam quando se está tentando reconfortar alguém com problemas. Eu lhe disse que, em inglês, nós algumas vezes dizemos: “*I’ve been there*” (“já passei por isso”, mas literalmente “já estive aí”). No início, ele não entendeu – *já estive onde?* Mas eu lhe expliquei que, algumas vezes, a tristeza profunda é quase um local específico, uma coordenada em algum mapa do tempo. Quando você está nessa selva de tristeza, não consegue imaginar que um dia conseguirá encontrar a saída para um lugar melhor. Mas, se alguém lhe garante que também já esteve nesse mesmo lugar, e consegui sair dele, isso às vezes traz alento.

– Então a tristeza é um lugar? – perguntou Giovanni.

– Algumas vezes as pessoas passam anos lá – falei.

Em troca, Giovanni me disse que, ao demonstrar empatia, os italianos dizem *L’ho provato sulla mia pelle*, que significa: “Senti isso na própria pele.” Ou seja, eu também já fui atingido ou ferido dessa forma, e sei exatamente pelo que você está passando.

Até agora, no entanto, o que mais gosto de dizer em italiano é uma palavra simples, comum:

Attraversiamo.

Quer dizer: “Vamos atravessar.” Os amigos dizem isso uns para os outros sem parar quando estão andando pela calçada e decidem que chegou a hora de passar para o outro lado da rua. Ou seja, é literalmente uma palavra pedestre. Ela não tem nada demais. Mesmo assim, por

algum motivo, causa-me um efeito poderoso. Na primeira vez em que Giovanni me disse isso, estávamos caminhando perto do Coliseu. De repente, eu o ouvi dizer essa palavra linda e parei, perguntando:

– O que isso quer dizer? O que você acabou de falar?

– *Attraversiamo*.

Ele não conseguia entender por que eu gostava tanto dessa palavra. *Vamos atravessar a rua?* Mas, aos meus ouvidos, essa é a perfeita combinação de sonoridades italianas. O *a* aberto e promissor da primeira sílaba, o *r* enrolado, o *s* tranqüilizador e a interminável combinação “ii-aaaa-mo” no final. Adoro essa palavra. Agora a digo o tempo inteiro. Invento qualquer desculpa para dizê-la. Isso está deixando Sofie maluca. *Vamos atravessar! Vamos atravessar!* Estou sempre puxando-a de um lado para o outro em meio ao tráfego romano enlouquecido. Vou acabar matando nós duas com essa palavra.

A palavra preferida de Giovanni em inglês é *half-assed*, algo como “nas coxas”.

A de Luca Spaghetti é *surrender* – entrega, rendição.

25

Atualmente, na Europa, vem acontecendo uma queda de braço. Algumas cidades estão competindo com outras para ver quem vai emergir como a grande metrópole europeia do século XXI. Será Londres? Paris? Berlim? Zurique? Talvez Bruxelas, centro da jovem comunidade? Todas tentam superar as outras culturalmente, arquitetonicamente, politicamente, tributariamente. Mas é preciso dizer que Roma não entrou nessa corrida por *status*. Roma não compete. Roma fica só olhando toda essa aflição e esforço, inteiramente impassível, cantarolando uma melodia como quem diz: *Ei... podem fazer o que quiserem, mas eu continuo sendo Roma*. A segurança régia desta cidade me inspira, tão firme e tão azeitada, tão bem-humorada e tão monumental, como quem sabe que tem o seu lugar especial na História. Quando eu for uma velha senhora, gostaria de ser como Roma.

Hoje fui fazer uma caminhada de seis horas pela cidade. Isso é fácil de fazer, especialmente se você parar com frequência para se reabastecer de café expresso e doces. Começo na porta do meu apartamento, depois saio vagando pelo verdadeiro *shopping center* cosmopolita que é o meu *bairro*. (Apesar de eu não tender a chamar isto aqui exatamente de bairro, não no sentido tradicional da palavra. Quero dizer, se isto aqui é um bairro, então os meus vizinhos são simplesmente aquelas pessoas normais e comuns com nomes como Valentino, Gucci e Armani.) Esta sempre foi uma região abastada da cidade. Rubens, Tennyson, Stendhal, Balzac, Liszt, Wagner, Thackeray, Byron, Keats – todos eles moraram aqui. Moro no lugar que eles costumavam chamar de “o gueto inglês”, onde todos os aristocratas chiques descansavam em suas grandes viagens pela Europa. Um clube de viagens londrino chegou a se chamar “A Sociedade dos *Diletantti*” – imaginem *fazer propaganda* do fato de ser um diletante! Ah, que gloriosa falta de vergonha...

Caminho até a Piazza del Popolo, com seu imponente arco esculpido por Bernini em homenagem à histórica visita da rainha Cristina da Suécia (que, na verdade, foi uma das personalidades mais bombásticas da História. É assim que minha amiga Sofie descreve sua grande rainha: “Ela sabia montar, sabia caçar, era uma erudita, virou católica e levava uma vida totalmente escandalosa. Alguns dizem que ela era homem mas, no mínimo, ela provavelmente era lésbica. Usava calças compridas, participava de escavações arqueológicas, colecionava obras de arte e se recusou a deixar um herdeiro”). Ao lado do arco fica uma igreja onde se pode entrar de graça e ver dois quadros de Caravaggio retratando o martírio de São Pedro e a conversão de São Paulo (tão fustigado pela graça que está caído no chão em um êxtase divino; nem mesmo seu cavalo consegue acreditar). Esses quadros de Caravaggio sempre me fazem sentir pequena e insignificante, mas eu me alegro passando para o outro lado da igreja para admirar um afresco que retrata o menino Jesus mais feliz, mais bem-humorado e mais risonho de toda Roma.

Começo a andar de novo em direção ao sul. Passo pelo Palazzo Borghese, um prédio que já abrigou muitos hóspedes famosos, incluindo Pauline, a escandalosa irmã de Napoleão, que mantinha ali um nú-

mero não revelado de amantes. Ela também gostava de usar as próprias criadas como banquinhos para os pés. (Quem lê essa frase no *Guia de Roma Companion* sempre espera ter lido errado, mas não – a frase está correta. Ficamos sabendo que Pauline também gostava de ser carregada para o banho por um “negro gigantesco”.) Depois passeio pelas margens do caudaloso e lamacento Tibre, que mais parece o rio de uma zona rural, até a Ilha do Tibre, que é um dos meus lugares tranquilos preferidos em Roma. Essa ilha sempre esteve associada à cura. Um templo a Esculápio foi construído nela depois de uma peste em 291 a.C.; na Idade Média, um hospital foi erguido ali por um grupo de monges chamados Fatebenefratelli (que pode ser traduzido informalmente como “os irmãos fazedores do bem”); e até hoje existe um hospital na ilha.

Atravesso o rio até o Trastevere – o bairro onde supostamente moram os verdadeiros romanos, os operários, os homens que, ao longo dos séculos, construíram todos os monumentos na outra margem do Tibre. Lá almoço em uma *trattoria* tranquila e passo horas saboreando minha comida e meu vinho, porque ninguém no Trastevere jamais irá impedir você de fazer uma refeição demorada, se for isso que você queira fazer. Peço uma porção sortida de *bruschette*, uma massa *cacio e pepe* (uma especialidade romana simples de massa, servida com queijo e pimenta), e em seguida um frango assado pequeno, que acabo dividindo com o vira-lata que estava me olhando almoçar como só um vira-lata pode fazer.

Em seguida, atravesso a ponte de volta, passo pelo antigo gueto judeu, lugar de profunda tristeza que perdurou por séculos, até ser esvaziado pelos nazistas. Torno a rumar para o norte e passo pela Piazza Navona, com seu imenso chafariz em homenagem aos grandes rios do planeta Terra (que com orgulho, embora não de forma totalmente correta, inclui o Tibre na lista). Em seguida vou dar uma olhada no Panteão. Tento olhar para o Panteão sempre que tenho oportunidade, já que, afinal de contas, estou em Roma, e um velho ditado diz que quem vai a Roma e não vê o Panteão “vai e volta burro”.

No caminho de volta para casa, faço um pequeno desvio e paro no endereço de Roma que considero mais estranhamente perturbador – o

Augusteum. A pilha de tijolos grande, circular e caindo aos pedaços começou a vida como um glorioso mausoléu construído por Otaviano Augusto para abrigar seus restos mortais e os de sua família por toda a eternidade. Devia ser impossível para o imperador imaginar, na época, que Roma algum dia seria outra coisa que não um império em louvor a Augusto. Como ele poderia ter previsto a queda do império? Ou como poderia saber que, com todos os aquedutos destruídos pelos bárbaros e as grandes estradas em ruínas, a cidade perderia seus habitantes, e seriam necessários quase vinte séculos para que Roma recuperasse a população que se gabava de ter no auge de sua glória?

O mausoléu de Augusto foi tomado pelas ruínas e pelos ladrões na Idade das Trevas. Alguém roubou as cinzas do imperador – não se sabe quem. Já no século XII, porém, o monumento havia sido restaurado como uma fortaleza para a poderosa família Colonna, para protegê-la dos ataques de vários príncipes guerreiros. Em seguida, o Augusteum foi, de certa forma, transformado em vinhedo, depois em jardim renascentista, depois em praça de tourada (já estamos no século XVIII), depois em depósito de fogos de artifício, depois em sala de concertos. Durante a década de 1930, Mussolini confiscou a propriedade e restaurou suas bases clássicas, para que ela um dia pudesse servir de local de descanso para os *seus* restos mortais. (Mais uma vez, devia ser impossível, na época, imaginar que Roma jamais fosse ser qualquer outra coisa que não um império em louvor a Mussolini.) É claro que o sonho fascista de Mussolini não durou muito, e tampouco ele teve o funeral imperial que previra.

Hoje em dia, o Augusteum é um dos lugares mais tranquilos e mais solitários de Roma, enterrado bem fundo no chão. Ao longo dos séculos, a cidade foi crescendo à sua volta. (Dois centímetros e meio por ano é geralmente a regra para a acumulação dos detritos do tempo.) O tráfego acima do monumento rodopia em um círculo caótico, e ninguém nunca desce lá – até onde eu saiba – a não ser para usar o lugar como banheiro público. Mas a construção ainda existe, mantendo-se orgulhosamente plantada em solo romano, à espera de sua próxima encarnação.

Considero muito reconfortante a resistência do Augusteum, o fato de essa estrutura ter tido uma história tão atribulada e, mesmo assim, ter sempre conseguido se ajustar à loucura específica de cada época. Para mim, o Augusteum é como alguém que levou uma vida totalmente louca – alguém que talvez tenha começado como dona de casa, depois inesperadamente ficado viúva, em seguida virado dançarina para ganhar dinheiro, de alguma forma tenha se tornado a primeira dentista mulher do espaço sideral, e depois tentado a sorte na política – e que, mesmo assim, conseguiu manter intacta a consciência de si próprio durante cada reviravolta.

Olho para o Augusteum e penso que, no final das contas, talvez a minha vida na verdade não tenha sido *tão* caótica assim. É apenas este mundo que é caótico e nos traz mudanças que ninguém poderia ter previsto. O Augusteum me alerta para eu não me apegar a nenhuma idéia inútil sobre quem sou, o que represento, a quem pertença ou que função eu poderia ter sido criada para executar. Sim, eu ontem posso ter sido um glorioso monumento a alguém – mas amanhã posso virar um depósito de fogos de artifício. Até mesmo na Cidade Eterna, diz o silencioso Augusteum, é preciso estar preparado para tumultuosas e intermináveis ondas de transformação.

26

Logo antes de deixar Nova York e de me mudar para a Itália, eu enviara a mim mesma, pelo correio, uma caixa de livros. Disseram que a caixa demoraria de quatro a seis dias para chegar ao meu apartamento de Roma, mas acho que o correio italiano deve ter lido errado essa instrução e entendido “46 dias”, pois já se passaram dois meses e não vi nem sinal da minha caixa. Meus amigos italianos me dizem para esquecer completamente a caixa. Dizem que ela tanto pode chegar quanto pode não chegar, mas não temos como controlar esse tipo de coisa.

– Será que alguém roubou minha caixa? – pergunto a Luca Spaghetti.
 – Será que o correio perdeu?

Ele cobre os olhos com as mãos.

– Não faça essas perguntas – diz ele. – Você só vai se aborrecer.

O mistério da minha caixa desaparecida provoca uma longa conversa certa noite entre mim, minha amiga americana Maria e seu marido, Giulio. Maria acha que, em uma sociedade civilizada, a pessoa deveria poder confiar em coisas como um serviço de correios que entregasse sua correspondência no prazo previsto, mas Giulio discorda. Ele afirma que o correio não pertence a nenhum homem, mas ao destino, e que a entrega da correspondência não é algo que alguém possa garantir. Maria, aborrecida, diz que isso é apenas mais uma prova do abismo entre católicos e protestantes. O abismo fica mais aparente, diz ela, no fato de os italianos – incluindo seu próprio marido – nunca conseguirem fazer planos para o futuro, nem mesmo com uma semana de antecedência. Se você pedir a uma protestante do Meio-Oeste americano para se comprometer com um jantar na semana seguinte, essa protestante, acreditando ser capitã do próprio destino, dirá: “Quinta-feira à noite está bom para mim.” Mas, se você pedir a um católico da Calábria para marcar o mesmo compromisso, ele simplesmente dará de ombros, erguerá os olhos para Deus e perguntará: “Como é que qualquer um de nós pode saber se vai estar livre para jantar na quinta-feira que vem, já que tudo está nas mãos de Deus e nenhum de nós conhece o próprio destino?”

Mesmo assim, vou à agência dos correios algumas vezes para tentar descobrir que fim levou a minha caixa, sem sucesso. A funcionária dos correios de Roma não fica nada contente quando seu telefonema para o namorado é interrompido pela minha presença. E, nessa situação estressante, o meu italiano – que tem melhorado mesmo, juro – me escapa. Quando tento falar de maneira lógica sobre a minha caixa de livros perdida, a mulher me olha como se eu estivesse soltando perdigotos.

– Será que ela chega na semana que vem? – pergunto-lhe, em italiano.

Ela dá de ombros:

– *Magari.*

Eis outra gíria italiana intraduzível, que significa algo entre “com sorte, talvez” e “pode esperar sentado, idiota”.

Ah, talvez seja melhor assim. De toda forma, sequer consigo me lembrar dos livros que coloquei na caixa. Com certeza, foram coisas que pensei que deveria estudar se quisesse entender italiano. Eu havia enchido essa caixa com todo tipo de material de pesquisa sobre Roma que simplesmente não parece mais importante agora que estou aqui. Acho que cheguei até a pôr na caixa o texto completo e integral do *Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon. Talvez, no final das contas, eu esteja mais feliz sem ela. Já que a vida é tão curta, será que eu quero mesmo passar um noventa avos dos dias que me restam lendo Edward Gibbon?

27

Na semana passada, conheci uma moça australiana que estava viajando pela Europa de mochilão pela primeira vez na vida. Expliquei a ela como chegar à estação de trem. Ela estava a caminho da Eslovênia, só para ver como era. Quando escutei seus planos, fui tomada por um forte espasmo de inveja, pensando: *Eu quero ir à Eslovênia! Por que nunca viajo para lugar nenhum?*

À primeira vista, pode-se pensar que eu *já* estou viajando. E querer viajar quando já se está viajando, admito, é um tipo de loucura gananciosa. É como ter a fantasia de transar com seu artista de cinema preferido, quando você já está transando com seu *outro* artista de cinema preferido. Mas o fato de essa moça ter perguntado o caminho para mim (para ela, eu era obviamente local) sugere que, tecnicamente, não estou viajando em Roma, mas sim morando aqui. Quando esbarrei com a moça, na verdade, eu estava indo pagar minha conta de luz, coisa com a qual nenhum viajante se preocupa. A energia de se viajar para algum lugar e a energia de se morar em algum lugar são duas energias fundamentalmente diferentes, e alguma coisa no meu encontro com essa australiana a caminho da Eslovênia simplesmente me deixou morrendo de vontade de cair na estrada.

E foi por isso que liguei para minha amiga Sofie e falei:

– Vamos passar o dia em Nápoles e comer pizza!

Poucas horas depois, estávamos no trem, e então – como em um passe de mágica – chegamos. Eu me apaixonei instantaneamente por Nápoles. Furiosa, exuberante, barulhenta, suja, incontrollável Nápoles. Um formigueiro dentro de uma coelheira, com todo o exotismo de um bazar oriental e um toque de vodu de Nova Orleans. Um hospício muito doido, perigoso e alegre. Meu amigo Wade veio a Nápoles na década de 1970 e foi assaltado... dentro de um *museu*. A cidade é toda decorada com a roupa que as pessoas põem para secar nas janelas, e que fica se sacudindo por cima de cada rua; as camisetas e os suíãs recém-lavados de todo mundo se sacodem ao vento como bandeirolas de prece tibetanas. Não existe uma só rua em Nápoles onde algum menino metido a marrento vestindo uma bermuda e meias de cores diferentes não esteja gritando da calçada para algum outro menino metido a marrento em algum telhado ali perto. Tampouco existe um só prédio que não tenha pelo menos uma velha corcunda sentada à janela, observando desconfiada a atividade lá embaixo.

As pessoas aqui têm um orgulho louco do fato de serem napolitanas, e por que não deveriam ter? Esta é a cidade que deu ao mundo a pizza e o sorvete. As napolitanas, em especial, são um bando de senhoras de vozes fortes, que falam alto, são generosas e intrometidas, todas mandonas, mal-humoradas e sempre se metendo na sua vida e simplesmente tentando *ajudar* você, pelo amor de Deus, sua estúpida – *por que elas precisam fazer tudo por aqui?* O sotaque napolitano parece um amigável tapão no ouvido. É como percorrer uma cidade infestada de cozinheiros superatarefados, onde todos berram ao mesmo tempo. Eles aqui ainda têm seu próprio dialeto, e um dicionário volúvel e cambiante de gírias locais, mas, não sei por quê, descubro que os napolitanos são as pessoas que considero mais fáceis de entender na Itália. Por quê? Porque eles *querem* que você os entenda, ora bolas. Eles falam alto e com bastante ênfase e, se você não consegue entender o que de fato está saindo de suas bocas, geralmente consegue entender as linhas gerais pelos gestos. Como aquela estudante de primeiro grau muito atrevida,

na garupa da motocicleta do primo, que me exibiu o dedo do meio e um sorriso simpático ao passar, só para me fazer entender: “Ei, não é nada pessoal. Mas eu só tenho 7 anos, e já posso ver que você é uma idiota completa, mas tudo bem... eu acho você razoável, apesar de tudo, e até gosto da sua cara de boba. Nós duas sabemos que você adoraria ser eu, mas sinto muito... não vai dar. Mesmo assim, tome aqui o meu dedo do meio, aproveite sua visita a Nápoles, e *ciao!*”

Como em qualquer lugar público na Itália, há sempre meninos, adolescentes e homens feitos jogando futebol, mas aqui em Nápoles há também outra coisa. Por exemplo, hoje encontrei crianças – quero dizer, um grupo de meninos de 8 anos – que haviam juntado uns caixotes velhos para improvisar cadeiras e uma mesa, e jogavam *pôquer* na *piazza* com tanta exaltação que tive medo de que um deles fosse levar um tiro.

Giovanni e Dario, meus gêmeos do intercâmbio, são de origem napolitana. Não consigo imaginar isso. Não consigo visualizar meu tímido, estudioso e atencioso Giovanni como um menino no meio desta – e não é por acaso que uso esta palavra – turba. Mas ele é napolitano, não há dúvida, porque, antes de eu sair de Roma, me deu o nome de uma pizzaria em Nápoles à qual tive de ir porque, segundo Giovanni, lá se comia a melhor pizza da cidade. Eu estava muito animada com a idéia de ir até lá, já que em Nápoles se comem as melhores pizzas da Itália, e a melhor pizza do mundo é a italiana, o que significa que essa pizzaria deve ter... sinto-me quase supersticiosa ao dizer isto... *a melhor pizza do mundo?* Giovanni me passou o nome do lugar com tanta seriedade e ímpeto que quase tive a sensação de estar sendo aceita em uma sociedade secreta. Apertou o endereço na palma da minha mão e disse, com o tom da mais séria das confidências:

– Por favor, vá a esta pizzaria. Peça a pizza *margherita* com *mozzarella* extra. Se não comer essa pizza enquanto estiver em Nápoles, por favor, minta para mim depois e me diga que comeu.

Então Sofie e eu viemos à Pizzeria da Michele, e as pizzas que acabamos de pedir – uma para cada – estão nos fazendo perder a cabeça. Eu amo tanto a minha pizza, na verdade, que chego a pensar,

no meu delírio, que a minha pizza pode, na verdade, me amar também. Estou tendo um relacionamento com a pizza, quase um caso de amor. Enquanto isso, Sofie está comendo a sua quase aos prantos, tomada por uma crise metafísica, e lamentando-se:

– Por que será que eles ainda *se dão ao trabalho* de fazer pizza em Estocolmo? Por que será que a gente sequer se dá ao trabalho de comer *qualquer comida* em Estocolmo?

A Pizzeria da Michele é um lugarzinho que só tem duas salas e um forno que está sempre ligado. Fica a uns 15 minutos a pé da estação de trem debaixo de chuva; nem pense duas vezes, simplesmente vá. Você precisa chegar bastante cedo, porque algumas vezes a massa acaba, o que vai partir seu coração. À uma da tarde, as ruas do lado de fora da pizzeria já ficaram congestionadas com napolitanos tentando chegar ao restaurante, empurrando os outros para entrar como se estivessem tentando achar um lugar em um bote salva-vidas. Não há cardápio. Eles aqui só têm dois tipos de pizza – normal e com queijo extra. Nada daquelas invenções californianas meio Nova Era tipo pseudopizza com azeitonas e tomates secos ao sol. Levo metade da refeição para perceber que o gosto da massa se parece mais com um *nan* indiano do que qualquer outra massa de pizza que eu já tenha provado. É macia, elástica e fofa, mas surpreendentemente fina. Sempre pensei que, em se tratando de massa de pizza, tivéssemos apenas duas escolhas na vida – fina e crocante, ou grossa e consistente. Como eu poderia saber que era possível existir neste mundo uma massa ao mesmo tempo fina e consistente? Maravilha das maravilhas! Ah, paraíso das pizzas finas, consistentes, fortes, boas de morder, deliciosas, elásticas e salgadas! Para completar, há um molho de tomate adocicado fervendo, borbulhante e cremoso que faz derreter a *mozzarella* de búfala, e o ramo solitário de manjerição no meio do círculo de alguma forma dá à pizza inteira um brilho de ervas, mais ou menos da mesma forma que uma estrela de cinema no meio de uma festa empresta um toque de glamour a todos à sua volta. Você tenta dar uma mordida na sua fatia e a borda macia se dobra, e o queijo derretido escorre como um terreno que desliza, sujando você e tudo que está à sua volta, mas são os ossos do ofício.

Os homens que fazem esse milagre acontecer passam o tempo inteiro colocando e tirando as pizzas do forno a lenha, iguaizinhos a foguistas nas entranhas de um grande navio, lançando o carvão para dentro das fornalhas em chamas. Mangas arregaçadas nos antebraços suados, rostos corados por causa do esforço, um dos olhos apertado a vigiar o fogo e um cigarro pendurado no canto da boca. Sofie e eu pedimos outra pizza – outra pizza inteira para cada uma –, e Sofie tenta se recompor mas, na verdade, a pizza é tão boa que mal conseguimos nos agüentar.

Uma palavrinha sobre o meu corpo. Estou engordando cada dia mais, é claro. Estou maltratando meu corpo aqui na Itália ao ingerir quantidades tão abissais de queijo, massa, pão, vinho, chocolate e pizza. (Soube que, em outro lugar de Nápoles, você pode encontrar um negócio chamado pizza de chocolate. Que loucura é essa? Quer dizer, depois fui provar e é delicioso, mas francamente – *pizza de chocolate?*) Não estou fazendo nenhum exercício. Não estou comendo fibras o suficiente, não estou tomando nenhuma vitamina. Na minha vida real, sou o tipo de pessoa que come iogurte de leite de cabra orgânico salpicado de gérmen de trigo no café-da-manhã. Meus dias de vida real já ficaram para trás há muito tempo. Lá nos Estados Unidos, minha amiga Susan está dizendo às pessoas que estou fazendo uma excursão chamada “Festival de Carboidratos”. Mas meu corpo está sendo muito camarada a esse respeito. Não está ligando para os meus passos em falso e para os meus acessos de gula, como quem diz: “Tudo bem, garota, vá fundo, sei que isso é só temporário. Me avise quando a sua experiênciazinha de puro prazer terminar, e vou ver o que posso fazer para limitar os estragos.”

Mesmo assim, quando me olho no espelho da melhor pizzaria de Nápoles, vejo um rosto de olhos brilhantes, pele imaculada, feliz e saudável. Faz tempo que não vejo um rosto assim em mim.

– Obrigada – murmuro. Então Sofie e eu saímos correndo pela chuva à procura de doces.

Suponho que seja essa felicidade (que na verdade agora já tem alguns meses) que me faz pensar, ao voltar para Roma, que preciso fazer alguma coisa em relação a David. Que talvez seja hora de nós dois terminarmos nossa história de vez. Já estávamos separados, era oficial, mas ainda havia uma réstia de esperança de que talvez, um dia (talvez depois das minhas viagens, talvez depois de um ano separados), pudéssemos tentar de novo. Nós nos amávamos. O problema nunca foi esse. Só não conseguíamos descobrir como parar de tornar o outro desesperadamente, alucinadamente, desgraçadamente infeliz.

Na primavera anterior, David havia proposto a seguinte louca solução para os nossos problemas, só meio brincando:

– E se a gente simplesmente reconhecesse que nosso relacionamento é ruim, e mesmo assim ficasse junto? Se admitisse que a gente enlouquece um ao outro, que está sempre brigando e quase nunca transa, mas não consegue viver um sem o outro, por isso agüenta tudo? Daí a gente poderia passar a vida inteira junto... infelizes, mas felizes por não estarmos separados.

Que o fato de eu ter passado os últimos dez meses considerando seriamente essa proposta seja um testemunho de como eu amo desesperadamente esse cara.

A outra alternativa que ainda não havíamos descartado, é claro, é que um de nós pudesse mudar. Ele poderia se tornar mais aberto e mais afetuoso, sem se afastar de qualquer pessoa que o amasse por medo de que ela fosse lhe devorar a alma. Ou eu poderia aprender a... parar de devorar a alma dele.

Com David, eu muitas vezes havia desejado conseguir me comportar mais como minha mãe faz em seu casamento – independente, forte, auto-suficiente. Alguém que se vira sozinho. Alguém capaz de existir sem doses regulares de romantismo ou elogios do solitário fazendeiro que é meu pai. Alguém capaz de plantar alegremente jardins de margaridas entre os inexplicáveis muros de pedra do silêncio que meu pai

às vezes constrói ao redor de si mesmo. Meu pai é simplesmente a pessoa de quem mais gosto no mundo, mas ele é meio esquisito. Um ex-namorado meu certa vez o descreveu assim:

– O seu pai só tem um pé na Terra. E pernas muito, muito compridas.

O que cresci vendo acontecer na minha casa foi uma mãe que recebia o amor e o afeto do marido sempre que ele se lembrava de lhe dar, mas que em seguida se afastava e ia cuidar da própria vida, enquanto ele mergulhava em seu universo particular, feito do pior tipo de negligência distraída. Pelo menos era assim que eu via as coisas, levando em conta que ninguém (e especialmente não as crianças) nunca conhece os segredos de um casamento. O que acho que cresci vendo foi uma mãe que não pedia nada a ninguém. Afinal de contas, ela era a minha mãe – uma mulher que havia aprendido a nadar, quando adolescente, sem a ajuda de ninguém, sozinha em um lago frio do Minnesota, com um livro que pegara emprestado na biblioteca da região chamado *Como Nadar*. Aos meus olhos, não havia nada que aquela mulher não fosse capaz de fazer sozinha.

Mas então tive uma conversa reveladora com minha mãe, pouco antes de viajar para Roma. Ela fora a Nova York almoçar comigo pela última vez e me perguntara francamente – quebrando todas as regras de comunicação na história da nossa família – o que havia acontecido entre mim e David. Ignorando ainda mais o Guia Padronizado de Regras de Comunicação da Família Gilbert, eu lhe disse a verdade, contei-lhe tudo. Contei-lhe o quanto amava David, mas como me sentia sozinha e desiludida estando com alguém que não parava de sumir da sala, da cama, do planeta.

– Está parecendo que ele é meio igual ao seu pai – disse ela. Um reconhecimento corajoso e generoso.

– O problema – disse eu – é que não sou igual à minha mãe. Não sou tão forte quanto você, mãe. Eu realmente preciso de um nível constante de proximidade da pessoa que amo. Queria conseguir ser mais parecida com você, então eu poderia viver esta história de amor com o David. Mas não poder contar com esse afeto quando preciso dele simplesmente me destrói.

Foi aí que minha mãe me chocou. Ela disse:

– Sabe todas essas coisas que você quer do seu relacionamento, Liz? Eu também sempre quis essas coisas.

Nesse instante, foi como se a minha mãe tão forte estendesse a mão por cima da mesa, abrisse o punho fechado e finalmente me mostrasse a quantidade de sapos que tivera de engolir ao longo de tantas décadas para conseguir permanecer feliz no casamento com meu pai (e, considerando todos os prós e os contras, ela *é* feliz no casamento). Nunca tinha visto esse seu lado antes, nunca. Nunca havia imaginado o que ela poderia ter querido, o que poderia lhe ter faltado, por que coisas ela poderia ter decidido não lutar depois de considerar a situação de forma geral. Ao ver tudo isso, pude sentir minha própria visão de mundo começar a sofrer uma mudança radical.

Se até ela quer o que eu quero, então...?

Dando prosseguimento a essa sucessão inédita de intimidades, minha mãe falou:

– Você precisa entender que fui criada esperando merecer muito pouca coisa da vida, meu anjo. Lembre-se... sou de um tempo e de um lugar diferentes dos seus.

Fechei os olhos e vi minha mãe aos 10 anos de idade, na fazenda da família em Minnesota, trabalhando como uma condenada, criando os irmãos mais novos, usando as roupas da irmã mais velha, poupando centavos para conseguir sair de lá...

– E você precisa entender o quanto amo o seu pai – concluiu ela.

Minha mãe fez escolhas na vida, como todos nós precisamos fazer, e está em paz com elas. Posso ver a sua paz. Ela não julgou a si mesma. Os benefícios das suas escolhas são enormes – um casamento duradouro e estável com um homem a quem ela ainda chama de melhor amigo; uma família que agora inclui netos que a adoram; a certeza de sua própria força. Talvez algumas coisas tenham sido sacrificadas, e meu pai também fez lá os seus sacrifícios – mas qual de nós vive sem sacrifício?

E, agora, a pergunta para mim é: Quais serão as *minhas* escolhas? O que eu acho que mereço nesta vida? Onde posso aceitar fazer sacrifícios, e onde isso não será possível? Tem sido muito difícil para mim

imaginar a vida sem David. Tem sido difícil até imaginar que nunca haverá nenhuma outra viagem de carro com meu companheiro de viagem preferido, que nunca mais vou encostar no meio-fio em frente à casa dele com as janelas abertas e Bruce Springsteen tocando no rádio, um estoque imenso de papo-furado e besteiras para comer em cima do banco, e infinitos destinos despontando na auto-estrada. Mas como posso aceitar essa felicidade, quando ela vem acompanhada de um lado tão sombrio – um isolamento acachapante, uma insegurança corrosiva, um ressentimento insidioso e, é claro, a completa desintegração do meu ser que inevitavelmente acontece quando David pára de dar e começa a levar embora. Não consigo mais fazer isso. Alguma coisa em minha recente felicidade napolitana me fez ter certeza de que não apenas eu *posso* encontrar a felicidade sem David, mas que eu *preciso* fazer isso. Por mais que eu o ame (e eu o amo de verdade, de forma estupidamente excessiva), preciso dizer adeus a essa pessoa agora. E preciso me manter fiel a essa decisão.

Então escrevo um e-mail para ele.

Estamos em novembro. Não nos falamos desde julho. Eu lhe pedira para não entrar em contato comigo enquanto eu estivesse fora, sabendo que meu apego a ele era tão forte que seria impossível me concentrar na viagem se também estivesse acompanhando o que ele estava fazendo. Mas agora, com esse e-mail, estou entrando de novo na sua vida.

Eu lhe digo que espero que ele esteja bem e que estou bem. Faço algumas brincadeiras. Sempre fomos bons de brincadeiras. Em seguida, explico que acho que precisamos pôr um ponto final nesse relacionamento. Que talvez seja hora de reconhecer que nunca vai dar certo, que *não é* para dar certo. O tom não é excessivamente dramático. Deus sabe que já houve drama suficiente entre nós. A mensagem é curta e simples. Mas há mais uma coisa que preciso acrescentar. Prendendo a respiração, escrevo: “Se você quiser procurar outra pessoa na sua vida, é claro que eu lhe desejo tudo de bom.” Minhas mãos estão tremendo. Assino com “um beijo”, tentando manter o tom mais descontraído possível.

Tenho a sensação de que alguém acaba de golpear meu peito com um bastão.

Não durmo muito nessa noite, imaginando-o a ler minhas palavras. Durante o dia seguinte, corro algumas vezes até o cybercafé à procura de uma resposta. Estou tentando ignorar aquela parte de mim morta de vontade de que ele responda: “VOLTE! NÃO VÁ EMBORA! EU VOU MUDAR!” Estou tentando ignorar a menininha dentro de mim que abriria mão alegremente de toda essa idéia grandiosa de viajar pelo mundo em troca apenas das chaves do apartamento de David. Mas, por volta das dez horas da noite, finalmente recebo minha resposta. Um *e-mail* maravilhoso, é claro. David sempre escreveu lindamente. Ele concorda que, sim, é hora de finalmente dizermos adeus para sempre. Diz que ele próprio vem pensando mais ou menos a mesma coisa. Não poderia ter sido mais gentil em sua resposta, e compartilha seus próprios sentimentos de perda e arrependimento com aquele intenso afeto que algumas vezes ele era tão comoventemente capaz de atingir. Ele espera que eu saiba o quanto ele me adora, e que não consegue sequer encontrar palavras para expressar isso. “Mas a gente não é o que o outro precisa”, diz ele. No entanto, ele tem certeza de que eu algum dia vou encontrar um grande amor na minha vida. Ele tem certeza disso. Afinal, ele diz, “beleza atrai beleza”.

E isso, de fato, é uma coisa muito linda de se dizer. E é praticamente a melhor coisa que o amor da sua vida poderia dizer, quando não está dizendo: “VOLTE! NÃO VÁ EMBORA! EU VOU MUDAR!”

Fico ali sentada encarando a tela do computador, sem dizer nada, durante um tempo longo e triste. É melhor assim, eu sei que é. Estou escolhendo a felicidade em lugar do sofrimento, eu sei que estou. Estou criando espaço para o futuro desconhecido encher minha vida com surpresas que ainda estão por vir. Eu sei tudo isso. Mas mesmo assim...

É *David*. Eu agora o perdi.

Seguro o rosto com as mãos durante um tempo ainda mais longo e ainda mais triste. Por fim, ergo os olhos, e tudo que vejo é que uma das albanesas que trabalha no cybercafé parou de esfregar o chão como faz todas as noites para se encostar na parede e me olhar. Por um instante, encaramos uma à outra com nossos olhares cansados. Então sacudo a cabeça para ela pesarosamente e digo em voz alta:

– Que dureza. – Ela balança a cabeça de forma compreensiva. Não entendeu o que eu disse, mas é claro que, à sua maneira, entendeu totalmente.

Meu celular toca.

É Giovanni. Ele parece estar confuso. Diz que está me esperando há mais de uma hora na Piazza Fiume, que é onde sempre nos encontramos nas noites de quinta-feira para nossas conversas em duas línguas. Não está entendendo nada, porque normalmente é *ele* quem chega atrasado ou se esquece de aparecer para os nossos encontros, mas nesta noite excepcionalmente chegou na hora exata, e tinha quase certeza... nós não tínhamos marcado de nos encontrar?

Eu tinha me esquecido. Digo-lhe onde estou. Ele diz que vai vir me buscar com seu carro. Não estou com vontade de encontrar ninguém, mas é difícil demais explicar isso no *telefonino*, dadas nossas habilidades lingüísticas limitadas. Vou esperá-lo do lado de fora, no frio. Alguns minutos depois, seu carrinho vermelho aparece e eu entro. Ele me pergunta, em um italiano cheio de gíria, o que está acontecendo. Abro a boca para responder e desato a chorar. Ou melhor – começo a uivar. Ou melhor – aquele tipo de choro terrível, convulso, que minha amiga Sally chama de “solução dobrado”, quando você precisa puxar duas desesperadas golfadas de oxigênio a cada solução. Eu sequer chegara a perceber que esse terremoto de tristeza estava chegando, fui pega totalmente de surpresa.

Coitado de Giovanni! Em um inglês capenga, ele me pergunta se fez alguma coisa errada. Será que estou brava com ele? Será que ele me magoou? Não consigo responder, mas faço que não com a cabeça e continuo a uivar. Estou totalmente arrasada comigo mesma e com muita pena do querido Giovanni, encurralado ali naquele carro com uma mulher velha soluçante e incoerente que está totalmente a *pezzi* – destroçada.

Finalmente, consigo balbuciar uma explicação de que o meu estado não tem nada a ver com ele. Engasgando, peço desculpas por estar desse jeito. Giovanni assume o controle da situação de um modo muito mais maduro do que a sua pouca idade. Ele diz:

– Não peça desculpas por estar chorando. Sem emoção, a gente não passa de robôs. – Ele me estende uns lenços de papel de uma caixa no banco de trás do carro. – Vamos dar uma volta – diz.

Ele tem razão – a frente desse cybercafé é um lugar exposto e iluminado demais para se ter um colapso nervoso. Ele dirige um pouco, depois entra com o carro no meio da Piazza della Repubblica, um dos espaços abertos mais nobres de Roma. Estaciona na frente daquele magnífico chafariz onde ousadas ninfas nuas dançam pornograficamente com seu bando fálico de cisnes gigantes de pescoço rijo. Esse chafariz foi construído bastante recentemente para os padrões romanos. Segundo o meu guia, as mulheres que serviram de modelos para as ninfas eram duas irmãs, dançarinas burlescas populares da época. Ganharam uma fama razoável depois de o chafariz ficar pronto; a Igreja passou meses tentando evitar que a obra fosse exposta, porque ela era sensual demais. As irmãs viveram até uma idade bastante avançada e, na década de 1920, essas duas dignas senhoras ainda podiam ser vistas caminhando juntas pela *piazza* todos os dias, para olhar o “seu” chafariz. E, a cada ano, uma vez por ano, durante toda a vida, o escultor francês que as havia retratado em mármore no auge da beleza vinha a Roma e levava as irmãs para almoçar, e os três ficavam lembrando juntos os dias em que eram todos tão jovens, bonitos e ousados.

Então Giovanni estaciona ali e espera eu me controlar. Tudo que consigo fazer é pressionar os olhos com as palmas das mãos para tentar empurrar as lágrimas de volta para dentro. Eu e Giovanni nunca tivemos uma conversa pessoal. Durante todos esses meses, todos esses jantares juntos, tudo sobre o que conversamos foi filosofia, arte, cultura, política e comida. Não sabemos nada sobre a vida particular um do outro. Ele sequer sabe que eu sou divorciada ou que deixei um amor para trás nos Estados Unidos. Eu não sei nada sobre ele, a não ser que ele quer ser escritor e que nasceu em Nápoles. O meu choro, porém, está prestes a criar um nível inteiramente novo de conversa entre essas duas pessoas. Eu gostaria que isso não acontecesse. Não nessas circunstâncias terríveis.

Ele diz:

– Desculpe, mas não estou entendendo. Você perdeu alguma coisa hoje?

Mas ainda estou com dificuldades para descobrir como falar. Giovanni sorri e, para me incentivar, diz:

– *Parla come mangi.*

Ele sabe que esta é uma das minhas expressões preferidas do dialeto romano. Significa: “Fale do mesmo jeito que você come”, ou, na minha tradução pessoal, “Diga como se estivesse comendo”. É um lembrete – quando você está se esforçando além da conta para explicar alguma coisa, quando está procurando as palavras certas – para manter sua linguagem simples e direta como a culinária romana. Não transforme isso em um bicho-de-sete-cabeças. Simplesmente fale.

Respiro fundo e faço, em italiano, uma versão muito resumida (mas, de certa forma, totalmente completa) da minha situação:

– É por causa de uma história de amor, Giovanni. Tive de me despedir de uma pessoa hoje.

Então minhas mãos tornam a se espalmar sobre meus olhos, e as lágrimas escorrem por entre meus dedos tensos. Graças a Deus, Giovanni não tenta me dar um abraço reconfortante, nem expressa qualquer desconforto em relação à minha explosão de tristeza. Em vez disso, fica sentado enquanto choro, sem dizer nada. Até eu me acalmar. E então, com uma empatia perfeita, escolhendo cuidadosamente cada palavra (como sua professora de inglês, senti *muito* orgulho dele nessa noite!), ele diz de forma lenta, clara e gentil:

– Eu entendo, Liz. Já passei por isso.

29

A chegada da minha irmã a Roma, alguns dias depois, ajudou a desviar minha atenção da tristeza por causa de David, que não queria ir embora, e me fez voltar ao ritmo normal. Minha irmã faz tudo depressa, e a energia rodopia à sua volta em pequeninos ciclones. Ela é três anos mais velha e 8 centímetros mais alta

do que eu. É atleta, estudiosa, mãe e escritora. Durante o tempo todo que passou em Roma, treinou para uma maratona, o que significa que acordava de madrugada e corria quase 30 quilômetros durante o tempo que geralmente levo para ler um artigo de jornal e tomar dois *cappuccinos*. Na verdade, ela parece uma gazela quando corre. Quando estava grávida do primeiro filho, certa vez nadou de uma margem a outra de um lago, no escuro. Não quis acompanhá-la, e eu sequer estava grávida. Estava era com um medo danado. Mas a minha irmã não sabe o que é ficar com medo. Quando estava grávida do segundo filho, uma parteira perguntou se Catherine tinha algum medo que nunca houvesse revelado sobre qualquer coisa que pudesse dar errado com o bebê – por exemplo, defeitos genéticos ou complicações durante o parto. Minha irmã respondeu:

– Meu único medo é que o bebê vire republicano quando crescer.

É esse o nome da minha irmã – Catherine. Ela é minha única irmã. Quando éramos crianças, na zona rural de Connecticut, éramos só nós duas morando em uma fazenda com nossos pais. Não havia outras crianças por perto. Ela era forte e dominadora, a comandante da minha vida inteira. Eu vivia em perpétua admiração e medo dela; a opinião de mais ninguém tinha importância, só a dela. Eu roubava quando jogava baralho com ela só para *perder*, para ela não ficar brava comigo. Nem sempre éramos amigas. Eu a irritava, e tive medo dela, acho, até fazer 28 anos e me cansar de ter medo. Esse foi o ano em que finalmente a enfrentei, e a reação dela foi algo do tipo: “Por que demorou tanto?”

Mal estávamos começando a estabelecer os novos termos do nosso relacionamento quando meu casamento começou a desandar. Teria sido tão fácil para Catherine obter sua vitória graças à minha derrota. Eu sempre fora a amada, a sortuda, a preferida tanto da família quanto do destino. O mundo sempre fora um lugar mais confortável e acolhedor para mim do que para minha irmã, que se esforçou muito na vida, e algumas vezes tudo que conseguiu foi ser ferida por ela com bastante força. Teria sido tão fácil para Catherine ter reagido ao meu divórcio e à minha depressão com um “Ah! Olhe a menininha perfeita agora!”. Em vez disso,

ela me apoiou totalmente. Atendia ao telefone no meio da noite sempre que eu estava aflita e fazia ruídos reconfortantes. E ia comigo sempre que eu saía à procura dos motivos pelos quais estava tão triste. Durante muito tempo, ela praticamente me substituiu na minha terapia, tamanha a frequência de sua participação. Eu ligava para ela depois de cada sessão para relatar tudo que havia compreendido no consultório da minha terapeuta, e ela largava o que quer que estivesse fazendo e dizia: “Ah... isso explica muita coisa.” Ou seja, explica muita coisa sobre *nós duas*.

Agora nos falamos pelo telefone quase todos os dias – ou, pelo menos, nos falávamos antes de eu vir para Roma. Hoje em dia, antes de qualquer uma de nós duas entrar em um avião, sempre liga para a outra para dizer: “Sei que isto é mórbido, mas eu só queria dizer que te amo. Você sabe... só para garantir...” E a outra sempre diz: “Eu sei... só para garantir.”

Ela chega a Roma preparada, como sempre. Traz cinco guias, todos os quais ela já leu, e tem a cidade já mapeada mentalmente. Já estava totalmente orientada antes mesmo de sair da Filadélfia. E isso é um exemplo clássico da diferença entre nós duas. Sou aquela que passou as primeiras semanas em Roma andando a esmo, 90% perdida e 100% feliz, vendo tudo à minha volta como um lindo mistério inexplicado. Mas é meio assim que o mundo sempre me parece ser. Aos olhos da minha irmã, não há nada que não possa ser explicado se a pessoa tiver acesso a uma biblioteca básica. Minha irmã é uma mulher que guarda a *Enciclopédia Columbia* na cozinha, ao lado dos livros de culinária – e que de fato a lê, por prazer.

Existe um jogo que às vezes gosto de jogar com meus amigos, chamado “Olhe só!”. Sempre que alguém está em dúvida sobre algum fato obscuro (por exemplo: “Quem *foi* São Luís?”), eu digo: “Olhe só!”, pego o telefone e disco o número da minha irmã. Algumas vezes, ela está no carro, levando seus filhos de volta para casa depois da escola, e diz pensativamente: “São Luís... bom, ele na verdade foi um rei francês asceta, o que é interessante porque...”

Então minha irmã vem me visitar em Roma – na minha nova cidade –, e é ela quem vai mostrá-la a mim. Isto aqui é Roma, *à la*

Catherine. Cheia de fatos, datas e de uma arquitetura que não vejo, porque minha mente não funciona assim. A única coisa que quero saber sobre qualquer lugar ou qualquer pessoa é sua *história*, e essa é a única coisa na qual presto atenção – nunca nos detalhes estéticos. (Sofie veio ao meu apartamento um mês depois de eu ter me mudado para lá e disse: “Que banheiro cor-de-rosa lindo”, e essa foi a *primeira vez* que percebi que ele era, de fato, cor-de-rosa. Cor-de-rosa choque, de cima a baixo, ladrilhos rosa choque por toda parte – eu sinceramente não tinha reparado antes.) Mas o olho treinado da minha irmã detecta os detalhes góticos, romanescos ou bizantinos de um prédio, o desenho do chão de uma igreja, ou o apagado esboço do afresco inacabado escondido atrás do altar. Ela percorre Roma com suas pernas compridas (costumávamos chamá-la de “Catherine das coxas de um metro”), e caminho apressada atrás dela, como venho fazendo desde que aprendi a andar, dando dois passinhos aflitos para cada passo seu.

– Está vendo, Liz? – diz ela. – Está vendo como eles simplesmente colaram esta fachada novecentista por cima daqueles tijolos? Aposto que, se a gente virar a esquina, vai encontrar... isso!... Está vendo, eles usaram *mesmo* os monolitos romanos originais como vigas, provavelmente porque não tinham homens suficientes para tirá-los do lugar... É, eu gosto bastante da cara de segunda mão desta basílica...

Catherine carrega seu mapa e seu guia verde Michelin, eu carrego nosso piquenique para o almoço (dois daqueles pães redondinhos, uma lingüiça condimentada, sardinhas em conserva enroladas em volta de suculentas azeitonas verdes, um patê de cogumelos que tem gosto de floresta, bolas de *mozzarella* defumada, rúcula com pimenta grelhada, tomatinhos-cereja, queijo pecorino, água mineral e meia garrafa de vinho branco gelado), e, enquanto me pergunto onde vamos comer, ela pergunta em voz alta:

– Por que as pessoas *não* falam mais sobre o Concílio de Trento?

Ela me faz entrar em dúzias de igrejas romanas, e eu as confundo todas – Santo Isso e Santo Aquilo, e Santo Alguém dos Penitentes Descalços da Divina Misericórdia... mas o fato de eu não conseguir me

lembrar nem dos nomes, nem dos detalhes de todos esses contrafortes e cornijas não quer dizer que não adore entrar nesses lugares com minha irmã, cujos olhos cor de cobalto não deixam escapar nada. Não me lembro do nome da igreja que tinha os afrescos tão parecidos com aqueles murais feitos pelos americanos em homenagem ao New Deal, mas lembro-me de Catherine mostrando-os para mim e dizendo:

– Não dá para não amar aqueles papas que são a cara do Franklin Roosevelt, ali em cima... – Também me lembro da manhã em que acordamos cedo e fomos assistir à missa em Santa Susanna, e ficamos de mãos dadas ouvindo as freiras entoarem seus cantos gregorianos da alvorada, ambas aos prantos por causa da magia ressonante de suas preces. Minha irmã não é uma pessoa religiosa. Na verdade, ninguém na minha família é. (Passei a gostar de me referir a mim mesma como a “ovelha branca” da família.) Minhas experiências espirituais interessam a minha irmã sobretudo pela curiosidade intelectual.

– Acho esse tipo de fé tão lindo – sussurra ela para mim na igreja –, mas não consigo, simplesmente não consigo...

Vejam outro exemplo das diferenças em nossa forma de encarar o mundo. Uma família que mora no bairro da minha irmã recentemente viveu uma tragédia dupla, quando tanto a jovem mãe quanto seu filho de 3 anos descobriram estar com câncer. Quando Catherine me contou isso, só consegui dizer, chocada:

– Meu Deus, essa família precisa de uma bênção. – E ela, firme, retrucou:

– Essa família precisa é de *comida* – e dedicou-se a organizar o bairro inteiro para levar o jantar para aquela família, todas as noites, durante um ano inteiro. Não sei se minha irmã tem plena consciência de que isso é uma bênção.

Sáímos de Santa Susanna e ela diz:

– Você sabe por que os papas precisavam de planejamento urbano na Idade Média? Porque a cidade recebia basicamente 2 milhões de peregrinos católicos por ano de todo o mundo ocidental, que vinham fazer a caminhada do Vaticano até São João Laterano, às vezes de joelhos, e essa gente toda precisava de *infra-estrutura*.

A fé da minha irmã é no aprendizado. Seu texto sagrado é o *Dicionário Oxford da Língua Inglesa*. Quando ela inclina a cabeça para estudar, correndo os dedos pelas páginas, ela está com seu Deus. Nesse mesmo dia, vejo minha irmã rezando outra vez – quando ela se ajoelha no meio do Fórum Romano, limpa um pouco de sujeira do chão (como se estivesse apagando um quadro-negro) e em seguida empunha uma pedrinha e desenha para mim, na terra batida, a planta de uma basílica romanesca clássica. Aponta para o desenho, e depois para a ruína à sua frente, fazendo-me entender (até *eu*, que não presto atenção em nada, consigo entender!) como aquele prédio deveria ter sido 18 séculos antes. Com o dedo, esboça no ar vazio os arcos ausentes, a nave, as janelas há muito desaparecidas. Como um menino pintando o céu, ela preenche o cosmo deserto com sua imaginação e reconstrói o que foi destruído.

Em italiano, existe um tempo verbal raramente usado que se chama *passato remoto*, o passado remoto. Usa-se esse tempo quando se está falando de coisas em um passado muito, muito distante, coisas que aconteceram há tanto tempo atrás que não têm absolutamente mais nenhum impacto pessoal sobre você – por exemplo, a história antiga. Mas a minha irmã, se falasse italiano, não usaria esse tempo verbal para falar de história antiga. No mundo dela, o Fórum Romano não é remoto, nem tampouco é passado. É exatamente tão presente e próximo dela quanto eu.

Ela vai embora no dia seguinte.

– Escute – digo –, não deixe de me ligar quando seu avião aterrissar em segurança, tá? Não quero ser mórbida, mas...

– Eu sei, querida – diz ela. – Eu também amo você.

30

Algumas vezes, fico muito surpresa ao perceber que minha irmã é esposa e mãe, e eu não. De certa forma, sempre pensei que seria o contrário. Pensei que seria eu quem acabaria ten-

do uma casa cheia de botas sujas de lama e crianças aos berros, enquanto Catherine viveria solteira, em carreira solo, lendo sozinha na cama todas as noites. Nós crescemos e nos transformamos em adultas diferentes daquilo que qualquer um poderia ter previsto quando éramos crianças. Mas acho que é melhor assim. Contrariando todas as previsões, cada uma de nós criou a vida que combina consigo. A natureza solitária de Catherine significa que ela precisa de uma família para mantê-la afastada da solidão; a minha natureza gregária significa que eu nunca precisarei me preocupar com o fato de estar sozinha, mesmo quando estiver solteira. Fico feliz por ela estar voltando para casa para encontrar sua família, e também fico feliz por ter mais nove meses de viagem pela frente, nos quais tudo o que preciso fazer é comer, ler, rezar e escrever.

Ainda não sei dizer se um dia vou querer ter filhos. Fiquei atônita ao descobrir que não queria tê-los aos 30 anos; a lembrança dessa surpresa me torna cautelosa antes de fazer qualquer prognóstico sobre como me sentirei aos 40. Só posso dizer como me sinto agora – grata por estar sozinha. Também sei que não vou ter filhos apenas para o caso de me arrepender de não tê-los tido mais tarde na vida; não acho que isso seja uma motivação forte o suficiente para colocar mais bebês no mundo. Embora suspeite que haja pessoas que de fato se reproduzem por esse motivo – um seguro contra arrependimentos futuros. Acho que as pessoas têm filhos pelos mais diversos motivos – às vezes por puro desejo de cuidar e de testemunhar o surgimento da vida, às vezes por falta de escolha, às vezes para segurar um parceiro ou criar um herdeiro, às vezes sem pensar no assunto de nenhuma maneira específica. Nem todos os motivos para se ter filhos são iguais, e nem todos eles são necessariamente altruístas. Mas tampouco todos os motivos para *não* se ter filhos são os mesmos. Nem todos esses motivos são necessariamente egoístas.

Digo isso porque ainda estou digerindo essa acusação, que me foi feita muitas vezes por meu marido enquanto nosso casamento estava vindo abaixo – egoísmo. Toda vez que ele dizia isso, eu concordava inteiramente, aceitava a culpa, vestia a carapuça. Meu Deus, eu sequer tivera os bebês e já os estava negligenciando, já estava escolhendo a mim

mesma em detrimento deles. Eu já era uma mãe ruim. Esses bebês – esses bebês-fantasmas – apareciam muito em nossas discussões. Quem iria cuidar dos bebês? Quem ficaria em casa com os bebês? Quem sustentaria os bebês financeiramente? Quem daria comida aos bebês no meio da noite? Lembro-me de dizer certa vez para minha amiga Susan, quando meu casamento estava se tornando intolerável:

– Eu não quero que os meus filhos cresçam em uma casa assim.

– Por que você não deixa essas “crianças” fora da conversa? – falou Susan. – Elas ainda nem existem, Liz. Por que você não consegue simplesmente admitir que não quer mais viver infeliz? Que nenhum de vocês dois quer isso. E é melhor perceber isso agora, aliás, do que na sala de parto, quando você estiver com 5 centímetros de dilatação.

Lembro-me de ir a uma festa em Nova York mais ou menos nessa época. Um casal, dois artistas plásticos de sucesso, havia acabado de ter um bebê, e a mãe estava comemorando a inauguração de uma exposição de seus trabalhos em uma galeria. Lembro-me de ficar olhando essa mulher, a nova mãe, minha amiga, a artista plástica, enquanto ela tentava ser a anfitriã da festa (que estava acontecendo no *loft* dela) ao mesmo tempo em que cuidava do filho e discutia seu trabalho profissionalmente. Nunca vi alguém com mais cara de quem não tem dormido o suficiente. Nunca vou conseguir me esquecer da imagem dela em pé na cozinha depois da meia-noite, com os braços mergulhados até os cotovelos em uma pia de louça suja, tentando arrumar tudo depois da festa. Seu marido (sinto muito por dizer isso e tenho plena consciência de que isso não é, *de jeito nenhum*, representativo de todos os maridos) estava no outro cômodo, literalmente com os pés em cima da mesa, vendo televisão. Ela finalmente perguntou se poderia ajudar a arrumar a cozinha, e ele disse:

– Deixe, amor... nós limpamos isso amanhã de manhã. – O bebê começou a chorar de novo. O leite da minha amiga vazava pelo seu vestido de festa.

Quase com certeza, as outras pessoas que foram a essa festa saíram com imagens diferentes das minhas. Muitos dos outros convidados podem ter sentido uma baita inveja daquela linda mulher com seu be-

bezinho saudável, inveja de sua bem-sucedida carreira de artista, de seu casamento com um homem legal, de seu apartamento maravilhoso, de seu vestido de festa. Havia pessoas naquela festa que provavelmente teriam trocado de vida com ela em um instante, se tivessem a oportunidade. Essa mulher provavelmente se lembra desse evento – se é que pensa nele – como uma noite cansativa, mas que valeu totalmente a pena em sua vida globalmente prazerosa feita de maternidade, casamento e carreira. Quanto a mim, porém, tudo que posso dizer é que passei a festa inteira tremendo de pânico, pensando: *Se você não admitir que esse é o seu futuro, Liz, então você está louca. Não deixe isso acontecer.*

Mas será que eu tinha a responsabilidade de ter uma família? Ai, meu Deus – *responsabilidade*. Essa palavra ficou martelando na minha cabeça até eu prestar atenção nela, observá-la com cuidado, e dela derivar duas palavras que compõem sua verdadeira definição: a habilidade, ou *capacidade*, de responder, ou de *reagir*. E aquilo a que eu, no final das contas, precisava reagir era à realidade de que cada partícula do meu ser estava me dizendo para sair do meu casamento. Em algum lugar dentro de mim, um sistema de alerta antecipado estava prevendo que, se eu continuasse tentando sobreviver àquela tempestade na marra, acabaria ficando com câncer. E que, se eu pusesse crianças no mundo mesmo assim, só porque não queria lidar com a chateação e com a vergonha de revelar alguns fatos pouco práticos sobre mim mesma – *isso* sim seria um ato de tremenda irresponsabilidade.

No final, porém, o que mais me guiou foi uma coisa que minha amiga Sheryl me disse naquela mesma noite, naquela mesma festa, quando me descobriu escondida no banheiro do elegante *loft* da nossa amiga, tremendo de medo, jogando água no rosto. Naquela época, Sheryl não sabia o que estava acontecendo no meu casamento. Ninguém sabia. E eu não lhe contei naquela noite. Tudo que consegui dizer foi:

– Eu não sei o que fazer. – Lembro-me de ela me pegar pelos ombros e me olhar nos olhos com um sorriso calmo, e dizer apenas:

– Diga a verdade, diga a verdade, diga a verdade.

Então foi isso que tentei fazer.

Só que sair de um casamento é difícil, e não só por causa das complicações jurídicas/financeiras da enorme mudança de estilo de vida. (Como me aconselhou sabiamente certa vez minha amiga Deborah: “Ninguém nunca morreu do fato de dividir móveis.”) É o impacto emocional que é de matar, o choque de sair do caminho conhecido de um estilo de vida convencional e perder todos os agradáveis confortos que mantêm tanta gente nesse caminho para sempre. Formar uma família com um cônjuge é uma das maneiras mais fundamentais pelas quais uma pessoa pode encontrar continuidade e significado na sociedade americana (ou em qualquer outra). Redescubro essa verdade sempre que vou a uma grande reunião da família da minha mãe em Minnesota e vejo como cada um é mantido na mesma posição, de forma tão segura, durante anos a fio. Primeiro você é criança, depois é adolescente, depois é recém-casado, depois é pai, depois é aposentado, depois é avô – em cada estágio, você sabe quem é, sabe qual é o seu dever e sabe onde se sentar na reunião. Até que, finalmente, vai sentar-se com os nonagenários na sombra, para observar satisfeito a sua prole. Quem você é? Fácil – você é a pessoa que criou *tudo isso*. A satisfação de saber isso é imediata e, além do mais, é internacionalmente reconhecida. Quanta gente já ouvi dizer que os filhos são a maior realização e o maior reconforto de suas vidas? São aqueles com quem eles sempre podem contar durante uma crise metafísica, ou em um momento de dúvida quanto a sua relevância – *Se eu não tiver feito mais nada nesta vida, então pelo menos terei criado bem os meus filhos*.

Mas e se, seja por escolha ou por uma relutante necessidade, você acabar não participando desse reconfortante ciclo de família e continuidade? E se você sair dele? Onde vai se sentar na reunião? Como vai marcar a passagem do tempo sem o medo de ter simplesmente desperdiçado seu tempo na Terra sem ser relevante? Você vai precisar encontrar outro propósito, outra medida pela qual avaliar se foi ou não um ser humano bem-sucedido. Adoro crianças, mas e se eu não tiver filhos? Que tipo de pessoa isso me torna?

Virginia Woolf escreveu: “Sobre o imenso continente da vida de uma mulher recai a sombra de uma espada.” De um lado dessa espada,

disse ela, estão a convenção, a tradição e a ordem, onde “tudo é correto”. Mas, do outro lado dessa espada, se você for louca o suficiente para atravessar a sombra e escolher uma vida que não segue a convenção, “tudo é confusão. Nada segue um curso regular”. Seu argumento era que atravessar a sombra dessa espada pode proporcionar à mulher uma existência muito mais interessante, mas podem apostar que ela também será mais perigosa.

Tenho sorte de pelo menos ter a minha escrita. Isso é algo que as pessoas podem entender. *Ah, ela terminou seu casamento para preservar sua arte.* Isso é meio verdade, embora não completamente. Muitos escritores têm famílias. Toni Morrison, só para citar um exemplo, não deixou a criação de seu filho impedi-la de ganhar um pequeno agrado que chamamos de Prêmio Nobel. Mas Toni Morrison fez o seu próprio caminho, e eu devo fazer o meu. O Bhagavad Gita – aquele antigo texto iogue indiano – diz que é melhor viver o seu próprio destino de forma imperfeita do que viver a imitação da vida de outra pessoa com perfeição. Então agora comecei a viver a minha própria vida. Por mais imperfeita e atabalhoada que ela possa parecer, ela combina comigo, de alto a baixo.

De toda forma, só estou falando isso tudo para reconhecer que – em comparação com a existência da minha irmã, com sua casa, com seu bom casamento e com seus filhos – quem me vê hoje em dia me considera bastante instável. Não tenho sequer um endereço, e isso é uma espécie de crime contra a normalidade nesta minha avançada idade de 34 anos. Neste exato momento, inclusive, todos os meus pertences estão guardados na casa de Catherine, e ela me deu um quarto temporário no andar de cima de sua casa (que todos chamamos de “Os Aposentos da Tia Solteirona”, uma vez que ele tem uma janelinha de sótão pela qual posso olhar as charnecas usando meu velho vestido de noiva, chorando minha juventude perdida). Catherine parece aceitar bem esse arranjo, e ele sem dúvida é conveniente para mim, mas tenho consciência do perigo de, se eu passar tempo demais à deriva neste mundo, um dia poder me transformar na Maluca da Família. Ou talvez isso já tenha acontecido. No verão passado, minha sobrinha

de 5 anos convidou uma amiguinha para ir brincar na casa da minha irmã. Perguntei à menina quando era o aniversário dela. Ela me disse que era no dia 25 de janeiro.

– Ih! – falei. – Você é de Aquário! Namorei aquarianos suficientes para saber que eles são um *problema*.

As duas meninas de 5 anos me olharam com espanto e uma certa incerteza assustada. Tive um súbito e horrorizante lampejo da mulher na qual posso me transformar se não tomar cuidado: a Louca Tia Liz. A divorciada de vestido comprido, com os cabelos pintados de laranja, que não come laticínios, mas fuma cigarros mentolados, está sempre acabando de chegar de seu cruzeiro astrológico ou terminando com seu namorado aromaterapeuta, joga tarô para crianças pequenas e diz coisas do tipo: “Vá buscar outra bebida para a tia Liz, amoreco, e eu deixo você usar o meu anel que muda de cor..”

Sei muito bem que daqui a algum tempo posso ter de me tornar novamente uma cidadã mais sólida.

Mas ainda não... *por favor*. Ainda não.

31

Durante as seis semanas seguintes, visito Bolonha, Florença, Veneza, a Sicília, a Sardenha, desço outra vez até Nápoles e depois vou à Calábria. Em sua maioria, são viagens curtas – uma semana aqui, um fim de semana acolá –, a quantidade de tempo exata para sentir o clima de um lugar, olhar em volta, perguntar às pessoas na rua onde se come a melhor comida, e em seguida ir comê-la. Desisto do meu curso de italiano, já que tenho a sensação de que ele estava interferindo em meus esforços para aprender italiano, uma vez que me obrigava a ficar confinada na sala de aula em vez de passear pela Itália, onde posso treinar com pessoas de verdade.

Essas semanas de viagens espontâneas representam uma fase gloriosa, alguns dos dias mais soltos da minha vida, correndo até a estação de trem para comprar passagens aqui e ali, finalmente começando a apro-

veitar para valer minha liberdade porque finalmente percebi que *posso ir aonde eu quiser*. Passo algum tempo sem encontrar meus amigos romanos. Giovanni me diz ao telefone: “*Sei una trottola*” (“Você parece um pião”). Certa noite, em uma cidade em algum lugar do Mediterrâneo, em um quarto de hotel junto ao mar, o som da minha própria risada chega a me acordar no meio de um sono profundo. Fico espantada. *Quem é essa pessoa rindo na minha cama?* Quando percebo que sou eu mesma, isso me faz rir de novo. Não consigo mais me lembrar do que estava sonhando. Acho que talvez tivesse alguma coisa a ver com barcos.

32

Florença é só um fim de semana, uma viagem rápida de trem em uma manhã de sexta-feira para visitar meu tio Terry e minha tia Deb, que pegaram um avião de Connecticut para visitar a Itália pela primeira vez na vida, e para encontrar a sobrinha, é claro. Já é noite quando eles chegam, e eu os levo para um passeio para ver o Duomo, sempre uma visão muito impressionante, conforme fica claro pela reação do meu tio:

– *Oy vey!* – diz ele, usando uma expressão de assombro emprestada ao ídiche, em seguida faz uma pausa e acrescenta: – Ou talvez essas sejam as palavras erradas para elogiar uma igreja católica...

Observamos as sabinas serem estupradas bem ali, no meio do jardim de esculturas, sem que ninguém faça absolutamente nada para impedir, e prestamos nossa homenagem a Michelangelo, ao museu da ciência e às vistas das colinas em torno da cidade. Então eu deixo minha tia e meu tio aproveitarem o resto de sua viagem sem mim e vou sozinha até a rica e espaçosa Lucca, a pequena cidade toscana com seus famosos açougues, onde os mais refinados cortes de carne que já vi na Itália são exibidos com uma sensualidade que parece dizer “você sabe que me quer” em lojas espalhadas pela cidade. Embutidos de todos os tamanhos, cores e tipos imagináveis, recheados como pernas de mulher

dentro de provocantes meias finas, balançam nos tetos dos açougues. Nádegas opulentas de presunto estão penduradas nas janelas, acenando para os passantes como as prostitutas mais chiques de Amsterdã. Os frangos parecem tão roliços e satisfeitos, mesmo mortos, que você imagina que eles se ofereceram orgulhosamente para o sacrifício, depois de competirem entre si em vida para ver quem se tornaria o mais suculento e o mais cevado. Mas não é só a carne que é maravilhosa em Lucca; são as castanhas, os pêsegos, os generosos arranjos de figos, meu Deus, os figos...

O lugar também é famoso por ser a cidade natal de Puccini. Sei que provavelmente deveria me interessar por isso, mas estou muito mais interessada no segredo que um verdureiro da cidade compartilhou comigo – que os melhores cogumelos da cidade são servidos em um restaurante *bem em frente* ao lugar onde nasceu Puccini. Então passeio por Lucca, pedindo orientações em italiano: “Pode me dizer onde fica a casa de Puccini?”, e um gentil habitante finalmente me conduz até lá, e então provavelmente fica muito surpreso quando digo: “*Grazie*”, e em seguida dou meia-volta, saio andando exatamente na direção oposta da entrada do museu, e entro em um restaurante do outro lado da rua para esperar a chuva passar com minha porção de *risotto ai funghi*.

Não me lembro agora se foi antes ou depois de Lucca que fui a Bolonha – uma cidade tão linda que eu não conseguia parar de cantarolar a musiquinha de um famoso comercial americano de mortadela (em inglês, *bologna*) durante todo o tempo que passei lá. Tradicionalmente, Bolonha – com sua linda arquitetura de tijolinhos e sua célebre riqueza – era chamada de *la grassa, la dotta, la rossa*: gorda, douta e vermelha. (E, sim, esse era um título alternativo para este livro.) A comida é definitivamente melhor aqui do que em Roma, ou talvez eles simplesmente usem mais manteiga. Até o *gelato* em Bolonha é melhor (e eu me sinto um pouco desleal dizendo isso, mas é verdade). Os cogumelos aqui parecem grandes línguas grossas e sensuais, e o *prosciutto* se dobra por cima das pizzas como um delicado véu de renda recaindo sobre o chapéu de uma senhora elegante. E, é claro, há também o molho à bolonhesa, que ri desdenhosamente de qualquer outra coisa que se meta a *ragù*.

Ocorre-me em Bolonha que não existe nenhum equivalente em inglês para a expressão *buon appetito*. Isso é uma pena, e também é muito revelador. Ocorre-me também que as paradas de trem italianas são um tour pelos nomes dos pratos e vinhos mais famosos do mundo: próxima parada, *Parma...* próxima parada, *Bologna...* próxima parada, aproximando-se de *Montepulciano...* Dentro dos trens também há comida, é claro – sanduichezinhos e um delicioso chocolate quente. Quando está chovendo do lado de fora, é ainda melhor fazer um lanchinho enquanto o trem corre pelos trilhos. Em uma das viagens, mais longa, divido a cabine do trem com um rapaz italiano atraente, que passa horas dormindo em meio à chuva, enquanto eu como minha salada de polvo. O rapaz acorda pouco antes de chegarmos a Veneza, esfrega os olhos, me olha cuidadosamente dos pés à cabeça e pontifica entre os dentes:

– *Carina*. – Tradução: bonitinha.

– *Grazie mille* – respondo-lhe, com exagerada educação. Mil vezes obrigada.

Ele fica surpreso, pois não tinha percebido que eu falava italiano. Nem eu tinha percebido, na verdade, mas nós passamos vinte minutos conversando e percebo, pela primeira vez, que falo *mesmo*. Alguma fronteira foi ultrapassada, e eu de fato agora falo italiano. Não estou mais traduzindo: estou falando. Há um erro em cada frase, é claro, e só conheço três tempos verbais, mas consigo me comunicar com esse cara sem muito esforço. *Me la cavo*, é como se diria em italiano, o que significa basicamente “eu me viro”, mas emprega o mesmo verbo que se usa para quando se saca a rolha de uma garrafa de vinho, ou seja: “Eu consigo usar esta língua para me livrar de situações difíceis.”

Ele está me azarando, esse garoto! Não é de todo desagradável. Ele não é de todo feio. Embora não seja nem de longe modesto, tampouco. Em determinado momento, ele me diz em italiano, querendo ser elogioso, é claro:

– Você não é gorda demais para uma americana.

Respondo, em inglês:

– E você não é seboso demais para um italiano.

– *Come?*

Repito o que disse, em um italiano ligeiramente modificado:

– E você é muito gracioso, igualzinho a todos os italianos.

Sei falar essa língua! O garoto acha que gostei dele, mas estou fletando é com as palavras. Meu Deus – eu decantei a mim mesma! Destravei minha língua como quem abre uma garrafa, e o italiano está fluindo! Ele quer que nos encontremos mais tarde em Veneza, mas não estou nem um pouco interessada nele. Estou só apaixonada pela língua, então o deixo ir embora. De toda forma, já tenho compromisso em Veneza. Vou me encontrar com minha amiga Linda.

A louca Linda, como gosto de chamá-la, muito embora ela não seja louca, está vindo para Veneza de Seattle, outra cidade cinza e úmida. Queria vir me visitar na Itália, então eu a convidei para essa perna da viagem porque me recuso – absolutamente não quero – visitar a cidade mais romântica da Terra sozinha, não, agora não, não este ano. Eu podia perfeitamente me imaginar sozinha, no fundo de uma gôndola, sendo arrastada em meio ao nevoeiro por um gondoleiro cantarolante, enquanto eu... lia uma revista? É uma imagem triste, mais ou menos como a idéia de subir uma colina sozinho em uma bicicleta feita para duas pessoas. Então Linda vai me fazer companhia, e boa companhia, aliás.

Conheci Linda (e seus *dreads*, e seus *piercings*) em Bali, há quase dois anos, quando fui fazer aquele retiro de ioga. Desde então, nós também viajamos juntas para a Costa Rica. Ela é uma das minhas companheiras de viagem preferidas, uma fadinha inabalável, divertida e surpreendentemente organizada, com suas calças justas de veludo vermelho. Linda possui uma das psiques mais intactas do mundo, que absolutamente não entende o que seja depressão, e com um auto-estima que nunca sequer cogitou ser qualquer outra coisa que não alta. Ela certa vez me disse, enquanto se olhava no espelho:

– Reconheço que não fico bem com qualquer roupa, mas mesmo assim não consigo deixar de me amar. – Ela é capaz de me fazer calar a boca quando começo a ficar aflita com questões metafísicas como: “Qual a natureza do universo?” (resposta de Linda: “Minha única pergunta é: por que perguntar?”) Linda gostaria de deixar seus *dreads* cres-

cerem tanto que ela pudesse tecê-los para formar uma estrutura com suporte de metal no alto da cabeça, “como uma topiaria”, e talvez guardar um passarinho lá dentro. Os balineses adoravam Linda. Os costarriquenhos também. Quando ela não está cuidando de seus lagartos e furões de estimação, coordena uma equipe de criação de *software* em Seattle, e ganha mais dinheiro do que qualquer um de nós.

Então nos encontramos em Veneza, e Linda franze o cenho diante do mapa da cidade, vira-o de cabeça para baixo, localiza nosso hotel, orienta-se e anuncia, com sua humildade característica:

– Já está tudo dominado.

Sua alegria, seu otimismo – eles de forma alguma combinam com essa cidade fedorenta, lenta, afundada, misteriosa, silenciosa, estranha. Veneza parece uma cidade maravilhosa para se morrer lentamente de alcoolismo, ou para perder alguém que se ama, ou para perder a arma do crime que levou a pessoa amada. Ao ver Veneza, fico feliz por ter decidido morar em Roma. Não acho que eu teria parado de tomar os antidepressivos tão depressa aqui. Veneza é linda, mas é linda como um filme de Bergman; você pode admirá-la, mas não a ponto de querer morar lá.

A cidade inteira está descascando e se apagando como aquelas alas inteiras de quartos que famílias outrora ricas deixam fechados nos fundos de suas mansões, quando a manutenção fica cara demais e é mais fácil simplesmente fechar as portas com pregos e esquecer dos tesouros que começam a morrer do outro lado – isso é Veneza. Riachos gordurosos da água suja do Adriático se aninham junto aos alicerces maltratados desses prédios, testando a resistência desse experimento de feira de ciências do século XIV – *Ei, e se a gente construiu uma cidade que fica na água o tempo todo?*

Veneza é assustadora sob os céus carregados de novembro. A cidade range e oscila como um píer de pesca. Apesar da segurança inicial de Linda de que a cidade estava dominada, nós nos perdemos todos os dias, e mais especialmente ainda à noite, dobrando para o lado errado em direção a esquinas escuras que vão terminar perigosa e diretamente na água do canal. Em uma noite enevoadas, passamos por um prédio antigo que parece estar de fato gemendo de dor.

– Não se preocupe – diz Linda em tom alegre. – É só o ventre faminto de Satã.

Ensino a ela minha palavra preferida em italiano, *attraversiamo* (“vamos atravessar”), e juntas nos afastamos dali, nervosas.

A linda moça veneziana dona do restaurante perto de onde estamos hospedadas está muito infeliz com sua vida. Ela odeia Veneza. Jura que todos que moram em Veneza consideram a cidade um túmulo. Ela certa vez se apaixonou por um artista sardo, que lhe prometera um outro mundo de luz e sol, mas em vez disso a abandonara com três filhos e sem outra escolha que não voltar para Veneza e administrar o restaurante da família. Ela tem a minha idade, mas parece ainda mais velha do que eu, e não consigo imaginar o tipo de homem que faria *isso* com uma mulher tão bonita. (“Ele era poderoso”, diz ela, “e eu morri de amor à sombra dele.”) Veneza é conservadora. Essa mulher teve alguns casos na cidade, talvez até com alguns homens casados, mas tudo sempre termina em tristeza. Os vizinhos falam dela. As pessoas param de falar quando ela entra no aposento. Sua mãe lhe implora para que use uma aliança de casamento, só para preservar as aparências – dizendo: *Querida, isto aqui não é Roma, onde você pode viver escandalosamente como bem entender*. Toda manhã, quando Linda e eu vamos tomar o café-da-manhã e perguntar a nossa triste jovem/velha proprietária veneziana sobre a previsão do tempo para o dia, ela dobra os dedos da mão direita como um revólver, leva-os à têmpora e diz: “Mais chuva.”

Apesar de tudo, não fico deprimida aqui. Por alguns dias, consigo suportar, e de certa forma até gostar, dessa melancolia veneziana de cidade afundada. Em algum lugar de mim mesma, sou capaz de reconhecer que essa não é a *minha* melancolia; essa é a melancolia específica da própria *cidade*, e ando saudável o suficiente ultimamente para ser capaz de perceber a diferença entre mim e ela. Não consigo evitar pensar que isso é um sinal de cura, de que o sangramento do meu ser foi estancado. Houve alguns anos, perdida em meu desespero sem tamanho, em que eu vivenciava toda a tristeza do mundo como se ela fosse minha. Absorvia tudo que era triste e deixava para trás rastros úmidos.

De toda forma, é difícil ficar deprimida com Linda falando sem parar ao meu lado, tentando me fazer comprar um chapéu gigante de pelúcia roxa, e perguntando a respeito do jantar horrível que comemos certa noite: “Isto aqui é congelado?” Linda é um vaga-lume. Em Veneza, na Idade Média, existia uma profissão masculina chamada *codega* – um sujeito que você contratava para andar na sua frente à noite com uma lanterna acesa, mostrando-lhe o caminho, espantando ladrões e demônios, dando-lhe segurança e proteção pelas ruas escuras. Linda é assim – minha *codega* veneziana temporária, especialmente encomendada, em tamanho compacto para viagem.

33

Saio da chuva alguns dias depois e encontro uma Roma tomada por uma desordem quente, ensolarada e eterna, onde – assim que piso na rua – posso ouvir os gritos de uma *manifestazione*, outra passeata trabalhista ali perto, que parecem a torcida de algum estádio de futebol. O taxista não sabe me dizer por que eles estão fazendo greve dessa vez, sobretudo, ao que parece, porque não está nem aí.

– ‘*Sti cazzi*’ – diz ele sobre os grevistas. (Tradução literal: “Esses colhões”, ou, como poderíamos dizer, “Estou pouco me lixando”.) É bom estar de volta. Depois da rígida sobriedade de Veneza, é bom estar de volta a um lugar onde posso ver um homem de jaqueta de pele de onça passando por um casal de adolescentes se amassando bem no meio da rua. A cidade parece tão pulsante e viva, tão bem produzida e sexy à luz do sol.

Lembro-me de uma coisa que o marido da minha amiga Maria, Giulio, me disse certa vez. Estávamos sentados em um café ao ar livre, treinando nossa conversação, e ele me perguntou o que eu achava de Roma. Eu lhe disse que adorava a cidade, de verdade, mas que de alguma forma sabia que não era a minha cidade, que não era o lugar onde eu acabaria morando pelo resto da vida. Havia alguma coisa em Roma que não me pertencia, e eu não conseguia muito bem descobrir

o que era. Bem na hora em que estávamos falando, um lembrete visual muito útil passou pela calçada. Era a típica romana – uma mulher de quarenta e poucos anos incrivelmente bem conservada, coberta de jóias, calçando saltos de 10 centímetros, uma saia bem justa com uma fenda comprida como um braço e um daqueles óculos escuros que mais parecem carros de corrida (e que provavelmente custam o mesmo preço). Ela passeava com seu cachorrinho de madame preso por uma coleira cravejada de pedras, e a gola de pele de seu casaco justo parecia ter sido feita da pelagem de seu cachorrinho de madame anterior. Ela exalava uma aura incredivelmente glamorosa de: “Você vai olhar para mim, mas eu me recuso a olhar para você.” Era difícil imaginar que ela um dia, por dez minutos de sua vida que fosse, houvesse deixado de usar rímel. Essa mulher era o completo oposto de mim, que me visto em um estilo que minha irmã chama de “bicho-grilo vai à aula de ioga de pijama”.

Aponte aquela mulher para Giulio e falei:

– Está vendo, Giulio... *aquilo* é uma romana. Roma não pode ser a cidade dela e a minha cidade também. Só uma de nós realmente pertence a este lugar. E eu acho que nós dois sabemos quem é.

Giulio falou:

– Talvez você e Roma só tenham palavras diferentes.

– Como assim?

Ele disse:

– Você não sabe que o segredo para entender uma cidade e seus habitantes é aprender qual a palavra da rua?

Ele prosseguiu explicando, em uma mistura de inglês, italiano e gestos, que toda cidade tem uma única palavra que a define, que identifica a maioria das pessoas que mora ali. Se você pudesse ler o pensamento das pessoas que passam por você nas ruas de qualquer cidade, descobriria que a maioria delas está tendo o mesmo pensamento. Qualquer que seja esse pensamento da maioria – essa é a palavra da cidade. E, se a sua palavra pessoal não combinar com a palavra da cidade, então ali não é realmente o seu lugar.

– Qual é a palavra de Roma? – perguntei.

- SEXO – anunciou ele.
- Mas isso não é um estereótipo a respeito de Roma?
- Não.
- Mas com certeza existem *algumas* pessoas em Roma que pensam em outra coisa que não sexo?

Giulio insistiu:

- Não. Todas elas, o dia inteiro, só pensam em SEXO.
- Até lá no Vaticano?
- Aí é outra coisa. O Vaticano não faz parte de Roma. Eles lá têm um mundo diferente. A palavra deles é PODER.
- Eu chutaria FÉ.
- É PODER – repetiu ele. – Acredite em mim. Mas a palavra de Roma... é SEXO.

Se formos acreditar em Giulio, essa palavrinha – SEXO – calça as ruas que você pisa em Roma, jorra dos chafarizes daqui, enche o ar como o barulho do tráfego. Pensar nisso, vestir-se para isso, aceitar isso, recusar isso, fazer disso um esporte e um jogo – é só o que todo mundo está fazendo. O que faria um pouco de sentido para explicar por que, por mais linda que seja a cidade, eu não sinto que Roma seja exatamente o meu lar. Não neste momento da minha vida. Porque SEXO não é a minha palavra agora. Já foi, em outros momentos da minha vida, mas agora não é. Assim, a palavra de Roma, rodopiando pelas ruas, só faz esbarrar em mim e seguir seu caminho, sem causar nenhum impacto. Não participo da palavra, portanto não estou morando aqui por completo. É uma teoria maluca, impossível de se provar, mas eu até que gosto dela.

– Qual a palavra de Nova York? – perguntou Giulio.

Pensei no assunto por um instante e me decidi.

– É um verbo, é claro. Eu acho que é CONQUISTAR.

(O que é sutil mas significativamente diferente da palavra de Los Angeles, acho eu, que também é um verbo: CONSEGUIR. Mais tarde, compartilharei essa teoria toda com minha amiga sueca Sofie, e ela emitirá a opinião de que a palavra das ruas de Estocolmo é CONFORMAR, o que deixa nós duas deprimidas.)

– Qual a palavra de Nápoles? – perguntei a Giulio. Ele conhece bem o sul da Itália.

– BRIGAR – decide ele. – Qual era a palavra da sua família quando você era pequena?

Essa era difícil. Eu estava tentando pensar em uma só palavra que, de alguma forma, conjugasse FRUGAL e IRREVERENTE. Mas Giulio já havia passado à pergunta seguinte e mais óbvia:

– Qual é a sua palavra?

Eu definitivamente não soube responder *isso*.

No entanto, depois de algumas semanas pensando no assunto, ainda não consigo responder. Conheço algumas palavras que com certeza não são. A minha palavra não é CASAMENTO, isso é óbvio. Não é FAMÍLIA (embora essa seja a palavra da cidade na qual vivi durante alguns anos com meu marido e, como não me encaixei nela, esse foi um dos grandes motivos para o meu sofrimento). A minha palavra não é mais DEPRESSÃO, graças a Deus. Não tenho medo de compartilhar a palavra de Estocolmo, CONFORMAR. Mas tampouco sinto que a palavra de Nova York, CONQUISTAR, seja mais tão condizente comigo, embora esse de fato tenha sido meu mundo dos 20 aos 30 anos. Minha palavra pode ser BUSCAR. (Mas, vamos ser honestos: poderia com a mesma facilidade ser ESCONDER-SE.) Durante os últimos meses na Itália, a minha palavra foi basicamente PRAZER, mas essa palavra não combina com todas as partes de mim, ou então eu não estaria tão ansiosa para chegar à Índia. A minha palavra pode ser DEVOÇÃO, embora isso me faça soar mais boazinha do que sou, e não leve em conta a quantidade de vinho que tenho bebido.

Não sei a resposta, e imagino que seja essa a finalidade deste ano de viagem. Encontrar a minha palavra. Mas uma coisa eu posso dizer com segurança – ela não é SEXO.

Ou, pelo menos, é isso que eu digo. Vocês poderiam me explicar, então, por que hoje meus pés me levaram quase por moto próprio até uma lojinha discreta perto da Via Condotti, onde – guiada pelas mãos experientes da sensual jovem vendedora italiana – passei algumas horas

de sonho (e gastei uma quantidade de dinheiro equivalente a uma passagem aérea de longa distância) comprando lingerie suficiente para vestir uma concubina do sultão durante mil e uma noites. Comprei sutiãs de todos os formatos e tamanhos. Comprei baby-dolls vaporosos, minúsculos, calcinhas estilosas de todas as cores do arco-íris, combinações feitas de cetim sedoso e sedas quase transparentes, fitinhas e outras coisas feitas a mão, e basicamente uma sucessão interminável de mimos aveludados, rendados e atrevidos dignos de uma comemoração de Dia dos Namorados.

Nunca tive peças assim na vida. Então, por que agora? Enquanto saía da loja, carregando embaixo do braço minha sacola de safadezas embrulhadas em papel de seda, subitamente me lembrei da pergunta angustiada que ouvira um torcedor de futebol romano gritar na outra noite, durante o jogo do Lazio, quando o craque do time, Albertini, havia passado a bola para absolutamente ninguém em um momento crítico, sem nenhum motivo, arruinando totalmente a jogada.

– *Per chi?* – gritara o torcedor, quase ensandecido. – *Per chi???*

Para QUEM??? Para quem você está fazendo esse passe, Albertini? Não tem *ninguém* ali!

Já na rua, depois de minhas horas delirantes comprando lingerie, lembrei-me dessa pergunta e a repeti para mim mesma em um sussurro:

– *Per chi?*

Para quem, Liz? Para quem toda essa sensualidade decadente? Não tem *ninguém* ali. Só me restavam poucas semanas na Itália e eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de transar com ninguém. Ou será que tinha? Será que finalmente havia sido afetada pela palavra das ruas de Roma? Seria aquilo um esforço final para me tornar italiana? Seria aquilo um presente para mim mesma, ou um presente para algum amante que sequer havia sido imaginado ainda? Seria uma tentativa de começar a curar minha libido depois do desastre de confiança sexual do meu último relacionamento?

– Você vai levar esses trecos todos para a *Índia?* – perguntei a mim mesma.

Este ano, o aniversário de Luca Spaghetti cai no dia de Ação de Graças americano, então ele quer preparar um peru para sua festa. Ele nunca sequer comeu um daqueles perus enormes, gordos e assados que as pessoas comem nos Estados Unidos nesse feriado, embora já os tenha visto em fotografias. Acha que seria fácil reproduzir um banquete assim (especialmente com a ajuda de uma americana de verdade, eu). Diz que podemos usar a cozinha de seus amigos Mario e Simona, que têm uma casa grande e agradável nas montanhas próximas a Roma, e sempre a oferecem para as festas de aniversário de Luca.

Então o plano de Luca para as festividades era o seguinte: ele iria me buscar por volta das sete horas da noite, na saída do trabalho, e deixaríamos Roma rumo ao norte para chegar à casa dos seus amigos dali a mais ou menos uma hora (lá encontraríamos os outros convidados da festa de aniversário), onde beberíamos um pouco de vinho e conversaríamos um pouco, e então, provavelmente por volta das nove da noite, começaríamos a assar um peru de 10 quilos...

Precisei explicar um pouco para Luca o tempo que se leva para assar um peru de 10 quilos. Disse-lhe que o seu banquete de aniversário estaria pronto para ser comido provavelmente quando o dia seguinte estivesse nascendo. Ele ficou arrasado.

– Mas, e se a gente comprasse um peru bem pequenininho? Um peru recém-nascido?

– Luca – falei –, vamos simplificar tudo isso e comer pizza, como metade de todas as boas famílias disfuncionais americanas faz no dia de Ação de Graças.

Mas ele ainda está triste. Há, porém, uma tristeza generalizada em Roma neste momento, de toda forma. O tempo esfriou. Os funcionários dos esgotos, dos trens e da companhia aérea nacional todos fizeram greve no mesmo dia. Um estudo acaba de ser lançado dizendo que 36% das crianças italianas são alérgicas ao glúten usado para fazer macarrão, pizza e pão, o que é um golpe violento para a cultura italiana.

Pior ainda, li recentemente um artigo com a chocante manchete: “*Insoddisfatte 6 donne su 10!*” O que significa que seis em cada dez italianas estão sexualmente insatisfeitas. Além disso, 35% dos homens italianos relatam dificuldades para manter *un’erezione*, deixando os pesquisadores de fato muito *perplexi*, e fazendo-me pensar se, no final das contas, seria adequado permitir que SEXO continue a ser a palavra especial de Roma.

Uma notícia ruim mais séria: 19 soldados italianos foram mortos recentemente na Guerra dos Americanos (como é chamada aqui) no Iraque – o maior número de mortes militares na Itália desde a Segunda Guerra Mundial. Os romanos ficaram chocados com essas mortes, e a cidade parou no dia em que os rapazes foram enterrados. A grande maioria dos italianos não quer ter nada a ver com a guerra de George Bush. O envolvimento foi uma decisão de Silvio Berlusconi, primeiro-ministro italiano (mais comumente chamado por aqui de *l’idiota*). Esse empresário desprovido de intelecto, proprietário de um clube de futebol, mergulhado em maracutaiais e sordidez, que regularmente envergonha seus conterrâneos fazendo gestos obscenos no Parlamento europeu, que dominou a arte de falar *l’aria fritta* (“ar frito”), que manipula a mídia com astúcia (o que não é muito difícil, já que a mídia é sua), e que de modo geral não se comporta de forma alguma como um verdadeiro líder mundial, mas sim como o prefeito corrupto de uma cidade do interior, agora envolveu os italianos em uma guerra que eles consideram não ser absolutamente problema seu.

– Eles morreram em nome da liberdade – disse Berlusconi no enterro dos 19 soldados italianos, mas a maioria dos romanos tem uma opinião diferente: *Eles morreram em nome da vingança pessoal de George Bush*. Nessa atmosfera política, seria possível pensar que a vida de uma visitante americana fosse ser difícil. De fato, quando cheguei à Itália, eu esperava encontrar algum ressentimento mas, em vez disso, tive direito à empatia da maior parte dos italianos. Em qualquer referência a George Bush, as pessoas simplesmente fazem um movimento de cabeça em direção a Berlusconi e dizem: “A gente sabe como é: aqui também tem um desse tipo.”

Nós já passamos por isso.

Assim, dadas essas circunstâncias, é estranho que Luca queira usar o seu aniversário para comemorar um dia de Ação de Graças à americana, mas eu bem que gosto da idéia. Ação de Graças é um feriado legal, do qual um americano pode sentir orgulho sem constrangimento, nossa única festa nacional que permanece relativamente livre da exploração comercial. É um dia de gratidão, de agradecimentos, de comunidade, e – isso mesmo – de *prazer*. Poderia ser exatamente aquilo de que nós todos precisamos agora.

Minha amiga Deborah, da Filadélfia, veio passar o fim de semana em Roma para comemorar o feriado comigo. Deborah é uma psicóloga internacionalmente respeitada, escritora e teórica feminista, mas ainda penso nela como minha cliente regular preferida na época em que eu era garçonzete em um restauantezinho da Filadélfia, e ela vinha almoçar, tomar Coca *diet* sem gelo e me dizer coisas inteligentes por cima do balcão. Ela realmente dava um toque de classe àquele restaurante. Já fazia mais de 15 anos que éramos amigas. Sofie também irá à festa de Luca. Sofie e eu somos amigas há mais ou menos 15 semanas. Todo mundo é sempre bem-vindo no dia de Ação de Graças. Especialmente quando, por acaso, nesse dia também se comemora o aniversário de Luca Spaghetti.

No final da tarde, saímos de carro de uma Roma cansada, estressada, em direção às montanhas. Luca adora música americana, então escutamos The Eagles aos berros e cantamos: “*Take it... to the limit... one more time!!!!!!*” (vá até o limite mais uma vez!), o que fornece uma estranha trilha sonora californiana a nosso trajeto entre bosques de oliveiras e aquedutos antigos. Chegamos à casa dos velhos amigos de Luca, Mario e Simona, pais das gêmeas de 12 anos Giulia e Sara. Paolo – amigo de Luca, que eu já tinha encontrado em jogos de futebol – também está lá, com a namorada. É claro que a namorada do próprio Luca, Giuliana, está lá também, depois de ter feito a viagem mais cedo. A casa é lindíssima, escondida em meio a um bosque de oliveiras, tangerineiras e limoeiros. A lareira está acesa. O azeite é feito em casa.

Evidentemente, não temos tempo para assar um peru de 10 quilos, mas Luca doura lindos filés de peito de peru, e eu comando um esforço coletivo relâmpago para preparar um recheio de Ação de Graças com as migalhas de um delicioso pão italiano, fazendo as substituições culturais necessárias (tâmaras em vez de damascos; funcho em vez de aipo). Não sei bem como, mas fica delicioso. Luca estava preocupado com a forma como a conversa iria evoluir durante a noite, já que metade dos convidados não fala inglês e a outra metade não fala italiano (e só Sofie fala sueco), mas essa parece ser uma daquelas noites milagrosas em que todo mundo consegue se entender perfeitamente ou, pelo menos, o vizinho consegue traduzir quando alguma palavra se perde.

Perco a conta de quantas garrafas de vinho sardo bebemos antes de Deborah sugerir, à mesa, que observemos um agradável costume americano típico dessa noite: darmos as mãos e – um de cada vez – falarmos sobre aquilo por que mais somos gratos. Essa montagem de gratidão, em três idiomas diferentes, vai então se desenhando, um testemunho por vez.

Deborah começa dizendo que se sente grata pelo fato de que os Estados Unidos em breve terão a oportunidade de escolher um novo presidente. Sofie diz (primeiro em sueco, depois em italiano, depois em inglês) que é grata pelo coração generoso dos italianos, e por aqueles quatro meses em que lhe foi permitido vivenciar tanto prazer nesse país. As lágrimas começam quando Mario – nosso anfitrião – começa a chorar de pura gratidão, enquanto agradece a Deus pelo trabalho que teve na vida, e que lhe permitiu ter essa linda casa para sua família e seus amigos desfrutarem. Paolo ri ao dizer que também se sente grato pelo fato de que os Estados Unidos em breve terão a oportunidade de eleger um novo presidente. Fazemos um silêncio de respeito coletivo pela pequena Sara, uma das gêmeas de 12 anos, quando ela tem a coragem de compartilhar o fato de que se sente grata por estar aqui essa noite com pessoas tão legais, porque tem tido um período difícil na escola ultimamente – alguns dos outros alunos a estão maltratando –, “então obrigada por serem simpáticos comigo hoje e por não serem malvados comigo como eles são”. A namorada de Luca diz que é grata

pelos anos de lealdade que Luca lhe demonstrou e pelo calor com o qual ele cuidou da família dela em épocas difíceis. Simona – nossa anfitriã – chora ainda mais copiosamente do que o marido ao expressar sua gratidão pelo fato de um novo costume de celebração e agradecimento ter sido trazido para a sua casa por aquelas desconhecidas dos Estados Unidos, que na verdade não são nada desconhecidas, mas amigas de Luca, e, portanto, amigas da paz.

Quando chega a minha vez de falar, começo: “*Sono grata...*”, mas em seguida descubro que sou incapaz de dizer o que realmente estou pensando. A saber, que sou muito grata por, nessa noite, estar livre da depressão que vinha me roendo como um rato durante tantos anos, uma depressão que havia corroído a minha alma tão fundo que, em determinado momento, eu não teria sido capaz de desfrutar uma noite agradável como essa. Não menciono nada disso, porque não quero assustar as crianças. Em vez disso, digo uma verdade mais simples – que sou grata pelos amigos antigos e novos. Que, mais especialmente nessa noite, sou grata por Luca Spaghetti. Que espero que ele tenha um feliz aniversário de 33 anos, e espero que viva uma vida longa, de modo a servir de exemplo para outros homens de como ser uma pessoa generosa, leal e carinhosa. E que espero que ninguém se importe de eu estar chorando ao dizer isso, embora eu não ache que eles vão se importar, já que todos os outros estão chorando também.

Luca está tão tomado pela emoção que não consegue encontrar palavras a não ser para nos dizer:

– As suas lágrimas são a minha prece.

O vinho sardo continua rolando. E, enquanto Paolo lava a louça, Mario leva as filhas cansadas para a cama, Luca toca violão e todos cantam embriagados canções de Neil Young com sotaques variados, Deborah, a psicóloga americana feminista, me diz em voz baixa:

– Olhe em volta para esses bons homens italianos. Olhe como eles são abertos a seus sentimentos, e como participam com carinho da vida familiar. Olhe a consideração e o respeito que demonstram pelas mulheres e crianças em suas vidas. Não acredite no que você lê no jornal, Liz. Este país vai muito bem.

Nossa festa só termina quase com o dia raiando. No final das contas, poderíamos ter assado aquele peru de 10 quilos e comido no café-da-manhã. Luca Spaghetti nos leva de volta para casa, eu, Deborah e Sofie. Tentamos ajudá-lo a ficar acordado enquanto o sol se levanta, cantando canções de Natal. Viajamos cantando “Noite Feliz” sem parar, em todas as línguas que conhecemos, enquanto voltamos todos juntos para Roma.

35

Não dava para segurar. Depois de quase quatro meses na Itália, nenhuma das minhas calças cabe mais em mim. Nem mesmo as roupas novas que comprei no mês passado (quando as calças do meu “Segundo Mês na Itália” já não cabiam em mim) cabem em mim. Não tenho dinheiro para renovar meu guarda-roupa inteiro a cada três semanas, e tenho consciência de que em breve estarei na Índia, onde os quilos simplesmente irão *derreter*, mas mesmo assim – não posso andar mais com essas calças. Não consigo suportar.

Tudo isso faz sentido, já que recentemente subi na balança de um hotel italiano chique e descobri que tinha engordado 10 quilos durante meus quatro meses na Itália – uma estatística verdadeiramente admirável. Sete desses quilos eu realmente precisava engordar, já que havia ficado esquelética durante aqueles últimos anos difíceis de divórcio e depressão. Os outros 2 quilos engordei só por diversão. E o último quilo? Só para reforçar a tendência, imagino.

Mas o fato é que me vejo comprando uma roupa que sempre irei guardar em minha vida como uma lembrança querida: “O Jeans do meu Último Mês na Itália”. A mocinha da loja é simpática o suficiente para me trazer tamanhos cada vez maiores, entregando-os um depois do outro para mim pela cortina sem fazer nenhum comentário, apenas perguntando, preocupada, se dessa vez *esta* está mais perto de servir. Várias vezes precisei botar a cabeça para fora da cortina e perguntar:

– Desculpe... a senhorita teria outra *um pouquinho* maior? – Até a mocinha simpática finalmente me entregar um jeans com uma medida de cintura que faz meus olhos doerem só de olhar. Saio da cabine e me posto na frente da vendedora.

Ela nem pestaneja. Olha para mim como uma curadora de arte tentando estimar o valor de um vaso. Um vaso bem grande.

– *Carina* – decide ela, por fim. Bonitinha.

Pergunto-lhe, em italiano, se ela poderia por favor me dizer honestamente se aquele jeans está me deixando parecida com uma vaca.

Não, *signorina*, é a resposta. Não está parecendo uma vaca.

– Estou parecendo uma leitoa, então?

Não, garante-me ela muito séria. Também não me pareço nada com uma leitoa.

– Talvez uma búfala?

Isto está virando um bom treino de vocabulário. Também estou tentando arrancar um sorriso da vendedora, mas ela está decidida a permanecer profissional.

Tento outra vez:

– Talvez eu esteja parecendo uma *mozzarella* de búfala?

Tudo bem, *talvez*, admite ela, sorrindo de leve. Talvez esteja um pouco parecida com uma *mozzarella* de búfala...

36

Só tenho mais uma semana aqui. Estou planejando voltar para os Estados Unidos para passar o Natal antes de ir para a Índia, não apenas porque não consigo imaginar passar o Natal longe da minha família, mas também porque os próximos oito meses da minha viagem – Índia e Indonésia – exigem que eu refaça as malas inteiramente. Muito poucas das coisas de que você precisa quando está morando em Roma são as mesmas de que você precisa quando está viajando pela Índia.

E talvez seja como preparação para minha viagem à Índia que decido passar essa última semana viajando pela Sicília – a parte mais tercei-

ro-mundista da Itália e, portanto, um bom lugar aonde ir caso você esteja precisando se preparar para vivenciar a pobreza extrema. Ou talvez eu só queira ir à Sicília por causa do que disse Goethe: “Sem ver a Sicília, não se pode ter uma idéia clara do que é a Itália.”

Mas não é fácil chegar à Sicília ou movimentar-se por lá. Precisei usar todo o meu talento de detetive para encontrar um trem que circulasse aos domingos até o sul do país pela costa, e depois para encontrar um barco até Messina (cidade portuária siciliana assustadora e de ar suspeito, que parece uivar por trás das portas fechadas: “Não é culpa minha ser tão feia assim! Eu já passei por terremotos, bombardeios e também sofri nas mãos da Máfia!”). Quando chego a Messina, preciso descobrir uma rodoviária (encardida como os pulmões de um fumante) e encontrar o homem cujo trabalho é ficar sentado na bilheteria, maldizendo a própria vida, para ver se ele por favor pode me vender uma passagem para a cidade costeira de Taormina. Em seguida, chacoalho por entre as colinas e praias do estupendo e acidentado litoral leste da Sicília até chegar a Taormina, e então preciso encontrar um táxi, e em seguida preciso encontrar um hotel. Depois disso, preciso encontrar a pessoa certa a quem fazer minha pergunta preferida em italiano: “Onde se come a melhor comida desta cidade?” Em Taormina, essa pessoa acaba sendo um policial sonolento. Ele me dá uma das melhores coisas que qualquer pessoa pode me dar na vida – um pedacinho minúsculo de papel com o nome de um restaurante obscuro, e um mapa feito à mão mostrando como chegar lá.

Descubro que o restaurante é uma pequenina *trattoria* cuja simpática dona, já velhinha, prepara-se para a chegada dos clientes da noite pondo-se em pé em cima de uma mesa com os pés calçando meias finas, tentando não derrubar seu presépio de Natal enquanto limpa as vidraças do restaurante. Digo a ela que não preciso ver o cardápio, mas peço-lhe simplesmente para me trazer a melhor comida possível, porque essa é minha primeira noite na Sicília. Ela esfrega as mãos de prazer e grita alguma coisa em dialeto siciliano para sua mãe ainda mais vetusta, que está na cozinha, e vinte minutos depois estou ocupada comendo aquela que é, sem sombra de dúvida, a refeição mais sensacio-

nal que já comi na Itália toda. É um prato de massa, mas de um formato que nunca vi antes – grandes folhas de massa fresca dobradas ao estilo dos *raviolis* no formato (embora não do mesmo tamanho) de chapéus de papa, recheadas com um purê quente e aromático feito de crustáceos, polvo e lula, servidas como uma salada quente misturadas a mexilhões frescos e fatias de legumes variados, tudo nadando em um molho à base de azeite de oliva e caldo de frutos do mar. Seguido por um coelho de panela com tomilho.

Mas Siracusa, no dia seguinte, é melhor ainda. O ônibus me cospe em uma esquina de rua bem no meio da chuva fria, com o dia já bem avançado. Apaixono-me imediatamente por essa cidade. Em Siracusa, 3 mil anos de história repousam sob meus pés. É um lugar de civilização tão antiga que faz Roma parecer Dallas. O mito diz que Dédalo voou para cá vindo de Creta, e que Hércules já passou a noite aqui. Siracusa era uma colônia grega que Tucídides chamava de “uma cidade em nada inferior à própria Atenas”. Siracusa é o vínculo entre a Grécia antiga e a Roma antiga. Muitos dramaturgos e cientistas famosos da Antigüidade viveram aqui. Platão pensou que a cidade seria o local ideal para um experimento utópico onde talvez, “por alguma divina fatalidade”, os governantes pudessem se tornar filósofos, e os filósofos, governantes. Os historiadores dizem que a retórica foi inventada em Siracusa, assim como (e isso é só um detalhe) a noção de *trama*.

Caminho pelos mercados dessa cidade em ruínas e meu coração se enche de um amor que não consigo identificar ou explicar, enquanto observo o velho de boina de lã preta limpar um peixe para um cliente (ele enfiou o cigarro no canto da boca para segurá-lo, do mesmo jeito que uma costureira mantém a boca cheia de alfinetes enquanto costura; sua faca trabalha nos filés do peixe com a perfeição de um devoto). Timidamente, pergunto ao peixeiro onde deveria comer à noite, e termino a conversa segurando mais um pedacinho de papel que me leva até um restaurante sem nome, onde – assim que me sento nessa noite – o garçom me traz nuvens etéreas de ricota salpicadas de pistaches, fatias de pão flutuando em azeites aromáticos, pequeninos pratos de carnes e azeitonas fatiadas, uma salada de gomos de laranja gelados com

molho de cebolas cruas e salsa. Isso antes mesmo de eu ouvir falar na especialidade da casa: lulas.

“Nenhuma cidade pode viver em paz, quaisquer que sejam suas leis”, escreveu Platão, “quando seus cidadãos... não fazem nada senão banquetear-se, beber e entregar-se até a exaustão às preocupações do amor.”

Mas seria tão ruim assim viver desse jeito só por algum tempo? Só por alguns meses da vida de uma pessoa, seria tão terrível assim viajar pelo tempo sem outra ambição que não encontrar a próxima refeição deliciosa? Ou aprender a falar um idioma sem nenhum propósito maior do que o fato de que ele é agradável aos seus ouvidos? Ou tirar um cochilo em um jardim, em uma nesga de sol, no meio do dia, bem ao lado de seu chafariz preferido? E depois fazer a mesma coisa no dia seguinte?

É claro que não se pode viver assim para sempre. A vida real, as guerras, os traumas e a mortalidade acabarão por intervir. Aqui, na Sicília, com sua pobreza assustadora, a vida real nunca está muito distante do pensamento de ninguém. Há séculos a Máfia é o único negócio que dá certo na Sicília (sua especialidade: proteger os cidadãos de si própria), e ela ainda tem influências na vida de todos os habitantes. Palermo – cidade que Goethe certa vez alegou possuir uma beleza impossível de descrever – talvez seja hoje a única cidade da Europa ocidental onde você ainda pode visitar destroços da Segunda Guerra Mundial, isso só para dar uma idéia do nível de desenvolvimento do lugar. A cidade foi sistematicamente enfeada, além de qualquer descrição possível, pelos horrorosos e pouco seguros prédios de apartamentos construídos pela Máfia durante os anos 1980 para lavar dinheiro sujo. Perguntei a um siciliano se aqueles prédios eram feitos de concreto barato, e ele respondeu:

– Ah, não... esse concreto é muito caro. Cada leva sua contém alguns corpos de pessoas mortas pela Máfia, e isso custa dinheiro. Mas o concreto fica mesmo mais resistente ao ser reforçado com todos esses ossos e dentes.

Em um ambiente assim, será talvez um pouco superficial pensar apenas em sua próxima refeição maravilhosa? Ou será que isso é o

melhor que você pode fazer, tendo em vista as realidades mais duras? Luigi Barzini, em sua obra-prima de 1964, *Os Italianos* (escrita depois de ele finalmente se cansar de estrangeiros escrevendo sobre a Itália, amando-a ou odiando-a demais), tentou colocar os pingos nos *is* em relação à sua própria cultura. Tentou explicar por que os italianos produziram as maiores mentes artísticas, políticas e científicas de todos os tempos, mas ainda assim não se tornaram uma potência mundial. Por que eles são os maiores mestres da diplomacia verbal do planeta, mas ainda são tão ineptos no governo de seu próprio país? Por que são individualmente tão corajosos e, no entanto, coletivamente tão malsucedidos em seu exército? Como podem ser comerciantes tão astutos no nível pessoal e, no entanto, capitalistas tão ineficientes como nação?

Suas respostas a essas perguntas são complexas demais para que eu as possa reproduzir aqui, mas têm muito a ver com uma triste história italiana de corrupção de líderes locais e de exploração por potências estrangeiras, que acabou levando os italianos, de forma geral, a chegarem à conclusão aparentemente certa de que ninguém nem nada neste mundo é digno de confiança. Já que o mundo é tão corrupto, mentiroso, instável, exagerado e injusto, só se deveria confiar naquilo que se puder provar com os próprios sentidos, e *isso* torna os sentidos na Itália mais fortes do que em qualquer lugar da Europa. É por isso, diz Barzini, que os italianos toleram generais, presidentes, tiranos, professores, burocratas, jornalistas e industriais de medonha incompetência, mas jamais irão tolerar a incompetência de “cantores de ópera, regentes, bailarinas, cortesãs, atores, cineastas, cozinheiros, alfaiates...”. Em um mundo de desordem, desastre e fraude, algumas vezes só a beleza merece confiança. Somente a excelência artística é incorruptível. O prazer não pode ser sucateado. E, algumas vezes, a comida é a única moeda real.

Dedicar-se à criação e ao usufruto da beleza pode ser, portanto, um negócio sério – nem sempre necessariamente uma forma de fugir da realidade mas, algumas vezes, uma forma de ater-se à realidade, quando todo o resto está se desfazendo em... retórica e trama. Não muito tempo atrás, as autoridades prenderam uma confraria de monges católicos

na Sicília que estava em estreito conluio com a Máfia, então em quem se pode confiar? Em que se pode acreditar? O mundo é duro e injusto. Erga a voz contra essa injustiça e, pelo menos na Sicília, você vai acabar nos alicerces de um prédio novo e feio. Em um ambiente assim, o que você pode fazer para conservar uma noção de sua dignidade humana individual? Talvez nada. Nada, talvez, a não ser orgulhar-se do fato de sempre tirar filés perfeitos do seu peixe ou de fabricar a mais leve ricota da cidade inteira?

Não quero ofender ninguém fazendo uma comparação exagerada entre mim e o sofredor povo siciliano. As tragédias da minha vida foram de uma natureza pessoal, e em grande parte criadas por mim mesma, e não foram opressivas em proporções épicas. Enfrentei um divórcio e uma depressão, não séculos de tirania assassina. Tive uma crise de identidade, mas também tive recursos (financeiros, artísticos e emocionais) com os quais tentei resolvê-la. Mesmo assim, direi que a mesma coisa que ajudou gerações de sicilianos a manter sua dignidade ajudou-me a recuperar a minha – a saber, a idéia de que apreciar o prazer pode ser a âncora de humanidade de uma pessoa. Acho que foi isso que Goethe quis expressar quando disse que é preciso vir até aqui, à Sicília, para entender a Itália. E imagino que seja exatamente isso que senti quando precisei vir até aqui, à Itália, para entender a mim mesma.

Foi em uma banheira em Nova York, lendo em um dicionário palavras em italiano em voz alta, que comecei pela primeira vez a curar minha alma. Minha vida estava despedaçada, e eu estava tão irreconhecível para mim mesma que provavelmente não teria reconhecido meu próprio rosto em uma identificação policial. No entanto, quando comecei a aprender italiano, senti um vislumbre de felicidade, e, quando você sente um tênue potencial de felicidade depois de épocas tão sombrias, precisa agarrar essa felicidade com todas as suas forças, e não soltá-la até ela arrastar você para fora da lama – não se trata de egoísmo, mas sim de libertação. Você recebeu a vida; é seu dever (e também seu direito como ser humano) encontrar alguma coisa de belo nessa vida, por mais ínfima que seja.

Cheguei à Itália abatida e magra. Ainda não sabia o que eu merecia. Talvez eu ainda não saiba totalmente o que mereço. Porém, o que sei é

que, ultimamente, eu me recuperei – graças à alegria de prazeres inofensivos – e tornei-me alguém muito mais intacto. A maneira mais fácil, mais fundamentalmente humana de dizer isso é que *eu engordei*. Existo mais agora do que há quatro meses atrás. Deixarei a Itália perceptivelmente maior do que quando cheguei aqui. E irei embora com a esperança de que a expansão de uma pessoa – a ampliação de uma vida – seja realmente um ato de valor neste mundo. Mesmo que essa vida, só dessa vezinha, por acaso seja apenas minha e de mais ninguém.